

REVISTA DA SEMANA

N. 24 16-6-56 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

NA OPINIÃO DE MONTEIRO DE CASTRO:

FOI TENÓRIO QUEM "COBRIU" A
RETIRADA PARA O "TAMANDARÉ"

MISS DISTRITO FEDERAL UM POUCO NA INTIMIDADE



Os revendedores

ELGIN

desafiam

seu poder de atenção!



resolva aqui o
GRANDE TESTE

Há um
tesouro em
sua **ELGIN**

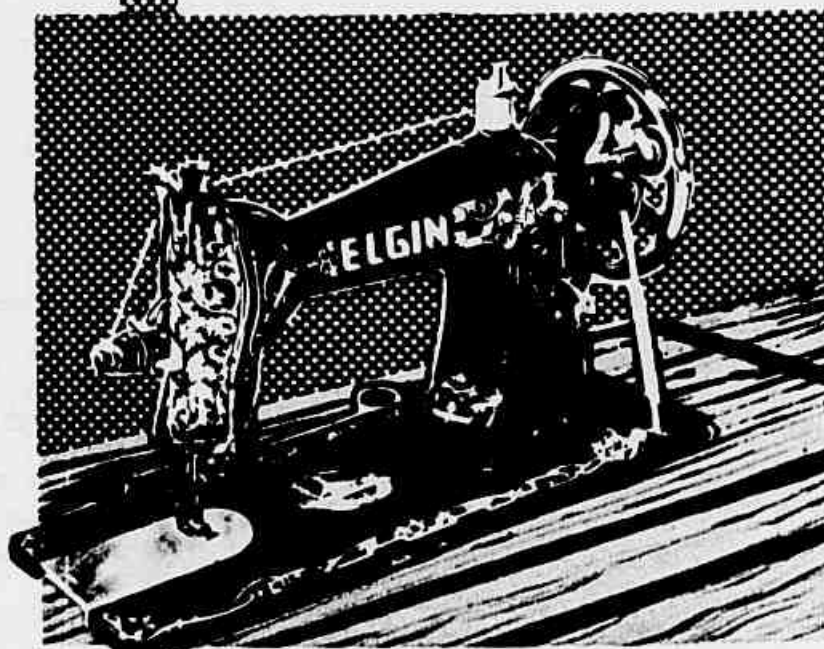
- Conte quantas **ELGIN** podem ser formadas com as letras da arca.
- Preencha no seu Revendedor **ELGIN** mais próximo a fórmula apropriada dando o resultado do teste.
- Se o seu resultado fôr o certo, V. receberá pelo correio um interessante passatempo - grátis!
- Só serão consideradas as respostas que nos chegarem até 15 de Julho do corrente ano.

Faça agora o teste de qualidade...

Experimente no Revendedor **ELGIN** a mais suave, rápida e completa máquina de costura que V. poderia desejar!

E Lembre-se sempre que para máxima garantia de uma costura perfeita, há um tesouro em sua **ELGIN**!

LINCE prop.



ELGIN - Fábrica de Máquinas de Costura S. A.
Caixa Postal, 4575 - São Paulo



ELGIN - A MÁQUINA DE COSTURA DE FAMA MUNDIAL

20 anos de garantia

OS REVENDEDORES ELGIN - DE NORTE A SUL EM TODO O BRASIL!

Ano 56 — N° 24 — Rio de Janeiro — 16-6-56

REDATOR-CHEFE — Celestino Silveira

ASSISTENTE — José Roberto Teixeira Leite

PAGINADOR — Victor Tapajós

COLABORADORES — Bolivar Costa, Demóstenes Varela, Eduardo Tourinho, Eneida, Fernando Lôbo, Fortuna, Hélio Abreu, Hynenny Gomes Ferreira, Jeff Thomas, José Maria Rodrigues, Sérgio Silveira, W. Guarnieri.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Jeronymo Ribeiro, Marius, Maria Tereza, Ramón.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, Newton Viana, Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

◆ REPORTAGENS

Margarida, flor de cactus	4/6
A Mocidade Protesta	18/21
Crabb, o Homem-Rã	24/25
Lêda, Namorada do Rio	31/34
O Primeiro Filme de «Mocinho»	41/43
Pernas e Dentes Caninos	46/47
Givenchy — Soirée no Copa	48/49
Entrevista com o sr. Monteiro de Castro	58/61

◆ SEÇÕES

Flash Paulista	7
Semana em Revista	8/9
Puxe pelo Cérebro	10
Figura em Foco (Álvaro Lins)	11
Palavras Cruzadas	16
Pelas Esquinas da Noite	22
Itinerário do Brasil	23
Artes	27
Por Esse Mundo de Deus	28/29
TV na Revista	30
Música	39
Revista há 50 Anos	40
Astrológica	44
Literatura	45
Conversa de Mulher	54/55
Grand Monde	56/57
Último Flash	62

◆ HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------------	-------

◆ LITERATURA

Estudantes e Bondes (Eneida)	3
O Polvo (Gladkov)	14/15
Solidão (Vilma Sant'Anna Arêas)	51

◆ VARIEDADES

O Enigmático Kapitza	12/13
Automatismo: Máquina X Homem	26/27
A Coroa e a Espada	36/37
Que é um Batista?	38/39

◆ CAPA

Vivien Leigh — Kodachrome da FOX

Este número consta de 64 páginas.



ESTUDANTES E BONDES

◆ E' junho; maio se despediu de nós pedindo muitas desculpas pelo seu mau comportamento. Foi um triste mês de chuvas, quando está marcado nas folhinhas e nos corações que deve ser um mês de flores e sol. Maio partiu, junho chegou e como para demonstrar que nenhum julgamento deve ser eterno, apresentou-se cheio de luz, tão bonito que — creio — temos vontade de pedir: — continue assim, junho, continue fingindo que é maio. Isso acontece nas árvores e paisagens, porque dentro de nós há tristezas; há prantos e dores. Mais uma vez foram bárbaramente espancados, maltratados, humilhados, estudantes ou seja: as vozes bonitas de nossa mocidade. Bem que eles ficaram dizendo à Light que não admitiam o aumento das passagens de bondes. Bem que eles avisaram que não se tripudia assim sobre a vida do povo. O governo e a Light esse monstro de mil cabeças — não acreditaram. Todos sorriam: são meninos, são jovens, não farão nada. E eles fizeram. E como fizeram de início apenas com dignidade, depois com muito sofrimento.

◆ Houve depredações, quebraram, esbandalharam bondes? Nisso fizeram mal, muito mal, os estudantes. Mas qualquer pessoa de mediana cultura sabe que nunca é possível se conter toda uma multidão quando ela se sente ofendida. Não foram os estudantes que quebraram bondes, foram alguns estudantes mais afoitos, menos calmos. E o que representa essa depredação diante do que eles próprios sofreram? Com que direito foram batidos, com que direito o Juiz de Menores veio declarar em portaria — ou lá o que seja — que meninos de menor idade pegados na greve seriam internados no SAM? Então um menino, apenas por que é menino não tem o direito de pensar, sentir, agir? Então vamos tirar de nossa juventude o direito de raciocinar, de julgar? O que há de mais

bonito nessa greve é que nela os estudantes não pensaram em si, não trouxeram apenas as reivindicações, os direitos de sua corporação; não estavam lutando por pequenina coisa. Estavam pensando, amando, dando as mãos ao povo, declarando-se povo, mostrando que se ninguém mais quer respeitar os direitos do povo, eles jovens, meninos, crianças, estão aí para vir à rua protestar, jogar dama no meio de trilhos como fizeram os estudantes de Direito em frente à Faculdade.

Bendita seja a nossa mocidade. E' assim que gosto de vê-la, vibrando, se apaixonando, declarando ativamente amor ao povo. Nunca nos tem faltado, essa mocidade brasileira. Sempre que é necessário ela ressurge tão bela e tão valente como foi a nossa mocidade.

◆ Nunca esquecerei a voz do moço que me telefonou manhã cedo, cheia de lágrimas para contar que a polícia havia invadido a sede da Faculdade de Direito. Ele dizia «da minha faculdade» e contava que ali jovens foram atacados com cassetetes como se a guerra tivesse sido declarada. A guerra contra a nossa juventude. Nunca esquecerei os meninos que mantinham o trânsito diante da União Nacional de Estudantes, como jamais esquecerei os retratos que vi em jornais: corpos tombados, cabeças quebradas, gente tão moça e tão bela sofrendo. Outro dia mãos paraguaias se dirigiram ao Presidente da República do Paraguai protestando porque seus filhos também estudantes e também jovens tinham sido presos e jogados em desconhecidos lugares porque defendiam seus direitos. Essas mãos, num memorial diziam que queriam que seus filhos crescessem como homens, com direito à liberdade. «Queremos que nossos filhos sejam viris física e intelectualmente», diziam elas.

Não será esse o mesmo desejo das mães dos estudantes brasileiros que vieram para nossas ruas mostrar à Light que o povo não pode pagar um tão alto preço de transporte nos seus calhambeques.

E' junho e estamos com dias cheios de luz. Pediremos a junho que continue assim enquanto agradecemos aos estudantes a beleza do gesto que tiveram e da coragem que ensinaram. Benditos sejam.

ENEIDA

MARGARIDA — A FLOR DE C

A REPRESENTANTE DO ESTADO DA PARAÍBA ENTRE AS MAIS FORTES CANDIDATAS AO TÍTULO DE «MISS BRASIL» ★ COM «DUAS POLEGADAS A MAIS» TAMBÉM, COMO MARTA ROCHA...

O Presidente Juscelino Kubitschek, na recente visita que fez à cidade de Campina Grande, palestrava num dos salões do Clube Campinense, rodeado por numerosas pessoas, quando teve sua atenção despertada para um grupo de moças que, de um dos recantos, lhe acenavam com as mãos, cumprimentando-o. Sua Excelência correspondeu, cordialmente, num gesto cortês e voltou a dar atenção aos que o cercavam. Isso, por alguns segundos apenas — pois, imediatamente, tornou a voltar os olhos para contemplar aquela moça esbelta, de porte nobre, que ainda o fitava com timidez. Num gesto maquinal, o Pre-

sidente retirou, do bolso do paletó, o já famoso pente-prêto para proceder a um retoque em seu cabelo.

— Quando o Presidente chega a retirar o pente do bolso, é porque a moça é bonita mesmo... — comentou alguém do grupo, em voz tão alta que fez o primeiro magistrado corar ligeiramente.

Fosse episódio autêntico, vivido pela «Flor de Cactus» da Paraíba — srta. Margarida Vasconcelos — dá bem uma idéia do interesse que desperta a esbeltez e beleza de uma das mais sérias candidatas ao título de «Miss Brasil», concurso que hoje se encerra em Quitandinha.

QUEM É MARGARIDA

Descendente de modesta família do sertão mais agreste de todo o rincão brasileiro — Potira (antiga Barra de S. Miguel, no município de Cabaceiras — terra do Marechal José Pessoa) — a formosa Margarida tem a beleza serena da selvagem «flor de cactus», uma das poucas formas de vida bela no panorama desolador daqueles eitos nordestinos.

Talvez — «seu» Olinto e D. Alice — que ficaram lá no Armazém de Potira — a estas horas mal possam imaginar que a caçula da família vem deslumbrando tanta gente com a



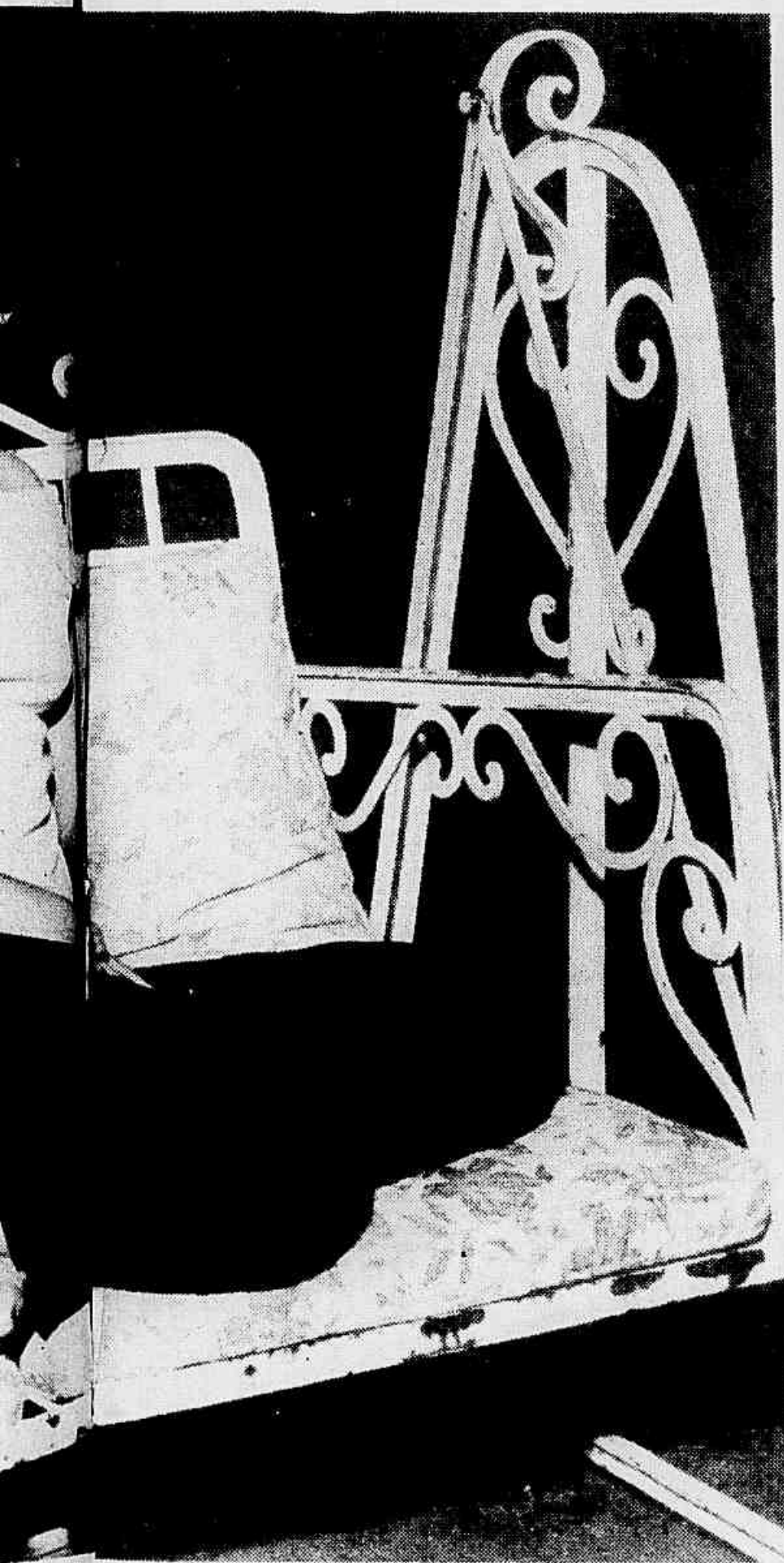
Margarida jamais pensou em usar «tantos vestidos» como agora. «Acho que em 15 dias já vesti mais roupas do que em toda minha vida...» A «flor de cactus» tem apenas 18 primaveras.

E CACTUS

sua formosura, o que faz os paraibanos dessas bandas inflarem o peito de orgulho.

Não pôde, porém, o empenho do prefeito de Cabaceiras — Ernesto Heráclito Rêgo — e as horas «amarguradas» que passou convencendo o «velho» — e a mais jovem das oito filhas de «seu» Olinto jamais teria saído do «seu mundo», que terminava na própria Campina Grande.

Há 15 dias, nem mesmo a capital de seu Estado, Margarida «intentava» conhecer, e de repente todo um mundo de sonhos acontece. Da primeira ovação do Clube Campinense à «feroz batalha» do julgamento final do Clube Astréia,



Senhora de magnífico jogo fisionômico, valorizado pelos seus bonitos olhos, a jovem paraibana traz para o certame, toda a pureza e ingenuidade sem postigos da mulher brasileira do sertão.

♦ Com a chegada ao Rio das candidatas dos Estados ao cobiçado título de «Miss Brasil», certame que escolherá a mais bela das brasileiras no dia em que esta Revista já estiver em circulação — uma espécie de «pré-julgamento intuitivo» é assinalado pelo extraordinário movimento de interesse jornalístico em torno da representante do Estado da Paraíba, Margarida Vasconcelos, nas suas 18 primaveras exuberantes, na semana que antecede à proclamação da «mais bela», vem sendo alvo de um assédio incomum por parte da maioria dos órgãos de divulgação desta Capital. Cinema, Imprensa, Rádio e Televisão, concentram-se na residência do ilustre hospedeiro de «Miss Paraíba» — o deputado Drault Ernany, em Copacabana, ávidos de conhecer uma «das mais fortes candidatas ao título máximo» — filmando-a, fotografando-a e gravando em fita a voz nordestina um tanto assustada de Margarida — por muitos já comparada à formosa «flor-de-cactus». A REVISTA DA SEMANA «antecipa-se» também nessa «corrida pela mais bela», apresentando aos seus leitores «Miss Paraíba» — que reúne grandes possibilidades para se fazer eleger «Miss Brasil — 1956».

«Dizem que minhas «duas polegadas a mais» vão desaparecer com a dieta que me mandaram fazer... Mas, prefiro ficar com elas a passar fome com tanta coisa para comer...»

MARGARIDA, A "FLOR..."



«E custa tão caro assim, um penteado?» — Ela espanta-se com o preço de um cabeleireiro carioca... Seus cabelos louros são prateados, agora.

em João Pessoa, quando uma «guarda-pessoal» de emergência teve de ser formada às pressas para preservar a integridade daquele «tesouro» — Margarida até hoje «vem sonhando», como confessa.

Vale aqui publicar o nome dos «felizardos» componentes dessa «guarda» simpática — não só porque dela fazem parte expressivas figuras do mundo social daquele Estado, como — e com mais razão — entre eles se esconde o «eleito» da formosa Margarida — numa confidência arrancada à custa de sua doce ingenuidade. Ei-los aqui: Deputado Petrônio Figueiredo, Deputado Luciano Rodrigues, srs. Paulo Ribeiro, Hermínio Leite, Aloísio Cunha Lima e Amauri Barros.

UM DOS GRANDES DESEJOS...

Margarida é moça ingênua. Pouco afeita às mirabolantes invenções dos cidadãos, seus gestos e atitudes refletem as naturais reações da interioriana, traduzindo a «agressividade passiva» que é uma forma instintiva de defesa natural. E' de se louvar, no entanto, a sua extraordinária capacidade de adaptação às coisas novas que, de repente, lhe são mostradas. Numa visita ao costureiro, em Copacabana, assistimos, no dia seguinte ao da sua chegada a esta capital, o admirável desembaraço com que determinava — num ambiente que tão estranho lhe era — certos detalhes de confecção, revelando, ao mesmo tempo, excepcionais dotes personalísticos e segura capacidade de resolução.

Na residência do Deputado Drault Ernany, onde se encontrava hospedada, foi possível um contato mais amistoso com a «flor de cactus». De revelação em revelação, vem expresso, com simplicidade que serve para colorir o seu estranho mundo interior — um dos seus grandes desejos, agora, que está no Rio, **conhecer o Tenente Bandeira...** Desejo, aliás, bem ao sabor da atualidade brasileira... bem feminino também.

GRANDEZA D'ALMA E AMOR A TERRA

Entre olhares cabisbaixos, deixa antever que não tem pretensões às glórias que lhe são prognosticadas pelos novos amigos. O título de «Miss Brasil» ou mesmo «Miss Universo», não seduz à formosa Margarida. Pelo contrário, até: numa frase simples, acentuada, apenas, pela característica ressonância de seu sotaque nordestino, afirma com timidez — «prefiro ver o meu Nordeste com muita água, do que alcançar alguma coisa mais do que já consegui».

Assim é Margarida — a «flor de cactus».

Margarida Vasconcelos também tem «duas polegadas a mais», como a baiana Martinha. Eis as medidas: Busto, 0,90 m; cintura, 0,60; coxa, 0,50; tornozelo, 0,21 e quadris, 1,00 m. Altura, 1,66 m e 59 quilos (sem regime...)

O MISTERIOSO CÉU AZUL

HÉLIO ABREU

● Aquêles que não acreditam (e existem) ainda no milagre da aviação, os que julgam mais seguro estar com os pés colados na terra firme que voar amparados nas asas metálicas de um avião, a eles dedico esta ligeira crônica. Sou um dos mais "voados" homens do Brasil e detenho um escore de horas no espaço que se aproxima de três mil, o que não deixa de ser uma boa cifra para quem voa apenas na condição de simples passageiro. Considero-me um bom amigo dos aviões. Amigo que nunca distinguiu marcas ou comodidades. Para mim tanto faz viajar em Constellation, Douglas ou Convair. É sempre a mesma coisa. Faça chuva ou sol, nevoeiro ou céu azul, é sempre agradável ouvir o ritmo de um motor de avião. E como é bom ter o sono embalado pelo som que fazem. Já dormi de Recife a Dakar um dos mais gostosos sonos de que tenho memória, tendo por leito uma confortável poltrona de um Constellation. Sim, nada melhor que um pássaro de alumínio puxado por quatro motores e um geladíssimo whisky escocês. Não se tem noção das distâncias. E estando o céu azul, destituído de nuvens, azul de um azul tão leve que descansa a vista, a alma da gente ganha o espaço e voa também. Voa depressa, mais ligeira que o avião, e deixa para trás todas as preocupações, sepultando nos mistérios do céu nossos amores mortos. Amor, avião e motores não são coisas que se possam misturar. Voltemos, pois, ao nosso amigo, o avião. Lembro-me bem de uma certa tarde. Era

maio e eu estava no aeroporto de Belo Horizonte. O relógio marcava doze horas e o dia era cinza. Não havia aviões para o Rio naquela hora e, este dia, que era 17, tinha enorme significação para mim. No balcão de uma empresa sou informado de que somente um aparelho da FAB levantaria vôo rumo ao Distrito Federal. Rápido rumei para o quartel da Aeronáutica e solicitei uma carona. Fui atendido e em pouco singrava os ares despreocupado... até que um sargento chegou a mim para dizer: "Moço, o capitão manda dizer que está tudo fechado. Nem Rio, nem São Paulo. Está chovendo muito em toda a parte. Vamos tentar Vitória". Agradei e continuei a ler um livro que me acompanhava. Depois veio o tenente Lima, co-piloto, para avisar que Vitória também estava interdita. Não me assustei nem mesmo quando tentamos a alternativa de Campos. Quando descemos, horas mais tarde, em Itaperuna, indagou-me o tenente se eu, por um instante sequer, tivera medo. Medo? eu? — Não, tenente. Eu não tivera medo. E sabem por que? A razão é simples: eu confio nos aviões, e quando se confia não se teme.

Dormir entre as nuvens, bem aconchegado no meio delas é o que mais desejo. Almoçar no Rio, dormir voando e acordar na África já não é vantagem. E, para finalizar, o que mais aspiro é ver chegar o dia em que todos tenhamos o nosso próprio avião, para com ele melhor desvendar o amplo e misterioso céu azul.



Ademar de Barros



Rui Barbosa de Almeida



Vicente Felício



Jânio Quadros

O PRESIDENTE da Assembléia paulista, deputado Rui Barbosa de Almeida, está sendo cogitado para suceder o sr. Jânio Quadros nos Campos Eliseos. O deputado Rui Barbosa encontra-se presentemente sem legenda, uma vez que se desligou do seu partido, o PTB, por ocasião da última campanha eleitoral.

BANCO. Os irmãos Chamas parecem dispostos a vender o Banco do Vale do Paraíba. Segundo o que se diz nas rodas bancárias, os proprietários do Moinho São Jorge não estão satisfeitos com os resultados obtidos no referido estabelecimento de crédito.

IBC. Continua em pauta a substituição do sr. Paulo Guzo à frente do Instituto Brasileiro de Café. Três são os nomes indicados para o cargo: Vicente Felício Primo, Renato Costa Lima e (é pra valer) Paulo Lauro. O primeiro é conhecido cafeicultor e exportador, destruindo em São Paulo excelente situação. O segundo, Renato Costa Lima, foi Secretário de Agricultura no Governo Getúlio e o último é do PSP, ex-deputado e antigo prefeito de São Paulo.

NAO SAIRA o salário mínimo nas bases propostas pelo sr. João Goulart. Ao que parece o presidente Kubitschek irá fixá-lo em Cr\$ 3.200,00 para o Estado de São Paulo. O próprio presidente da Comissão do Salário Mínimo, sr. Silvio Pereira, não acredita que a medida virá agravar a crise econômica por que atravessa o país e, conseqüentemente, o Estado.

RENOVAÇÃO. De acordo com o programa de renovação de valores a que se propôs levar a efeito a Comissão Executiva do PTB paulista, cerca de vinte novos elementos passarão a integrar o partido de Vargas

contando-se entre eles dois deputados federais, cinco professores catedráticos e três poetas de fama nacional.

ESTRADAS. O programa do sr. Jânio Quadros relativo à pavimentação de estradas está em franca execução. Em ligeira palestra com o subchefe do Gabinete Civil do Governador, sr. Silva Prado, soube o repórter que dentro de dois anos estarão asfaltados cerca de 500 quilômetros de estradas, média esta que supera em muito a realizada pelo ex-governador Ademar de Barros.

POETA. Há dias, no «Captain's Bar», ouvimos o sr. Pacheco e Chaves recitar uma poesia verdadeiramente bela. Indagado pelo sr. Geraldo Nóbrega sobre quem era o autor de tão impressionante composição, respondeu o deputado tratar-se de uma página de «um tal» Eloyvaldo Chagas. O que não sabia o parlamentar paulista é que o «tal» Eloyvaldo Chagas é o atual presidente do IAPC...

ACÓRDO. Segundo o acordo firmado entre o presidente Kubitschek e o governador Jânio Quadros dois paulistas deverão ocupar em futuro próximo pastas no governo Juscelino: Sebastião Pais de Almeida, Fazenda, e Mário Lopes Leão, Viação.

ALGODÃO. Permanece o impasse sobre o financiamento do algodão. O governo (federal) não quer pagar mais de 135 cruzeiros a arroba e a FARESP deseja 150.

ONU. O nome do professor Canuto Mendes de Almeida voltou a ser focalizado para representar o Brasil em uma das comissões da Organização das Nações Unidas.

MOTOR. A VEMAG já está produzindo em São Paulo motores de caminhão inteiramente nacionais. Trata-se de máquinas construídas com permissão da D.K.W. obedecendo às mesmas características da conceituada marca alemã. Parabéns ao sr. Noé Ribeiro e seu grupo.

REGRESSO. O sr. Ademar de Barros parece disposto a regressar ao Brasil na segunda quinzena de junho. O líder pessevista estaria já de manifesto pronto, no qual proclama sua condição de candidato à Presidência na sucessão de Kubitschek.

CRISE. Alguns círculos têm como certa a saída do Ministro da Fazenda como medida primeira para a remodelação ministerial. Os mesmos círculos não poupam o sr. José Maria Alkmim, responsabilizando-o pela crise econômica brasileira.

VIAJANTES. Tanto o comendador Alberto Bonfigliogli como o sr. Nelson Mendes Caldeira estão na Europa. Viajaram separadamente, sendo que o primeiro seguiu de navio e o segundo de avião.

CIRILO. O Presidente do PSD paulista, sr. Carlos Cirilo Júnior vai ocupar importante cargo no Exterior. Tudo já foi acertado com JK e, em breve, sairá a nomeação.

LANTERNA. O sr. Moacir Saboia, chefe do Gabinete do Ministro da Fazenda, é o sócio nº 248 do «Clube da Lanterna». A imprensa paulista comenta o fato e pergunta: se o referido senhor já abandonou o dito



NAT COLE
Levou um susto



SAGAN
E' só romancista



MENJOU
Velhote educado



DE HAVILLAND
Foi mãe há pouco



MOLOTOV
Desempregado

A SEMANA EM REVISTA

INTERNACIONAIS

RICHARD WILBANKS, que era o homem mais gordo do mundo (pesava 335 quilos) morreu aos 20 anos, há algumas semanas, nos Estados Unidos.

MARYLIN MONROE teve de dar entrada num hospital, em Hollywood, apresentando sintomas de esgotamento físico. O filme que estava rodando, «Bus Stop», teve de ser interrompido.

ALEXANDER KORDA, há pouco falecido, deixou uma imensa fortuna de 170 milhões de cruzeiros. Com os impostos, porém, a coisa foi minguando, minguando, e só sobraram dezessete milhões. Mas ainda terão de ser deduzidas certas taxas especiais, que diminuirão o legado do célebre cineasta a cerca de 5 milhões de cruzeiros. Só lá na Inglaterra e aqui no Brasil...

NAT COLE, famoso cantor e pianista negro norte-americano, quase ia sendo morto por seis exaltados racistas, na cidade de Birmingham, Alabama, onde se exibia.

O ROMANCISTA Pierre Benoit acaba de publicar outro livro: «Fabrice». Como nos quaren-

ta e poucos que o antecederam, esse livro tem como principal personagem feminina uma mulher cujo nome principia por «A»: Aylée.

ERNEST HEMINGWAY será o protagonista do filme sobre Marco Polo, a ser girado em breve nos cenários originais, na Pérsia, Tibet e China.

FRANÇOISE SAGAN, pelo contrário, recusou-se a tomar parte, como principal figura, na filmagem de seu romance «Bonjour Tristesse», levada a efeito agora por Preminger.

ADOLPHE MENJOU, que dizem ser um dos homens mais delicados do mundo, já tem a inscrição para a sua sepultura: «Por essa vez, desculpem-me se não me levanto».

MAURICE VLAMINCK, célebre pintor, que tomou parte de relêvo no Movimento «Fauves», convidado para ir à televisão, lá pelo meio do programa saiu-se com essa frase deliciosa: «Não sou Gina Lollobrigida, porém minhas telas envelhecerão melhor do que ela».

OLIVIA DE HAVILLAND, casada com o repórter Pierre Galante, de «Paris-Match», deu à luz uma criança.

SEGUINDO o exemplo do filho, o príncipe Pierre, pai de Rainier III, casar-se-á por esses dias com uma rica jovem americana, Audrey Emery, que já fôra esposa do grão-duque Dmitri, da Rússia, e do príncipe Mito Djordaze, da Georgia. A menina precisa de maridos, e o Principado, de dinheiro...

PARAISO dos fumantes, eis o que é a Suécia, onde 18 por cento deles principiam a fumar aos 10 anos; 36 por cento, aos 12, e 61 por cento, aos 18. E note-se: quase sempre, são os próprios pais que pagam os cigarros dos ledelhos...

DIZ MIRNA LOY que só existem dez anos verdadeiramente felizes na vida de uma mulher: os compreendidos entre os 27 e os 30...

MOLOTOV LEVOU um bonito chute, ao ser destituído do cargo de chanceler da União Soviética, há alguns dias. Em seu lugar foi colocado Shefilov, antigo diretor do «Pravda».



◆ CONTEMPLADO COM a anistia ditada pelo governo, chegaram ao Rio de Janeiro, procedentes de Santa Cruz, na Bolívia, os oficiais da F.A.B. implicados na intentona de Jacareacanga, major Paulo Vitor, capitão Lameirão e sargento Gunther. Na foto, o capitão Lameirão, recém-desembarcado do aparelho que o trouxe, recebe as manifestações efusivas de suas filhinhas, que havia vários meses não a viam.

A SEMANINHA

— Pena de morte nos E.U.A. para os traficantes da heroína...

Como tal, ninguém poderá imitar Joana d'Arc!

* * *

— Aramburu não irá ao conclave dos Presidentes no Panamá...

É que o Presidente argentino, de claves só conhece a de sol!

* * *

— A 7.^a Divisão Mecanizada francesa, atravessou a famosa «Porta de Ferro»...

Tudo isto, conseqüências da falta da... «Cortina»!

* * *

— Em Lisboa, a seleção portuguesa de futebol abateu espetacularmente a espanhola por três tentos a um, «goals» marcados pelo ponteiro esquerdo Palmeiro...

Esportistas lusos cogitam homenagear e perpetuar o grande dianteiro, plantando à entrada do Vale de Jamor três «palmeiras»!

* * *

— E no Pôrto, os nossos irmãos de além-mar reconquistaram brilhantemente o título de campeões mundiais em hóquei patinado...

Assim demonstraram que na terra lusiada tudo continua... O.K.!

SANTOS ALVES



ESCURINHO
Definiu Londres



EMILIA
Vai casar com major



PONGETTI
Mau modista



LENY
Cem quilos de voz



HERBERT MOSES
Agora é edifício

NACIONAIS

JÂNIO QUADROS em Londres, até onde foi em busca de cura para uma vista ofendida. Tem-se que o governador paulista fique cego dessa vista, aliás.

ESCURINHO, VOLTANDO de Londres, assim a definiu aos seus amigos de Sabará, onde nasceu: «Londres é assim como três mil Sabarás juntas...»



J. W. TAYLOR
(PUNCH)

SANTIAGO DANTAS, concorrendo ao pleito do Jockey Club Brasileiro, foi derrotado por seu oponente, o sr. Mário de Azevedo Ribeiro.

EMÍLIA CORREIA LIMA casar-se-á, ao que dizem, em breve com o major Wilson Santa Cruz, diretor da Estrada de Ferro Parnaíba. O seu ex-noivo, Honorato Ferreira Lima, estudante de medicina, perdeu a parada.

LENY EVERSONG, aquela grande cantora da televisão, não se perturbou com a greve dos músicos que há algum tempo estalou no Rio,

e resolveu cantar mesmo com acompanhamento de violão. Foi um sucesso.

CREDIÁRIO original é o que a Mappin, de São Paulo, há pouco lançou: facilita a consumação de bebidas, que podem ser pagas em várias prestações.

HÁ POUCO, Maneco, o incrível «Saci de Irajá», que chegou a jogar no «scratch» nacional, matou-se, ingerindo formicida. Agora, outro ex-jogador do América, Itim, repetiu a loucura de seu velho amigo, deixando viúva e filhos em plena miséria.

A PEÇA de Henrique Pongetti «O Manequim», há pouco encenada no Municipal, é um desfile de modas cercado de lugares comuns e de trivialidades por todos os lados.

A EQUIPE brasileira de hóquei em patins derrotou a da Noruega, por 4 a 1, no Campeonato Mundial que se realiza em Lisboa. Foi a primeira vitória conquistada pelos nacionais em tal modalidade de esporte.

MÁRCIA, FILHA do Presidente JK, está em Londres, tratando de um ligeiro desvio da espinha dorsal. A menina, de apenas 11 anos, não será porém submetida à intervenção cirúrgica que a princípio se julgava indispensável.

HERBERT MOSES completou 25 anos à frente da A.B.I. e várias homenagens lhe foram prestadas. Entre elas, a nova denominação dada ao prédio em que funciona a Associação: «Edifício Herbert Moses».

GIOVANNI GRONCHI, Presidente da Itália, visitará ainda esse ano o Brasil, a exemplo do que fêz nos Estados Unidos e no Canadá.

O SALÃO de Arte Moderna foi inaugurado, e, apesar dos repetidos avisos de que o presidente JK lá estaria para o «vernissage», o caso é que o homem lá não pôs os pés. O que, de resto, não empanou o brilho da mostra.

UM CHOFER, UM CONDE E ALGUMAS JÓIAS

♦ O CONDE Hans de Larisch, tendo saído de casa com um pacote de jóias (pertencentes à esposa) no valor de dois milhões de cruzeiros, teve o dissabor de, ao regressar, dar pela falta das mesmas: esquecera-as, certamente, no táxi que tomara, para voltar. Desesperado (porque até mesmo os condes desesperam, em tais momentos) colocou anúncio no jornal, acendeu vela pra santo, o diabo. Já quase perdia de todo a esperança, quando em seu luxuoso apartamento, no Flamengo, foram bater dois homens humildes. Era justamente o motorista do táxi, Nelson Arruda, com seu amigo Walkir Carvalho. Tinham efetivamente encontrado o pacotinho, no interior do seu carro, mas não sabiam a quem pertencia. Julgaram tratar-se de alguma ferramenta olvidada pelo proprietário. Foi a esposa de Nelson quem abriu o embrulho, deparando então com as jóias fabulosas. O marido então, que lera o anúncio nos jornais, tomou do tesouro e o levou a seu legítimo dono. O conde, que é tcheco, ficou tão satisfeito, ao recuperar as jóias, que encheu imediatamente um cheque de cem mil cruzeiros, passando-o às mãos do honesto motorista. Não é que ainda existe gente séria no país?

DE SETE EM SETE

Boazinha aquela do prefeito paulista oferecer aos estudantes um caixão de vinte e quatro cruzeiros para o «entêro» simbólico que lhe foi feito. O homem subestima por demais o próprio cadáver! — Há na França um garoto de 18 anos — Daniel Coutard, — 6, Cour Larcher — St. Germain en Laye — Saine-et-Oise, França — que sonha viver no Brasil mas não tem niquel para a passagem. Pergunta se alguém está disposto a financiá-la, pagando depois, pouco a pouco, com juros. O leitor está abonado? Então vá, ajude o rapaz! — Trezentos e sessenta colibris foram soltos no Jardim Botânico para criar família. Casamentos no espaço. O poeta A. F. Schmidt disse coisas lindas aos beija-flores que muito breve serão em maior número que o dos pardais. Parece que vai ser fundado o Clube dos Mimosos Colibris. — Está ficando muito chic estreitar peças de teatro no Municipal, por companhias brasileiras, em benefício de instituições de caridade. Ganham as instituições (dinheiro) e as companhias (prováveis frequentadores mais assíduos). Agora tivemos «O Anjo», um tanto empapuçado mas anjo mesmo, e «Electra no Circo», mais equilibrada. — A cidade sentiu respeitosa e a morte de Heber de Bôscoli, um moço que trabalhou demais. O organismo «pregou» antes do tempo. Heber foi fazer companhia ao grande «cast» radiofônico do outro mundo. Ainda com muitas vagas... — E não é que o custo da vida vai baixar? A batata, o feijão, o leite, a carne... Tudinho, moça! Só tem, que a baixa será na Venezuela, segundo telegramas de Caracas. Pensou errado, hein? — Também nós pensávamos que Pontiac ia direto p'ra cabeça, em cima do Derby nacional, no fim venceu Timão muitas vezes «encorpado». Pior foi o «Roleta» que fechou a raia... — O circo chegou e ficou para os lados da Central do Brasil. O magnífico Reitor condicionou seu título à vitória da greve contra o bonde mais caro. Nehru está ameaçando com a guerra (cadê coragem!) e o meu chapéu Gelado está circulando por aí. Vocês viram? É como dizia Moleque Gingilin: «Sê besta, seu!»



JUNDIAI

36

VIAGENS POR DIA

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885
Fone 34-1395

R. Senador Queirós, 85
Fones 34-2399 e 36-6402
Parque D. Pedro II, 1.092
Fones 32-8733 e 34-5393

JUNDIAÍ

Rua do Rosário, 277 - Fone 1111

das 6,30
até 21,30 hrs.
de hora em hora



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO BRASILEIRO

VIAÇÃO Lida.

AZASO - EB-4

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1—Quem foi Claparède:
 - advogado francês?
 - político belga?
 - psicólogo suíço?
- 2—Sustentou, com Mozart, um duelo pianístico:
 - Lizst?
 - D'Albert?
 - Muzio Clementi?
- 3—Tem 8.882 metros de altura:
 - Illimani?
 - Monte Atlas?
 - Everest?
- 4—Que é Eutocia:
 - nome antigo da Turquia?
 - parto comum?
 - planta medicinal?
- 5—Quem criou a teoria flogística:
 - Lavoisier?
 - Geber?
 - Stahl?
- 6—Michi no Miya é o verdadeiro nome do:
 - Imperador do Japão?
 - do Negus abexim?
 - do Mahdi sudanês?
- 7—Qual desses filósofos esteve no Brasil:
 - Keyserling?
 - Jaspers?
 - Russel?
- 8—O químico Urbain descobriu:
 - tório?
 - lutécio?
 - urânio?
- 9—Napier inventou:
 - nônio?
 - logaritmos?
 - sextante?
- 10—A cidade de Buique fica em:
 - Santa Catarina?
 - Pernambuco?
 - Minas Gerais?
- 11—A Rerum Novarum é de que ano:
 - 1890?
 - 1891?
 - 1892?
- 12—Sargaria é:
 - lugar onde se cria bicho de seda?
 - o mesmo que sesmaria?
 - moléstia que ataca as plantações?
- 13—Gessler é personagem do drama:
 - Wilhelm Tell, de Schiller?
 - Faust, de Goethe?
 - Kaballe und Liebe, de Hofmansthal?
- 14—Henri de la Tour d'Auvergne foi:
 - financista?
 - general?
 - pintor?
- 15—Qual o atual poeta laureado inglês:
 - Yeats?
 - Massfield?
 - Read?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — psicólogo suíço; 2 — Muzio Clementi; 3 — Everest; 4 — o parto comum; 5 — Stahl; 6 — do imperador do Japão; 7 — Keyserling; 8 — Lutécio; 9 — logaritmos; 10 — Pernambuco; 11 — 1891; 12 — lugar onde se cria o bicho de seda; 13 — Wilhelm Tell, de Schiller; 14 — general; 15 — Massfield.

**A FIGURA
EM FOCO**



ALVARO LINS

Deixar a Casa Civil?
Mais devagar com o andar...
Para sair do Brasil
Só mesmo de Embaixador!

MEN
DEZ



O ENIGMÁTICO KAPITZA

Por M.A. BIEW

Ilustração de LLAMPAYAS

Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA
— Copyright Keystone e Ed. Pierre Horay

♦ RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR — Em plena noite, o ditador Joseph Stalin chama pelo telefone o físico Kapitza, para — diz ele — «jogarem xadrez». Kapitza, filho de um oficial czarista, passara a vida na Inglaterra, desde a Revolução de 1917. A realização de um congresso de Física em Moscou proporcionou ao cientista russo exilado o retorno a seu país. Porém, terminado o conclave, quando Kapitza tentava deixar a Rússia de volta à Inglaterra, viu que nunca mais, provavelmente, poderia fazê-lo: era prisioneiro de Stalin. Em sinal de protesto, trancou-se com a mulher por vários meses num hotel moscovita. Contudo, uma conversa única com o ditador bastou para que o físico passasse, sem escalas, da franca inimizade para a amizade mais leal. E começaram as suas pesquisas científicas à frente do Laboratório de Física da Universidade de Moscou, especialmente montado para Kapitza, por um preço astronômico. Pesquisas que o levaram a descobertas importantíssimas. No decorrer da conversa que manteve com Stalin, tópicos importantíssimos foram focalizados. E, como não podia deixar de ser, o tabuleiro de xadrez ficou totalmente esquecido, a um canto...

O

SENHOR é merecedor de nossa estima, e admiração, pela idéia da liquefação do hidrogênio. Não são muitos aqueles que conhecem a ciência, aqui na Rússia, porém, todos reconhecem o que é valioso. Mas, antes de tudo, de que maneira poder-se-ia utilizar essa descoberta?

Kapitza ficou quieto. De novo se manifestava o perpétuo furor utilitário de Stalin! Porém, como era preciso responder, retrucou ele:

— Novas possibilidades de pesquisas se apresentarão nas vizinhanças do zero absoluto (— 273°, 0,15 graus centígrados), subcondutividade elétrica, observação mais acurada de certos fenômenos atômicos...

Kapitza fala sempre muito pouco, e expõe da maneira mais breve o que tem a dizer. Não deixa, porém, de apelar para os termos técnicos, para, propositadamente, manter o não-iniciado em seu verdadeiro lugar. Stalin, portanto, escuta, mais com polidez que com compreensão. Todavia, não chega a bocejar. Uma única vez, levanta-se, para oferecer a Kapitza um copo de Perzoffka, sua bebida favorita.

— «Como é que ele conhece até meus gostos?»

Stalin coloca a garrafa diante de Kapitza. Que o próprio físico se sirva dela à vontade.

Todo o discurso tem porém um fim. E o de Kapitza chega agora ao seu. Stalin está reduzido ao silêncio.

— Puxa! até que enfim! Estou cansado de caminhar pelos domínios áridos da ciência. Piotr Leonidovitch! É um pouco duro para mim, confesso. Diga-me porém uma coisa, Kapitza: deuterium, deuton, (como é mesmo que se diz?), isso é uma realidade, ou mera criação do espírito?

Kapitza arregalou os olhos. Não que o caso tenha lá grande importância, mas até AQUILO Stalin já conhecia!

— Eu ainda não o obtive, infelizmente.

Kapitza não quer entrar em detalhes. Seu tempo é sempre curto.

— Ora, também não se dispõe do sol, mas dele se conhece tudo o que é necessário. Quanto a esse tal de deuterium...

— Como Sócrates, apenas sabemos que nada sabemos.

Kapitza observa Stalin, que sorri levemente.

— Não se compreende, senão após entregar-se à pesquisa do Porquê, e do Como.

— O senhor terá muito tempo ainda para estudar o fenômeno, diz Stalin. Quanto a mim, apenas desejo saber para o que poderá servir esse deuterium. Não nos metemos em um caminho senão sabendo onde poderá conduzir-nos. Li, não faz muito, que um quilo de certa substância substituiria com vantagem mil toneladas de carvão. Será acaso verdade?

— É muito possível. Talvez mais, até. Só resta saber quando poderemos obter tal substância.

— Não temos pressa. Temos muitos carburantes, para o presente e o futuro. Outra pergunta, porém, faz-se obrigatória: essas quantidades imensas de energia poderemos libertá-las lentamente... ou brutalmente?

— Em outras palavras: por explosão?

— Para a construção de canais, de túneis, de barragens, e para tudo o mais — concluiu Stalin.

— Esse «tudo o mais» querará dizer: as bombas atômicas?

— É claro! A menos que se deseje ser um novo Gandhi...

— Sempre pensei ser um físico, somente.

— O senhor é físico, do mesmo modo como Nobel era químico. Está entendido. Porém, responda à minha indagação.

— Bem, não é de todo impossível. Tudo depende do tempo, e dos meios. Diante de Kapitza, os olhos sombrios de Stalin, brilhavam de satisfação.

— Já lhe disse que não faltarão meios ao senhor para realizar sua tarefa. Se está faltando um zero na soma que dedicamos às pesquisas fi-

Um soldado, à vista de Légor, perfila-se respeitosamente.

stas asseguro-lhe que esse zero será em breve acrescentado. Assim, as coisas iriam melhorar muitíssimo, não acha?

— Já estava a verdadeira razão do convite noturno de Stalin. A partida de xadrez já terminara havia muito tempo, e os jogadores nem mesmo sabiam quem vencera a disputa. Tinham-na jogado mecânicamente.

— Uma rodinha a mais na soma destinada às pesquisas? Bem, não é mal. Mas é preciso que raiba que se anda mais depressa em viatura...

— Isso quer dizer, com quatro rodinhas, com quatro zeros? perguntou Stalin, rindo. Mas vocês, cientistas, têm mesmo apetite exigente. E como é que a Newton, segundo dizem, bastou observar a queda de uma maçã para tirar as conclusões da sua lei da gravidade? Mas digamos: se se decuplicar o crédito, o que acontecerá?

— Trabalhar-se-á muito mais depressa, mas sem afobação, e com tranquilidade.

— Bem. Mas o que poderemos conseguir? E quando?

— Primeiro, é preciso ter. Depois, tentar. Só depois, prometer.

E' PRECISO ERGUER UMA GRANDE MURALHA...

— Uma outra coisa, meu caro Kapitza: o dinheiro já foi oferecido, e lá o resto é com Molotov, que disporá de tudo — a soma, o momento da entrega, etc. Mas, falemos agora do rumo a seguir: você quer pilotar essa empresa, meu caro?

— Pilotá-la, sim, mas não responsabilizar-me quanto aos seus resultados.

Já era um compromisso, porém Stalin volta à carga:

— Mas será líquida e certa a meta perseguida?

— Tão certa e líquida como todas as outras.

— Bem, veremos. Por enquanto, apenas lhe prometo mais um zero no orçamento. Para o início, acho que é suficiente. Um outro zero será destinado para elaborar, tão alta e poderosa como possível uma barreira

destinada a impedir que os pássaros a transponham, e os ratos a danifiquem com sua curiosidade daninha...

— Mas para que tantos cuidados?

— E' ridículo, talvez, porém necessário. Seria totalmente diferente nosso ponto de vista, se fôssemos nós os russos, o único povo a habitar o mundo. Mas, temos rivais, poderosos rivais, como não deve ignorar. Por isso, desde já está prevenido: tudo terá de ficar imerso no mais profundo sigilo.

— Mas, só um trabalho de equipe permitirá que consigamos atingir o fim que nos propusemos.

— E' apenas uma opinião. Todo progresso é uma luta, um combate. Uma partida de xadrez, digamos. A vitória pertence a quem advinha os planos do adversário e toma as providências para frustrá-los.

— E quando poderei dispor de Rafalovitch, de Kourtchatov e de Dorfmann?

— Dos dois últimos, a qualquer momento. Poderá sair daqui com eles. Meu chefe da guarda, Iégor, está incumbido de trazê-los à sua presença dentro em breve. Vocês três meterão mãos à obra imediatamente. E, mais uma vez lhe digo: toda a cautela é pouca. Usem sigilo, sejam discretos ao máximo. Nenhuma comunicação à Academia de Ciências, nem a qualquer Comitê, nem mesmo o do Prêmio Nobel. Se achar que algo daquilo que seu trabalho alcançou merece o Prêmio Nobel, avise-nos, porque nós lhe daremos o dôbro!

Kapitza deixa a sala impressionado. No vestíbulo, um homem de seus trinta e cinco anos, alto e corpulento, o aguarda. E' Iégor.

— Permita-me que o acompanhe? Sou Iégor, e estou incumbido de auxiliá-lo em seus trabalhos.

— Acompanhar-me-á até a porta, apenas. Lá fora está meu cão, que não admite que estranhos me acompanhem de espécie alguma.

(Cont. na página 50)



A um gesto do grandalhão, passam todos pela guarda...



V

OCE está esgotado, meu irmão. Precisa curar os nervos. Um de nós estará com a cabeça desmiolada? Na Seção Regional só se fala no seu destampatório?

— Como? Ainda se atreve a abrir a boca? Vou ensinar-lhe quanto são dois e dois!

— Basta, pobre tolo! Nós nos esquecemos com facilidade que somos comunistas! Perdemos a cabeça e tropeçamos em toda sorte de tolices. Eu o estou estranhando, Grischa!

— Está bem. Acabou-se. Estou de fato muito irritado. Pudessem eu me dominar e manter uma atitude tranqüila! Uma coisa, porém, posso assegurar a você: aquele tratante não transporá mais os umbrais da minha porta!

— Em primeiro lugar, Grischa, ele é o secretário da Seção Regional e não um tratante. Toma bem nota disso. Em segundo lugar, você tem que reconhecer a sua falta com relação a ele.

Fui ferido de surpresa e senti o coração dilacerado. Não podia crer, em absoluto, que o presidente do Conselho Fabril, meu íntimo camarada Andriuscha, que era para mim alma e coração, compreendendo-nos sem precisar falar, fôsse assim capaz de semelhante maldade...

Ele me olhou e, sob o negro veludo das sobrancelhas, na luz dos seus olhos surpreendi tenebrosa interrogação. Fitando-nos silenciosamente, separou-nos. Nesse mesmo aia apareceu-me Aniuta. Mostrava-se indignada. Atirou a carteira sobre a mesa e aproximou-se de mim com estrepito e cólera. Seus lábios pareciam azulados, os olhos pareciam azougue.

— Diga-me, Muchine, tem você a cabeça no lugar ou a perdeu na cadeira de diretor?

Resolvi permanecer impassível, distarçar a ocorrência com mentiras, de maneira a parecer que a estúpida história não deixara em mim a mais leve cicatriz.

— Não, Aniuta. Ao vê-la agora, recordei-me de como lutamos e sofremos com resignação e ardor na frente de guerra. Que tempos, aqueles! Anos inesquecíveis!

— O que passou, passou. Deixe-se de sentimentalismos poéticos. Agora vivemos numa época positiva. O que importa não é mostrar os sentimentos, mas ser um operário judicioso e de confiança. Vocês, amigos, quando se apanham nas alturas, transformam-se em generais ou então petrificam-se burocraticamente. A que vem recordar agora as jornadas de sofrimento nas frentes de combate? Uma verdadeira hipocrisia.

— Bem, máscaras abaixo, Aniuta. Você mesma sabe que isso não tem aqui cabimento. Nós não nos conhecemos nem privamos um com o outro apenas há duas horas. Não me esquente o juízo! Diaba!

— Não vim aqui para caçadas, Muchine. Você procedeu com Kovaliov de maneira irritante, indigna de um camarada.

— Ai, Aniuta! Outra vez com esse Kovaliov? Vocês combinaram o que?

— Acabe com isso, Muchine.

— Acabar com o que?

— Você vai escrever-lhe pedindo desculpas e julgando o procedimento que teve, com o rigor que ele merece.

— E se não o fizer?

— Então a coisa irá para a Comissão de Contrôlo e ela decidirá!

— Escute, Aniuta, se não a conhecesse e estimasse como camarada e amiga, já lhe havia tapado a boca. Permita que lhe diga, não consinto que me fale dessa maneira! Nem mais uma palavra sobre esse velhaco!

— Vamos! Agora bem compreendo a que classe de pessoas você pertence. Declaro a você, sinceramente, que vou combatê-lo. E contra você não estou só. Apóia-me o presidente do Conselho Fabril! E não falemos dos camaradas da Seção Regional.

— Não importa! Já sabe você que não pertencem ao número dos covardes. Isto é uma intriga, querida camarada. Kovaliov é o inspirador e instigador principal. Sei o que ele forja e que é capaz de qualquer inâmia. Aniuta, reflita e examine as coisas de modo objetivo e atento.

— Para mim está tudo claro, Muchine. E agora vi melhor como você se tornou um perfeito burguês, com atitudes de patrão cheio de soberbia. Nós estávamos cegos e Kovaliov já havia percebido isso há muito tempo.

E, apressada como chegara, saiu. Quando a porta se fechou, senti, pela primeira vez na vida, que o solo me faltava em baixo dos pés, que os homens com os quais passara toda a minha vida fugiam de mim. Meus companheiros de luta e amigos de sangue transformavam-se em adversários e o laço que nos unia se arrebentava de repente. Os velhos dias de amizade tão inopinadamente despedaçados feriam-me tão fundo o coração que as lágrimas me subiam aos olhos. Nem Aniuta nem Andriuscha voltaram a visitar-me. Quando nos encontrávamos nas reuniões das células, ou nas conferências, não nos fitávamos; nas discussões, atacavam-me de maneira candente e ofensiva, com o propósito de criarem uma atmosfera de desconfiança contra mim. Qualificavam de atos malévolos de sabotagem os insignificantes prejuízos, inevitáveis em nossos dias áspers de reconstrução industrial. Era tão necessário um trabalho imenso, como um grande domínio de si, para lhes demonstrar com algazarra e insensatez de suas imputações e desarmar-lhes todo o arsenal de premeditadas calúnias.

Também a atitude da massa operária para comigo mudou. Unia-me aos trabalhadores a mais estreita amizade. Muitas vezes acontecia, nas

PELA PRIMEIRA VEZ APODEROU-SE DA MINHA

O POLVO

Novela de FÉDOR GLADKOV

Desenho de LLAMPAYAS

horas livres, durante os dias de repouso, encontrarmos-nos na rua ou no clube; recordávamos, então, o passado ou jogávamos futebol. Reuníamos-nos, às vezes, em casa de algum bom amigo formando verdadeira assembléia de antigos camaradas de folguedos e excursões. Chá, de quando em quando cerveja, animação, ruído, canções... E nunca houve quem falasse em preconceitos, arrogância ou indiferença de minha parte... E, de repente, erguera-se, entre eles e eu, uma sombra fria e engra!

No clube, na rua, em toda parte, escancarava-se em torno a mim a goela do vazio. Cumprimentavam-me com certa reserva, ou então de modo taciturno, retirando-se imediata e rapidamente. Se vários camaradas conversavam e riam num grupo, bastava que eu me aproximasse e — pronto! — súbitamente a atmosfera se transformava, sentiam-se todos aborrecidos, olhavam para o lado, com temor e desconfiança.

Um dia, encontrei-me no clube com um velho amigo, ferreiro, hábil talhador de ferramentas. Agarrei-o pelo braço e olhei-lhe interrogativamente os olhos. Tinha uma expressão singular: o nariz achatado, como se lhe houvessem dado um murro entre os olhos, deixando, para toda a vida, aquela cova como recordação. Seus olhos eram, porém, vivos, claros, cheios de vida. Naquele momento, entretanto, pareciam oxidados.

— Diga-me, amigo Koptiaief, por que os velhos camaradas se mostram diferentes para comigo? Que aconteceu?

Koptiaief olhou em redor de si e sorriu, confuso:

— Não sei, camarada Muchine; mas os rapazes, ao que parece, têm razão...

Este «camarada Muchine», ao invés de «Grischa», como dantes me chamava, cortou-me o coração.

— Você e eu, Koptiaief, somos amigos desde a infância. E será possível que não queira ser franco.

— Por que não hei de ser franco? Sou ainda o mesmo Koptiaief.

— E' que tenho a impressão de que as suas relações de amizade para comigo, antes tão cordiais, estão frias agora...

— Pode ser, camarada Muchine... Você está lá em cima, nós aqui em baixo. Nossas posições são desiguais, digam o que quiserem...

— Koptiaief, assim não se pode trabalhar! Todos escondem qualquer coisa no coração. Que haverá? Estão tramando contra mim alguma coisa. Vamos, diga-me, pela nossa velha amizade...

— Como hei de saber, camarada Muchine? Você é o diretor, pode e manda. E os rapazes são um pouco tímidos...

Piscou os olhos, enrugou a cara à maneira de alguém que se visse espremido contra a parede, e voltou a cabeça para um lado e para outro, como à procura de uma porta falsa e uma ocasião favorável para fugir.

Até aquele momento, porém, nunca se dera semelhante coisa. Não sou diretor de ontem. Alguma trama havia, e era necessário desfazê-la a tempo.

— Olhe, Grischa, o caso é que...

E em seus olhos voltou a brilhar a antiga claridade infantil. Foi como se lhe tivesse tocado na parte mais sensível do coração.

— Escute, Grischa; o caso é que, Grischa... Bem. Vou dizer francamente a você. Pode ficar ou não zangado... Você desandou a cometer loucuras. As suas maneiras, agora, são as maneiras dos patrões. Como comunista, devo dizer-lhe toda a verdade. Andrei e Aniuta já chamaram a sua atenção, e também os demais camaradas já lhe deram a entender. Você se recorda do que ocorreu na assembléia geral da célula. Deu coices como um cavalo teimoso. As suas palavras eram ditas de maneira provocadora, palavras de general. Sei que a posição o obriga a isso. Mas os rapazes interpretam o caso à maneira deles.

— Isso não é verdade! E' uma estupidez! Acaso você mesmo não percebe?

— Psst! Que quer você que eu diga?... Aniuta e Andrei são também dos nossos...

E se foi embora sem voltar, sequer, a cabeça.

Aquêle estado de coisas, no momento, era insuportável para mim. Pela primeira vez apoderou-se da minha alma um verdadeiro pavor, dada a solidão que me cercava. Fui para casa. Noite escura. Os edifícios das fábricas pesavam sobre meu ser com suas massas pétreas. Centenas de janelas estavam cheias de luz deslumbrante. As chaminés, punhos negros, erguiam-se ameaçadoras. Quando cruzava com alguém nas ruas, parecia-me gente estranha e pronunciadora de males sem fim. Impossível encontrar tranquilidade em casa. Saí de novo para a rua. Solidão e negrume. Farrapos de sentimentos errando na noite, chegavam-me aos ouvidos fragmentos de lindas e melancólicas canções. O acordeão soluçava, aligurando-se-me que eram as estrélas que se desfaziam em sons. A lua, lá longe, gemia suavemente, chorando luz. Essa noite, fiquei desperto até o amanhecer.

Perguntarão vocês se nas palavras de Koptiaief não haveria um grãozinho de verdade. Os homens da luta, por mais endurecidos que sejam, aquecem a própria alma até senti-la ao rubro. Na luta, eu não me rendo nunca voluntariamente. Na guerra civil, houve momentos em que estivemos a pique de ficarmos inteiramente derrotados. Eu, porém, não fugi. Ao contrário, continuei a marchar para a frente, sempre para a frente... E este heroísmo da desesperação salvou-me em todas as ocasiões: triunfo ou morte. Pois bem: na luta contra a calúnia, também continuei avançando e não me dispunha a retroceder. Devia, acaso, depor as armas?

Voltemos a Kovaliov. Nesse período, apenas o vi três vezes, e em todas elas encantou-me com seus dotes de excelente jogador. Ganhava sempre e ninguém ocorria tratar-se de um refinado patife, que tinha sempre para cada jôgo novas cartas marcadas.

Comportava-se magnificamente. Esbelto, elástico, limpo, acentuadamente operário na sua indumentária (até mesmo no timbre da voz onde soava a sólida rudeza proletária), erguia-se junto à mesa do presidente da Seção Regional, com respeitosa dignidade, como um indivíduo consciente do seu próprio e imenso valor. Falava de maneira clara, enérgica, sem palavras supérfluas e, ao mesmo tempo, fixando sem pestanejar os olhos do presidente. Este era também de nossa fábrica. Chamava-se Pakline, um homem vaidoso, que não gostava de replicar. Tinha uma fraqueza: a lisonja derretia-o, suprimia-lhe todas as faculdades. E' sabido que a bajulação cega os homens e transforma covardes em heróis.

— Com o entendimento e a experiência que possuí, camarada Pakline... com o seu talento organizador... com a sua imensa autoridade nas massas operárias...

Ou ainda:

— Sabendo que você, camarada Pakline, aplicará com firmeza e exatidão as diretivas... peço com insistência... Quem poderá opor objeções ao plano admirável?...

Ou simplesmente:

— Sob a sua direção, camarada Pakline, falei até transfigurar-me. Unidos, é incontestável que nos confiarão, prontamente, um trabalho sério no domínio da Confederação...

E vejo-o, depois, apresentar um relatório à assembléia do Conselho Regional dos Sindicatos. Maravilha! Tudo medido e certo! Improvisos engenhosos. Citações de Lenine, bem aplicadas e hábeis, brilhantes lisonjas à assembléia e ao presidente. Provavelmente, já havia falado por mais de uma vez, no Conselho Regional Sindical, pois, ouvido com atenção a curiosidade, foi, ao terminar, ruidosamente aplaudido. Nessa ocasião, um camarada quis escarnecer-me:

— Como é possível, paizinho, você depreciar os dotes de tão excelente camarada? Você está liquidado, irmão! Cuidado, que o moço é inteligente! Vai fazer carreira. Vocês, os homens da administração, não podem tolerar as cabeças inteligentes. Querem subir o mais possível, sem que ninguém os embarace. Por que implicou com ele? Dizem que vai para a Comissão de Controle.

De outra feita, achando-me no Conselho Superior da Economia, vi-o com o secretário de alta personalidade, como se se tratasse de amigo íntimo. Lado a lado, ambos fumavam, conversavam e riam. O secretário desapareceu, depois, no gabinete e Kovaliov olhou-me com indiferença. Seu olhar denotava ironia e triunfo arrogante. A porta abriu-se e o secretário chamou-o em voz alta:

— Pode entrar, Kovaliov!

A porta ficou aberta e pude perceber uma conversação animada entre risos; depois, a voz clara, metálica de Kovaliov:

— Sim, sim; ele estava indicado para fazer carreira. Via-se. Mas prometi a mim mesmo arrancá-lo de seu esconderijo e pisá-lo como uma víbora.

Ao cruzar, depois, com ele, pela primeira vez me assaltaram e torturaram estas perguntas: de onde saem tais indivíduos? Quem os revela? Por que se adaptam tão fortemente à nossa tremenda realidade? Como é que eu, um velho revolucionário, bolchevita, soldado da guerra civil, sou preterido por ele? Por que me arrebento de trabalhar como um búfalo, aborreo-me por qualquer bagatela na produção, enquanto os Kovaliovs vivem magnificamente, fazem uma carreira vertiginosa, sentem-se em toda parte como em sua casa e dão a entender, a todo momento, que eu, a seu lado, não sou mais que um zero, um péssimo trabalhador, um desprezível percebejo? (Cont. no próximo número)

ALMA UM VERDADEIRO PAVOR, DADA A SOLIDÃO QUE ME CERCAVA. FUI PARA CASA. NOITE ESCURA...

A qualquer hora
do dia

ou da noite

a

RÁDIO RECORD

de São Paulo

tem um PROGRAMA

que VOCÊ ouvirá

perfeitamente

em qualquer

ponto do país

EXPERIMENTE!

ondas médias: 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas: 19, 25, 31 e 49 metros

Record

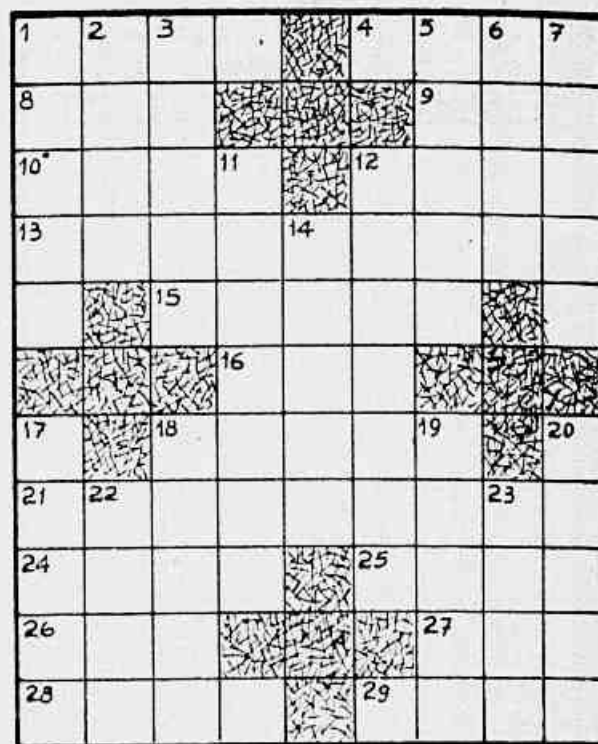
PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS Nº 123

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Covil de veados — 4. Sufixo que concorre à formação de substantivos derivados de adjetivos — 8. Mau humor — 9. Princípios — 10. Penedia — 12. Puxei para cima — 13. Contumazes — 15. Espécie de tecido de algodão — 16. Espécie de castanha — 18. Forragem usada na África Setentrional — 21. Malicioso — 24. Medonho — 25. Vertigem — 26. Pagos — 27. Espécie de relva da Abissínia — 28. Estímulo — 29. Cachaça.

VERTICAIS: — 1. Nome de mulher — 2. O mais alto grau — 3. Baliza — 5. Defeitos — 6. Abrev. de África Oriental Inglesa (em inglês) — 7. Imposto, taxa — 11. Planta do Brasil, que dá um fruto como ervilha (pl.) — 12. Árvore terebintácea, em que se cria uma espécie de bicho-da-seda — 14. Chegaria — 17. Geminção de dois indivíduos cristalinos, dos quais um se deduz do outro — 18. Nome dado, no Japão, ao imperador espiritual — 19. Marinho — 20. Bebadeira — 22. Almofariz — 23. Cidade da Bulgária.

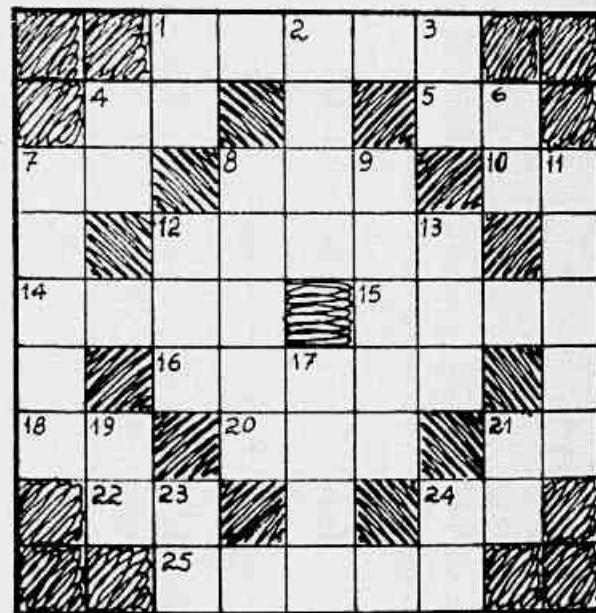


Oliver - Rio

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Macacos — 4. Símbolo químico do rádio — 5. Sufixo designativo de agente — 7. Cento e um romanos — 8. Pedra do altar — 10. Preposição — 12. Faminta, esloimeada — 14. Capitol da Itália — 15. Rezar — 16. Dá adesão — 18. Artigo plural — 20. Vazia — 21. Variação pronominal — 22. Seguir — 24. Contração — 25. Moradias.

VERTICAIS: — 1. Perversa — 2. Rosto — 3. Isolado — 4. Escarnece — 6. Criminosa — 7. Missiva — 8. Instrumento agrícola para arar a terra — 9. Venera — 11. Fim da vida — 12. Quer bem — 13. Unidade das medidas agrárias — 17. Reflexão do som (pl.) — 19. Última nota musical — 21. Pedra de moinho — 23. Antes de Cristo — 24. Corifeu.



Oliver - Rio

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 122

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: nobilitar — ram — nri — aleives — empeu — mu — Oen — Ma — atar — Caim — ta — III — la — caros — alvanel — tié — ala — ciclamens.

VERTICAIS: ora — Bale — imemorável — invencionam — treu — ais — ipê — amata — camal — uta — mil — ira — clic — sele — ati — lan.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: mancebo — chora — AM — ama — rã — rua — Aar — algarismo — cai — aal — ás — ama — lá — briga — ararama.

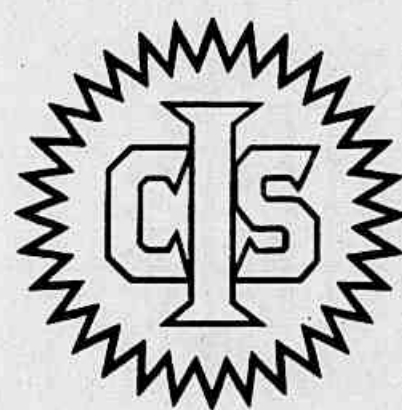
VERTICAIS: A.C. — nhá — comprimir — era — bá — maracás — carolas — mulas — ramal — agi — asa — ara — aga — Br — am.



**A POLÍCIA DA
ESTRADA** está
sempre alerta!

Os acidentes ocorrem a despeito das mais modernas técnicas empregadas na construção das rodovias.

**O SEGURO DE ACIDENTES PESSOAIS
CONTRIBUI PARA A REPARA-
ÇÃO DO DANO SOFRIDO.**



STUDIO ETZ

Seguro de Vida ★ Vida em Grupo ★
Incêndio ★ Lucros Cessantes ★ Transpor-
tes ★ Acidentes Pessoais ★ Roubo ★
Responsabilidade Civil ★ Automóveis ★
Vidros ★ Acidentes do Trabalho

DIRETORIA

Celso da Rocha Miranda
Jorge Eduardo Guinle
Angelo Mario Cerne
Karl Blindhuber.

**COMPANHIA
INTERNACIONAL
DE SEGUROS**

FUNDADA EM 1920

CAPITAL E RESERVAS SUPERIORES A CR\$ 150.000.000,00

RIO: RUA 7 DE SETEMBRO, 94 - TEL. 32-4270 - END. TEL. "COMPINTER"

S. PAULO: R. LÍBERO BADARÓ, 73 - TEL. 32-7104 - END. TEL. "COMPINTER"

SUCURSAIS E AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS

O movimento começou com as manifestações da classe estudantil, pelas vias públicas, fazendo paralisar o tráfego dos bondes e simulando o «entêrrão» do prefeito municipal. À direita, estudantes instalaram mesas sobre os trilhos ali improvisando jogos de salão, aulas e conversas avulsas. Na foto abaixo, vemos condutor e motoneiro, impedidos de movimentar o veículo, assistem, displicentemente, ao desfile

A. H. G. 1/4

PUNICÃO DO
ESPANCA DOR
DA P.M.
C.A.C.C.



NO DESESPÊRO DA INFLAÇÃO



O CARNAVAL DE SALÁRIOS E PREÇOS AGITA A CAPITAL FEDERAL — AUMENTAM AS TARIFAS, AS TAXAS, OS IMPOSTOS, OS TRANSPORTES, A ALIMENTAÇÃO, OS ORDENADOS — NINGUÉM ESTÁ CONTENTE — E OS BONDES FORAM QUEBRADOS.



O A MOCIDADE PROTESTA

OS lamentáveis acontecimentos de que foi cenário a capital da República, e dos quais aqui estão alguns documentários fotográficos, constituíram o motivo de interesse maior da semana anterior. Para muitos, eles marcaram um sinal de advertência aos administradores da Nação, para outros; foi também uma consequência já esperada do que bem se pode denominar um Carnaval autêntico na ascensão dos preços e dos salários. Já deixou de ser mero fenômeno a inflação em que se debate o país, mas uma causa justa de desespero para o povo, premido pelo aumento do custo da vida, em suas múltiplas modalidades. Tudo passou a subir de preço constante, numa desproporção e num descontrole verdadeiramente caóticos, e nada mais escapa à vertiginosa correria para o alto, sempre e cada vez mais para cima. São as tarifas, as taxas e os impostos, são os meios de transporte em todas as suas variantes, os gêneros imprescindíveis à alimentação, e, enfim, os salários.

Aumentam-se os ordenados porque o custo da vida foi elevado e sobem conseqüentemente os preços, mais ainda, porque os salários acrescidos assim o impõem. Resultado: um círculo vicioso, pois ninguém lucra com isso, e um descontentamento geral, que se espalha por todas as classes, da mais abastada à mais humilde. Ninguém se entende, bracejando nesse mar de confusão nacional, e as razões dadas por cada um, chocam-se, contraditórias, com as que partes contrárias fazem circular. Os protestos ecoam das ruas para as Câmaras, dos escritórios e oficinas, para os lares, onde o chefe de família já não sabe como equilibrar o seu orçamento. A atitude da mocidade estudantil compreende-se, como um gesto inflamado da juventude, que vive pelo seu ideal e quer encontrar um caminho certo para quando, amanhã, a sua geração cumprir o seu destino, já na fase do amadurecimento. E os bondes foram quebrados, incendiados, destruídos, pagando o pato pela confusão geral machadiana.

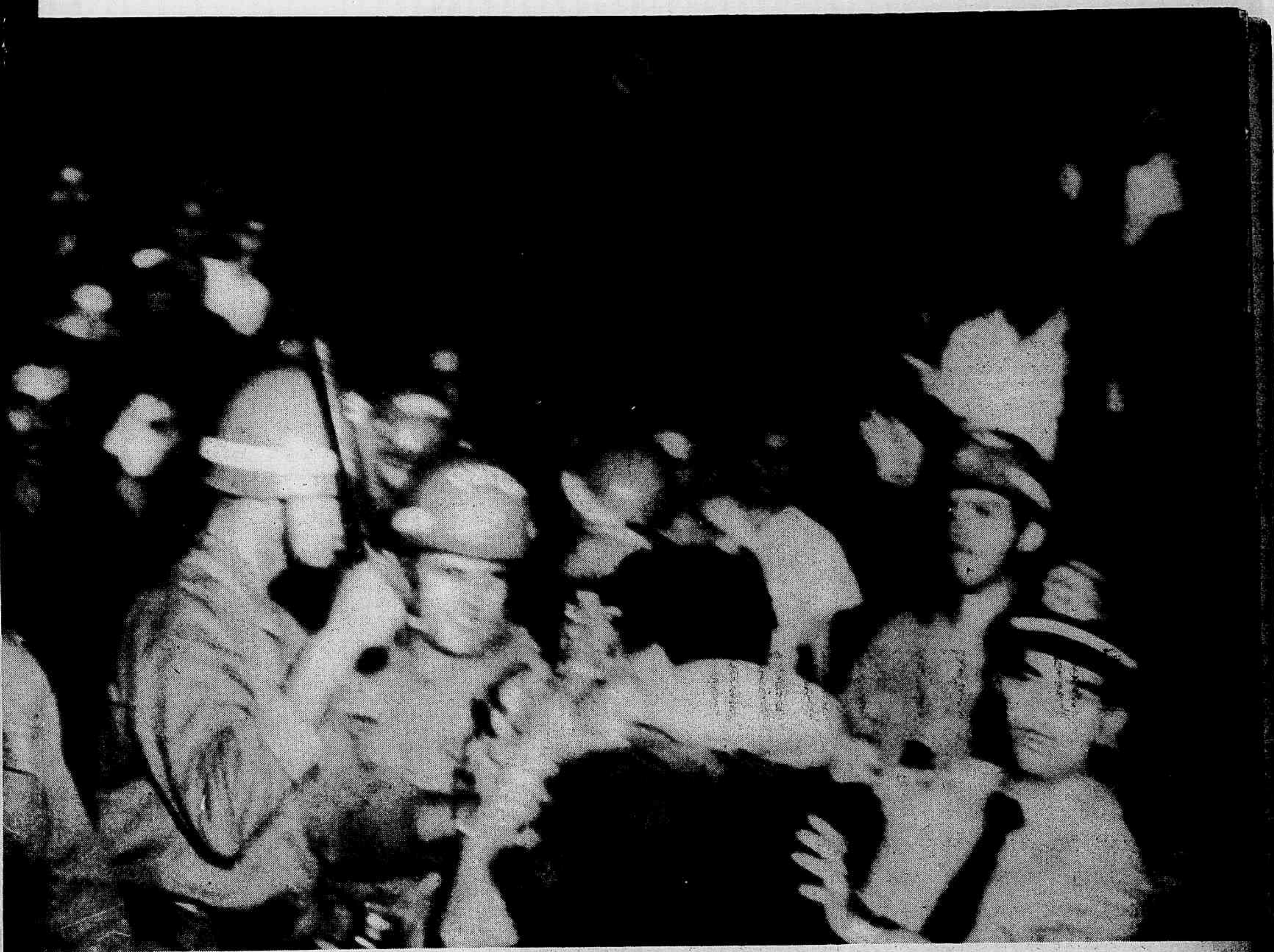
A MOCIDADE PROTESTA



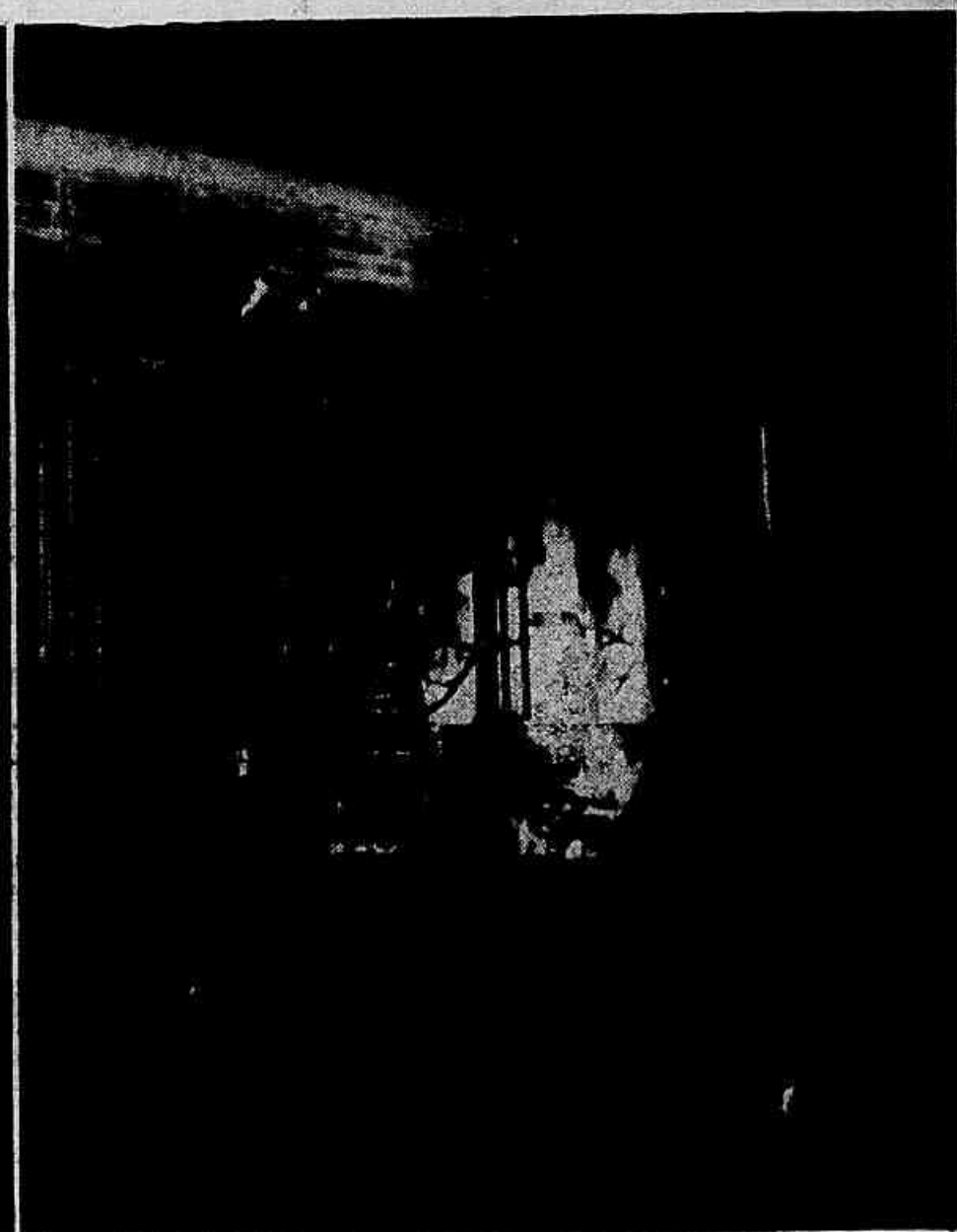
A SITUAÇÃO TOMOU PROPORÇÕES ALARMANTES COM A INVESTIDA CONTRA OS ESTUDANTES — E OS «CASSETETES» ENTRARAM EM AÇÃO



E os rapazes das escolas superiores, munidos de velas acesas, enfrentavam os policiais. Quando êstes tentavam reagir, os estudantes entoavam o Hino Nacional, obrigando os mantenedores da ordem a se imobilizarem, em posição de sentido. Depois de terminado o hino, a reação recomeçava.



FLAGRANTE BATIDO COM DIFICULDADE, CONTRA A VONTADE DOS P.M., QUE NO MOMENTO PASSAVAM UMA .GRAVATA. EM UM ESTUDANTE.



Centenas de bondes elétricos na cidade e nos subúrbios ficaram inutilizados e alguns chegaram mesmo a ser queimados. Em muitos casos, os estudantes limitavam-se a colocar cartazes iguais aos que se vêem acima, abandonando os veículos que eram, mais tarde, recolhidos às estações.

UM NOVO tratamento

complexo injetável de alto valor
anti-anêmico, anti-tóxico e reconstituente
Injeções intra-musculares:
1 ou 2 ampólas diariamente.

YAKRITAMIN



fração solúvel do extrato hepático
concentrado com ácido fólico
criptofano, histidina e melanina
Caixas com 3 amp - 2cc.

INSTITUTO BIOLÓGICO do RIO de JANEIRO Ltda.
Eloc: Rua Santa Luzia 733-532 - fone 220302 - Lab. Alam. São Benedito 1027-Núclei



Leiam

EU SEI TUDO

A MAIS COMPLETA REVISTA EDITADA NO BRASIL —
LEITURA INSTRUTIVA E VARIADA AO ALCANCE DE
TODOS — CIÊNCIA, HISTÓRIA, DOIS ROMANCES, CON-
TOS VARIADOS — INFORMAÇÕES DE UTILIDADE GE-
RAL, CHARADA, QUEBRA-CABEÇAS, ETC.

TODOS OS MESES A VENDA NOS
JORNALEIROS — PREÇO CR\$ 10.00

EM QUALQUER PONTO DO
BRASIL QUE V. S. RESIDA

O MUNDO

UM JORNAL PARA O BRASIL E PORTUGAL

Estará Todas as Semanas ao Seu Alcance. Seja
Assinante Deste Moderno Semanário e Esteja em
Dia Com os Acontecimentos da Pátria de Camões!

Assinaturas:

AV. RIO BRANCO, 277 - 12.º - GRUPO 1.203 FONE 32-0499
RIO DE JANEIRO

PELAS ESQUINAS DA NOITE

FERNANDO LOBO

APENAS UM SOBRADO

● Agora não há mais encontros certos dentro das noites. Os amigos iguais criaram asas, voaram para longe ou se fecharam dentro dos seus cantos. A caminhada é melancólica, dentro da noite vazia. Um sol minigado traz o dia, estrelas curtas e lua sem cor, são acompanhantes da noite. E encontros não há. Tem-se a dolorosa impressão que a cidade espiçou mais, cresceu e fez de seus caminhos estradas longas. O homem da noite não tem mais aquela agilidade de gato nas suas andanças em busca de conversas melhores. A noite foi feita mais para isso; para nos dar carinhos e ternuras e nos fazer esquecer da dureza do dia, como se nos cantasse suaves e maternais canções de embalo. No fundo somos um exército de abandonados, catando agraços para que a alma não seque de depressa e que a desilusão não seja dona de todos nós. Mas as noites não nos dão encontros. No "Juca's", de há bem ontem, era uma mesa só. Ficava-se sem marcar tempo, sem fixar horário, pois a noite era nossa. Hoje somos um punhado de gritos nos meios encontros casuais. Onde andará Newton Freitas? Sei que está em Londres. Agora mesmo acabo de ler o que nos manda: "Eu, por enquanto, me sinto inquieto a bordo deste imenso navio. Talvez seja porque prefira os barquinhos, ou talvez mesmo porque continuei navegando no "Gurupy" tendo oportunidade para cruzar o mar no "Queen Mary"... Está longe. Vinicius esteve e vai ficar longe também. Paulo nos escreve de Pequim. O mundo encolheu de repente diante dos nossos passos, mas fez deserta e enorme esta cidade tão calma e tão boa para ser um lugar para crescer e morrer. Nunca dizer a frase "antigamente era melhor" pois mais tristes e mais velhos ficamos. Poderemos dizer que tudo hoje é pior, pois estamos separados pela luta, longe pelos gritos, distanciados pelas distâncias enormes e somente um "sobrado velho" poderia nos unir a todos, para uma conversa tranqüila, a conversa de ontem, o contar de amanhã, um sobrado que fôsse, mesmo cheio de assombrações, pois nos entregaria menos medo que essas noites que aí estão.



ANGELITA MARTINEZ, a rainha tem coroa e penas na cabeça.

UM DA NOITE ESCOLHE DEZ

A dúzia esteve em moda. Agora o número dez está mais em voga. Acredito mesmo que o valor intrínseco de uma dúzia de ovos hoje, seja mesmo o de dez. Os ovos estão diminuindo de tamanho, tão medrosas andas as galinhas destes tempos de agora. Stanislaw Ponte Preta — o mais bem informado de todos os cronistas — está aqui ao nosso lado. Não é toda a revista ou jornal que tem o privilégio de privar com Stanislaw, pois ele usa de todos os estratagemas para não ser notado, nem aplaudido, nem muito menos apontado como o mais lido. Isso talvez temeroso, diz ele de virar amanhã «manequim de uma fábrica de camisolas que ele deveria afirmar serem elas «decididamente» iguais às que mamãe fazia em casa. O segredo de Stanislaw é a modéstia e daí o seu sucesso com todas as moças, de todas as cores e partidos, que habitam a noite carioca e porque não dizer paulista e estrangeira onde mantém uma perfeita equipe de correspondentes. Mas, voltemos à sua eleição das «DEZ MELHORES COISAS DA NOITE».

P — O que é melhor dentro da noite?

R — Mulher.

P — Quem é bom dentro da noite?

R — Este time do qual sou torcedor doente: Mara, Loana e Eloina; Gina, Angelita e Nância; Norma I, Norma II, Verônica, Glória Ladani e Zizica (e depois Nilva).

P — Qual a bebida boa dentro da noite?

R — A penúltima.

P — Qual o melhor bar dentro da noite?

R — O que não tem sanfona.

P — Qual o melhor garção da noite?

R — Não como nos restaurantes daquele edifício.

P — Qual o melhor papo dentro da noite?

R — No «Jirau» com Chiquinho (um gordo exceção, pois é melhor que «Marty»).

P — Qual o melhor dono da noite?

R — Eu só manjo o pior. A vítima usa piteira e terno azul-marinho. É o autor da grande e histórica frase: «deixou... mastigou um».

P — Qual a melhor música dentro da noite?

R — Samba!

P — Qual o melhor cronista noturno?

R — Eu... ora!

P — Qual a melhor hora de ir para casa?

R — Depois

ITINERÁRIO DO BRASIL

ADMITE-SE ter sido Fernão Dias Paes quem — na direção da Serra da Borda e após ter fundado Ibituruna em 1674 — em primeiro lugar cruzou a região onde hoje assenta São João del-Rei. Ali — ao expirar do século XVII — Tomé Portes del-Rei fundou o arraial chamado Pôrto Real da Passagem. Assinalou-se a existência de ouro em 1701 e, dois ou três anos depois, grandes **manchas** eram descobertas por Manoel João de Barcelos, Pedro do Rosário e Lourenço da Costa. À chegada de falsadores, amplia-se o arraial estendido à sombra das serras do Senhor do Monte. Entre os primeiros habitantes, opontam-se Manoel da Silva Leme, Manoel Bicudo, João da Cunha Gago, o padre Gregório de Souza, Pascoal de Macedo — arrematante, em 1711, da **passagem** do Rio das Mortes — e, ainda, João Castanho, João Antunes Maciel e Pedro de Moraes Raposo. Uma capela foi, então, levantada no atual Morro da Forca.

Assim nasceu o arraial do Rio das Mortes, mais tarde vila de Nossa Senhora do Pilar de São João del-Rei. Durante a guerra dos Emboabas, viram seus habitantes — em 1708 — ser chacinados trezentos paulistas à perfídia do bravo Bento do Amaral Coutinho, que capitaneava os invasores.

O povoado — em constante expansão — torna-se vila a 8 de junho de 1713 por D. Braz Baltasar da Silveira, que governava Minas e São Paulo. A 8 de dezembro, na presença do ouvidor Gonçalo de Freitas Baracho é a Câmara instalada com três vereadores: Francisco Pereira da Costa, Silvestre Marcos da Cunha e Pedro da Silva Chaves. Procurador, é José Alves de Oliveira. Juizes, Pedro de Moraes Raposo e o sargento-mór Ambrósio Caldeira Brant. Logo se estabelece a Cadeia e se ergue o Pelourinho na «chapada do morro que fica do outro lado do córrego, para a parte nascente do arraial». Em 1714, doutrina os fiéis o padre Manoel de Almeida e em 1719 ordena o conde de Assumar a construção de quartéis para a soldadesca destinada à guarda das minas. É nesse ano que o padre Manoel Cabral Camelo lançou a bênção à igreja do Rosário.

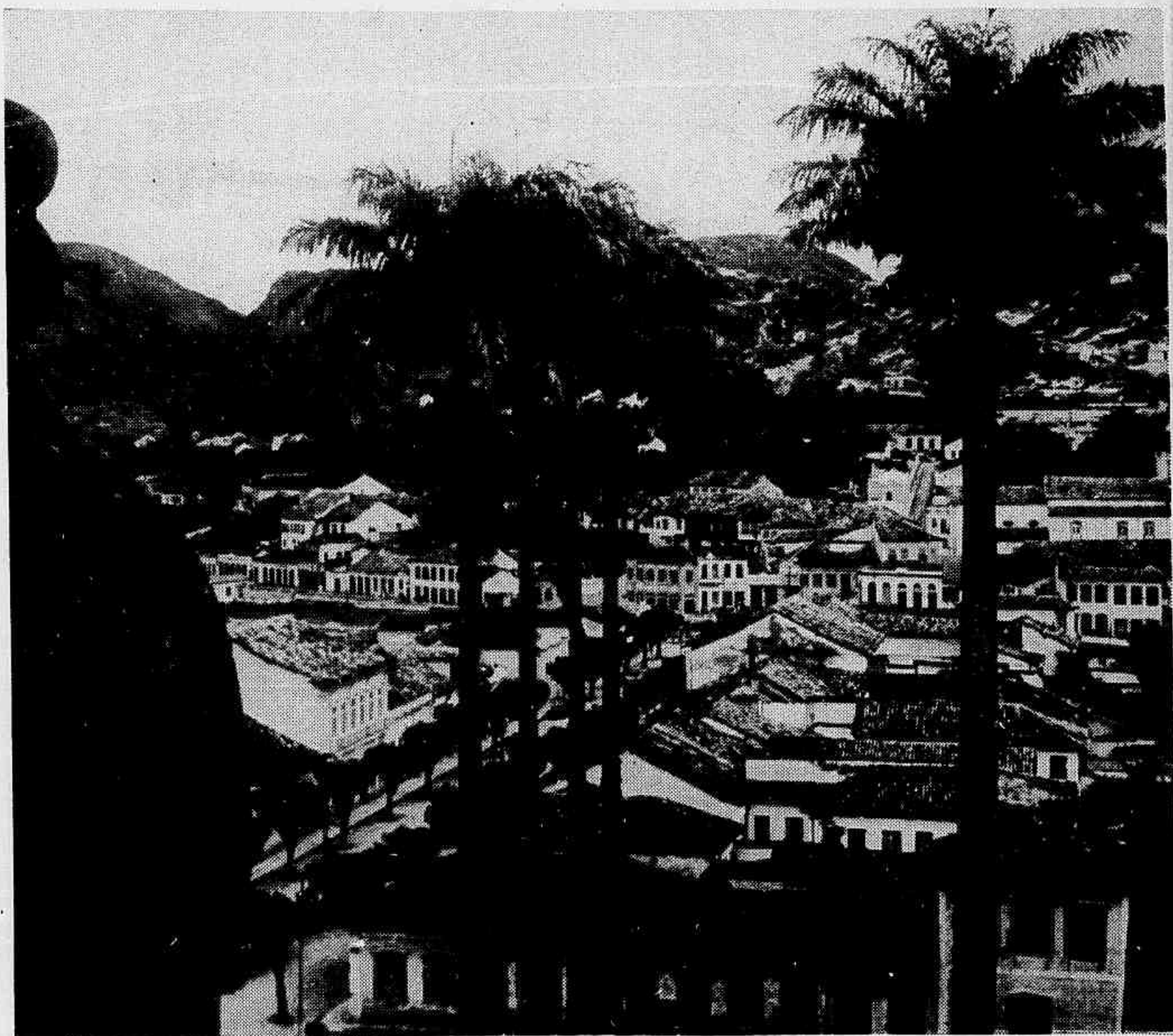
Em 1774, teve São João del-Rei sua primeira Aula Régia de latim. Segunda localidade de Minas a possuir imprensa, teve — a 20 de novembro de 1827 e fundado por Batista Coetano de Almeida — o **ASTRO DE MINAS**, periódico que tinha um sol no cabeçalho e que espelhava os acontecimentos da época. Dez anos antes, a Santa Casa de Misericórdia sucedera ao velho hospital de São João de Deus, vindo da segunda metade do século XVIII.

Com intensa lavoura e grande criação de gado, mereceu em 1711 o elogio de Antonil. Produziu, nos meados do século passado, muito trigo e centeio. Ao esplendor da mineração, manteve largo comércio e aos benefícios da E. F. Oeste de Minas — em fins de oitocentos — pôde desenvolver indústrias que, hoje, sustentam sua economia.

Com Diamantina, Sabará e Serro torna-se, em 1838, cidade e por pouco não foi depois elevada à capital de Minas Gerais em vez do Curral del-Rei que é, hoje, Belo Horizonte.

A caprichosa paisagem urbana de São João del-Rei é recortada pelo Lenheiro, o Gameleiras, o Segrêdo, o Água Limpa e o Rio Acima. Das muitas pontes da cidade que, em fins do século XVIII, eram de madeira.

Antiquíssima, é a de Pedro Alves. A ponte do Rosário data de 1808. Mas, entre a dos Suspiros, a da Estação, a da Biquinha, a do Teatro e a da Rua Cristóvão Colombo, avultam a da Água Limpa — com mais de duzentos anos



SÃO JOÃO DEL REI, velha e pitoresca cidade mineira, é a terra de Felisberto Caldeira Brant, e de Bárbara Heliadora. Famosa pelo seu casario colonial, a vila que Tomé Portes del Rei fundara em 1701, hoje atrai visitantes de todo o país.

SÃO JOÃO DEL-REI

EDUARDO TOURINHO

— e a do Pôrto, pela primeira vez construída no decorrer de 1736.

A matriz do Pilar remonta a 1721 e substituiu a capelinha da mesma invocação, nascida em 1703. Possui notável fachada, pesada prataria, paramentos bordados a ouro, admiráveis púlpitos. A do Rosário é de 1719. A das Mercês — com largas escadarias — recua a 1751. Mas a do Carmo é a mais preciosa: belo frontespício monumental portada, preciosas alaias e, ainda, um surpreendente inacabado Cristo esculpido por desconhecido artista. A de São Francisco é pequenina jóia. Sobremodo graciosas, são as capelas do Senhor do Monte e do Senhor do Bonfim.

A Casa da Ópera — que em 1805 existiu na Praça da Praia — deu lugar, entre 1843 e 1844, ao teatro da Rua da Prata. O atual Teatro Municipal, seu sucessor, foi em 1893 inaugurado por Furtado Coelho.

Entre seus filhos ilustres, São João del-Rei conta Felisberto Caldeira Brant — o grande contratador de diamantes do Tejuco — perseguido, espoliado e preso no Limoeiro de Lisboa. Liberta-o o terremoto de 1775 e teve, então, sua inocência reconhecida pelo marquês de Pombal. Tiradentes — nascido em 1746 numa fazenda das imediações — estudou as **primeiras letras** em São João del-Rei. E Bárbara Heliadora — a heróica esposa do poeta inconfidente Inácio José de Alvarenga Peixoto, nasceu numa casa ainda existente no Largo de São Francisco.

Não se manteve a cidade indiferente às lutas políticas do século passado: o movimento da Independência, as agitações da Regência, a revolução de 1842, a maioridade de Pedro II. Vibrou e sofreu como o Brasil todo, delas coparticipando também.

No progresso e prosperidade dos dias atuais, em nada mais lembra São João del-Rei o povoado fundado por Tomé Portes: o Pôrto Real da Passagem, no expirar do século XVII.



AS MAIS ESTRANHAS CONJECTURAS SÃO FEITAS A RESPEITO DO DESAPARECIMENTO DO FAMOSO «HOMEM-RÃ» BRITÂNICO LIONEL CRABB, OCORRIDO A DEZESSEIS DE ABRIL DO CORRENTE ANO ★ MORTO OU RAPTADO PELOS RUSSOS? ★ UM POUCO DA HISTÓRIA DOS FAMOSOS «HOMENS-RÃS» DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Texto de HAROLD GREEN

A PAR de suas façanhas guerreiras, Crabb levou a efeito diversas explorações subaquáticas, em missão pacífica. Aqui aparece, rodeado de crianças, contando suas aventuras submarinas, que são verdadeiramente fascinantes.

CRABB O «HOMEM-RÃ»

DESDE o dia 16 de abril passado que se encontra desaparecido o coronel Lionel Crabb, o mais famoso dos «homens-rãs» britânicos, o qual, durante a guerra, celebrou-se ao realizar trabalhos de sabotagem em navios de guerra do Eixo. O desaparecimento de Crabb, o qual contava 46 anos de idade, deu-se em circunstâncias estranhas, que permitem supor tenha sido ele assassinado pelos soviéticos, quando, em missão secreta do Almirantado, examinava o casco e a hélice do cruzador «Ordschonikidse», de 13 mil toneladas, que se incumbiu de transportar à Inglaterra, para uma visita oficial de alguns dias, os líderes comunistas Bulganin e Kruschev. Contudo, não é essa a única versão do acontecimento: a revista alemã «Der Stern», por exemplo, em seu número de 19 de maio, acredita tenha sido Crabb levado, a bordo do cruzador soviético, para a Rússia, não adiantando se forçoso a tal, ou por espontânea vontade.

Por outro lado, um telegrama proveniente da Dinamarca afirma, categoricamente, a morte de Crabb, o qual, pressentido pelos marinheiros russos a efetuar pesquisas no fundo do «Ordschonikidse», foi por eles mantido debaixo d'água até que, esgotada a provisão de ar de seu aparelho especial de submersão, não mais pôde voltar à superfície.

A Embaixada Soviética em Londres, e o Foreign Office, trocaram ofícios mútuos a respeito do acontecimento, sendo que a Grã-Bretanha ofereceu à União Soviética desculpas oficiais. Recordar-se, aliás, que o mesmo coronel Lionel Crabb, segundo afirma o jornal inglês «Daily Mail», há cerca de um ano realizou pesquisas idênticas àquelas que tentava fazer, quando surpreendido pela morte, no casco do grande couraçado «Sverdlosk», também da Marinha Russa.

Crabb, que ao lado de suas funções como membro das Forças Navais Britânicas, era também solicitado, algumas vezes, para efetuar missões avulsas de pesquisa submarina, há cinco anos mergulhou na baía de Tobermory, na

Inglaterra à fim de examinar os restos de um suposto galeão espanhol, que teria pertencido à «Invencible Armada», organizada por Felipe II para punir os ingleses, e desbaratada pelo vento

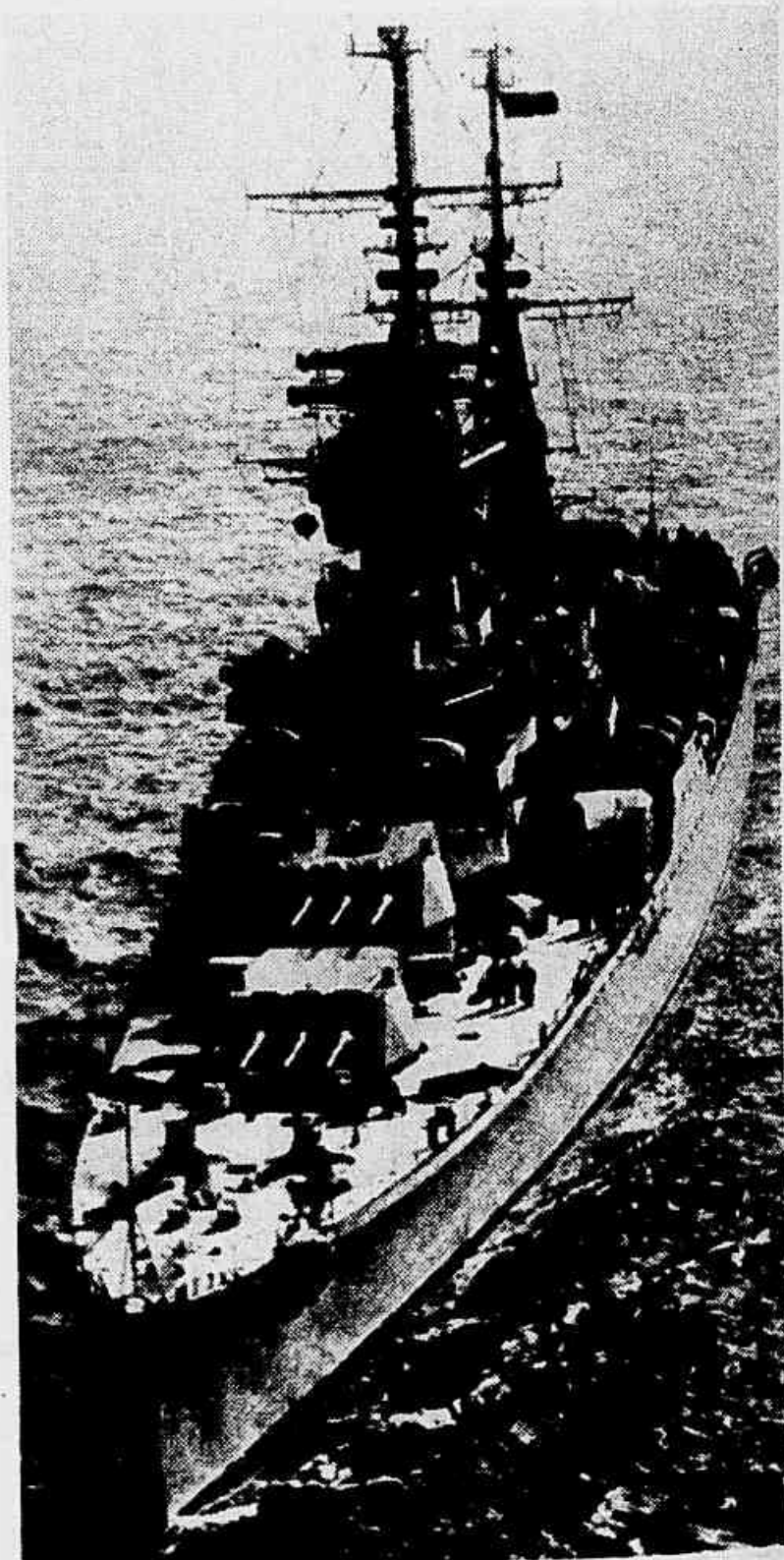
REINA O MISTÉRIO AINDA

A última vez em que Crabb foi visto, no cais de Portsmouth, a cinquenta metros do local em que fundeara o cruzador «Ordschonikidse», foi, como já dissemos, a 16 de abril. aí por diante, nada se sabe acerca do homem que criou, em torno à sua figura e feitos, uma áurea de lenda. Outro famoso «Homem-Rã» britânico, Sidney Knowles, sondou inutilmente, as águas do porto de Portsmouth, enquanto a Scotland Yard efetuava minuciosa busca, também infrutífera. Crabb residia atualmente, em Portsmouth, no Hotel Sallyport, e, segundo o gerente desse estabelecimento, saíra, na manhã do dia 16 fatídico, em companhia de certo Mister Smith, que talvez seja a chave de todo o enigma.

POR FALAR EM HOMENS-RÃS...

Por falar em «Homens-Rãs», cabe aqui fazer um resumo das atividades desses abnegados guerreiros, que, principalmente durante a última guerra, prestaram importantíssimos (e obscuros) serviços.

Desde a Antiguidade que eles existem. Herodoto já lhes notava a presença em batalhas navais das eras mais remotas, influndo poderosamente para a vitória nos mesmos. Porém, os «Homens-Rãs», tal como hoje os conhecemos, nasceram numa base naval italiana, La Spezia, em 22 de outubro de 1935, graças à invenção, por dois engenheiros navais, Tesei e Toschi, de um minúsculo submarino, que denominaram de «Porco». Tal submarino seria cavalgado por um, ou dois homens. Era tão pequenino, que mal seria notado. Os seus gineiros poderiam, aproveitando-se da calada da noite e das dimensões insignificantes do barco, aproximar-se dos navios inimigos. Ali, colocariam, por meio de um gancho especial, que se prenderia ao casco, uma carga



FOI SOB o casco do cruzador russo «Ordschonikidse» que o coronel Crabb parece ter desaparecido, prisioneiro ou vítima dos soviéticos.

fortíssima de dinamite, antes que o vaso fôsse pelos ares, poderiam os tripulantes do submarino-mirim (6 metros somente de comprimento) pôr-se comodamente a salvo.

Esse submarino podia descer a dez metros de profundidade, e demonstrou seu inestimável valor, quando, em 1940, a Itália entrou na guerra, ao lado da Alemanha nazista. Com uma velocidade máxima de três nós horários, e com uma autonomia de cruzeiro de 6 a 10 horas, dois desses pequenos navios, o *Iride* e o *Gondar*, penetraram, em setembro de 1941, por volta das duas da madrugada, no porto de Gibraltar, onde um grande comboio se agasalhava. Ninguém os viu entrar, e o motivo foi muito simples: ainda fora da entrada da barra, tinham submergido, e sem qualquer dificuldade, atravessado a grande tela de aço distendida de lado a lado do porto, e destinada a deter os submersíveis de tamanho normal.

Já em Gibraltar, protegidos pela escuridão, os dois «Porcos» puseram o pique, em meia hora, um petroleiro de dez mil toneladas, outro de seis mil, um cargueiro também de seis mil, e outro, enorme, de doze mil toneladas.

OS JAPONÊSES

Os japoneses não tiveram propriamente um corpo de «Homens-Rãs», de vez que seus alucinados pilotos de submarinos de bolso despedaçavam seus barcos, carregados de explosivos, contra o casco dos navios de guerra norte-ame-

FOI MORTO OU RAPTADO?

ricanos. Contudo, foram inúmeras as perdas sentidas pelas Forças Navais dos Estados Unidos nessa luta contra invisíveis submersíveis que se projetavam, a grande velocidade, contra os cruzadores e couraçados, destroyers e porta-aviões ianques.

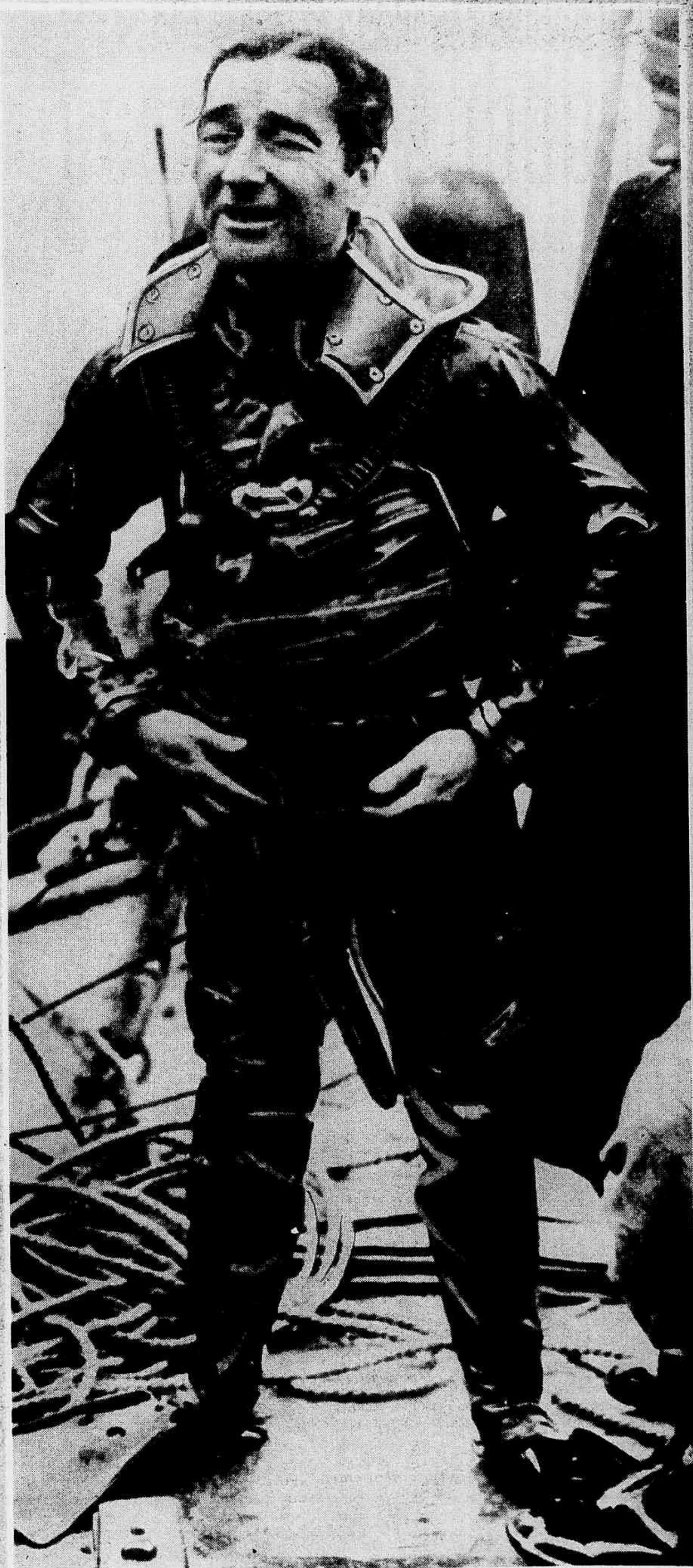
O PERIGO A QUE O HOMEM-RÃ SE SUBMETE

Comumente, um homem de talhe mediano suporta, ao ar livre, uma pressão atmosférica de um quilo por centímetro quadrado de pele; isto é, suporta uma pressão atmosférica igual a dezesseis toneladas! ebaixo d'água, essa pressão aumenta imensamente, à razão de uma atmosfera cada dez metros. Logo, um homem que submerge suporta uma pressão verdadeiramente extraordinária, que lhe ocasionam:

- 1 — perturbações auditivas.
- 2 — «golpes de ventosa», isto é, ruptura dos vasos sangüíneos pela brusca depressão do ar.
- 3 — asfixia por excesso de ar, pela ruptura do reservatório especial, no interior das vestes.
- 4 — embolias.
- 5 — hemorragias.
- 6 — asfixia por falta de oxigênio.
- 7 — asfixia por excesso de anidrido carbônico.
- 8 — intoxicação pelo oxigênio.
- 9 — O «Mal dos Caixotes», causado pelo azoto.
- 10 — a Narcose, ou embriaguês das profundidades.

A tudo isto, acrescenta-se o perigo dos grandes peixes das profundezas, dos tubarões descomunais e polvos vingativos.

É por causa de todos esses motivos que um «Homem-Rã» não é considerado, por nenhuma nação beligerante, como um espião — cujo destino, quando descoberto, é a execução sumária. Por isso levam os «Homens-Rãs» um distintivo especial, testemunha de sua perigosa função. Lionel Crabb, porém, caso tenha sido morto pelos soviéticos, não pôde gozar dessa prerrogativa, de vez que, não estando o seu país em guerra com a União Soviética, as leis bélicas não podiam ser de modo algum invocadas.



A GUERRA PROPICIOU O AUTOMATISMO

Por **NORMAN A. LUNENFELD**

Especial para a REVISTA DA SEMANA — Copyright United Press

EM comparação com os outros animais, o homem é uma pobre e fraca criatura. Sua pele é fragilíssima, se comparada à densa carapaça de crocodilos e tartarugas. Não pode correr com a velocidade de uma lebre, nem ver como um lince ou uma águia. Tem menos da vigésima parte da força de um urso das montanhas.

Por toda essa série de inferioridades, desde a mais remota antiguidade se habituou o cérebro humano a raciocinar. O raciocínio é uma compensação do homem, por sua fraqueza muscular.

Foi assim que o homem inventou máquinas que utilizadas por ele, conseguiam levantar um peso fantástico, ou correr a uma velocidade absurda, ou lóbrigar, com poderosas lentes, os mais pequenos seres da natureza.

Nos anos mais recentes, porém, ele ainda foi mais longe — longe talvez em demasia: inventou máquinas capazes de pensar. Inventou, pelo menos, certas máquinas que pensam mais rapidamente que o homem, e que fazem as tarefas que um homem normal não conseguiria fazer, em frações de segundo.

Cérebros eletrônicos, grandes painéis totalmente automáticos, podem atualmente receber informações, efetuar cálculos e tomar providências, numa fração de segundo, e à razão de um milhão de algarismos por segundo! Cinco unidades por segundo é já muito para o simples cérebro humano. Essas máquinas classificam informações, anota-as, e deduz os mais diversos resultados, por meio delas. Depois, são capazes de conferir todos os resultados em um quinto de segundo.

Máquinas estão tomando o lugar do homem nas oficinas e fábricas. Produzem em um dia o que um homem normal produziria em um mês. Em um mês? Em um ano talvez, talvez em muitos anos. E fazem-no melhor do que o mais cuidadoso e eficiente artesão. E não adoecem, nem exigem aumento de salário, e ainda trabalham vinte e quatro horas por dia...

Já por volta de 1794 se pensava em conseguir o que se começa hoje a conseguir, efetivamente. Naquele ano, Oliver Evans, um moleiro de Filadélfia, inventou o primeiro moinho automático. Usando três rodas diferentes, movimentadas a água, conseguiu que o grão fosse assim triturado sem que, no decorrer de todo o processo, nenhuma vez o músculo humano fosse utilizado. Não seriam mais necessários, nos moinhos, os trabalhadores que eles antes requeriam.

Em 1801, em Paris, Jacquard surpreendeu a indústria têxtil, ao apresentar sua máquina especial, a primeira do mundo capaz de tecer sozinho, e que foi uma espécie de bisavô dos atuais Trabalhadores Automáticos da IBM.

O método Jacquard, por ser muito mais rápido e eficiente, revolucionou a indústria têxtil da Europa, e só em França, por volta de 1820, já existiam onze mil teares semelhantes ao primeiro. Muitos trabalhadores, é verdade, perderam seu emprego, porém, maior foi o número dos que receberam mais altos salários, por se terem tornado fabricantes de teares.

No decorrer do século vinte que vivemos, o lugar do homem, nas máquinas e oficinas, limita-se, nos Estados Unidos, a alimentar, com matérias primas, as máquinas, cujas bocarras escancaradas são praticamente incontentáveis. Além do que, supervisionam e inspecionam a fabricação de produtos e de objetos.

Com a segunda guerra mundial, porém, inúmeros outros problemas tiveram que ser resolvidos pelo homem. Problemas que exigiam o máximo de poupança de tempo e de mão de obra. Aviões ultrapassaram a barreira sônica, projéteis fantásticos exploraram os espaços.

Os olhos humanos, os ouvidos e os músculos, não estão aptos a executar as tarefas que lhe são atualmente solicitadas. Tinham que ser inventados os grandes cérebros eletrônicos, e os «robots» automáticos.

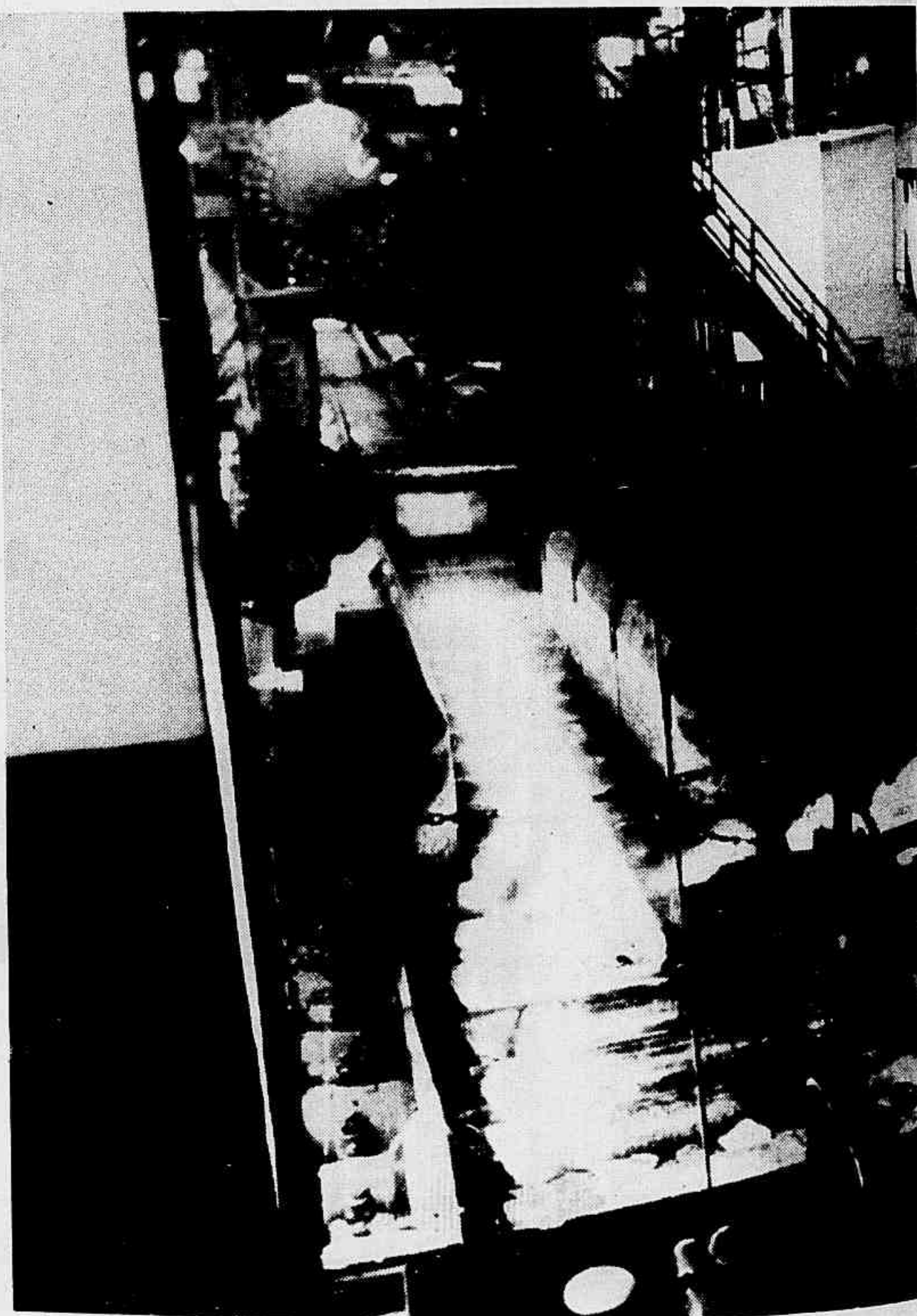
Aviões principiaram a deslizar por entre as nuvens sem nenhum piloto dentro, bombas explodiam eletronicamente a uma distância de muitos milhares de metros, metralhadoras anti-aéreas vomitavam, automaticamente, sua carga contra aviões inimigos.

Ao término da guerra, uma técnica inteira de controles automáticos — músculos e cérebros do Automatismo — estava criada, e apenas aguardava o momento de seu aproveitamento na fabricação.

É uma técnica nova, não só em idéias como em linguagem. Seus criadores são todos jovens. O «avô» do automatismo chama-se John Diebold. Escreveu, sobre o assunto, uma série de livros inextinguíveis. Também fundou o «Automatic Consultant», espécie de Bíblia semanal da idéia, consultada já, todas as semanas, por grande número de americanos.

Quanto à sua idade, Diebold tem apenas 38 anos. John recebeu seu grau de ginasião no Swarthmore College, seu diploma de Engenheiro Naval pela Academia Mercante da Marinha Norte Americana, e seu anel de Doutor em Construção pela Universidade de Harvard. Foi um dos fundadores do grupo que, trabalhando noite e dia, tornou o Automatismo uma realidade de nossos dias.

Das 86 companhias americanas que atualmente, em grande escala, produzem material automático, mais de metade é dirigida por homens



Essa é já a atualidade: o homem sozinho numa oficina cheia de máquinas automáticas. Para o futuro, até mesmo esse homem desaparecerá...

de 35 anos ou menos. A idade média dos homens que se enfrontam nas atividades relacionadas com o Automatismo é 31 anos.

Em 1940, não se vendeu nenhum controle automático. Em 1953, 25 milhões de dólares foram pagos por industriais ávidos por adquirirem esses «empregados-perfeitos». Em 1960, a soma de 600 milhões será sem dúvida alguma alcançada. As faturas de venda dos equipamentos automáticos de controle atingiram, em 1940, a casa dos 3 milhões de dólares; em 1953, a dos 65 milhões; e para 1960, provavelmente atingirão 250 milhões de dólares. Seicentos e cinquenta milhões de dólares, em apenas quinze anos. Nada mau, para um negócio adolescente.

As novas palavras incorporadas ao léxico científico pelo automatismo são ainda mais moças do que os homens que estão desbravando esse campo de ação. O jovem engenheiro Diebold e seus associados descobriram, logo no início, que os engenheiros de montagem que andavam idealizando as máquinas automáticas não «falavam a mesma linguagem». Assim, uma comissão está trabalhando febrilmente, no sentido de organizar todo um vocabulário do Automatismo, de maneira a tornar fáceis as relações entre os engenheiros.

Qualquer dia desses, os dicionários registrarão mais algumas centenas de palavras, devidas ao novo ramo de atividade humana que é o Automatismo.

Mas não somente um bom negócio constitui o Automatismo. É a maior e a mais revolucionária novidade da indústria norte-americana, desde o princípio. Pensadores, economistas, políticos, líderes sindicais e homens de negócio estão debatendo, juntos, os novos problemas ocasionados pelo automatismo. Como de costume, os russos acabam de reivindicar, para si, a glória de terem sido os primeiros a pensarem no assunto.

Trabalhará o automatismo pelo homem, livrando-o de um sem número de tarefas pesadas, e proporcionando-lhe, afinal, uma idade de ouro? Ou será justamente o contrário, a civilização da máquina esmagando o homem sob seu tacão mecânico?

A medida em que progride a civilização do automatismo, deixarão os homens de participar de suas atuais funções produtivas, relegados a um plano inferior por um punhado de máquinas gigantescas? Eis a questão que só o futuro poderá dirimir.

Ou deveremos submetê-la aos pesquisadores automáticos?... — FIM.

ARTES

JOSÉ ROBERTO

SÁ-CARNEIRO E O CUBISMO

● NA CARTA que endereçou a seu genial amigo Fernando Pessoa, datada de Paris, 10 de março de 1913, o poeta português Mário de Sá-Carneiro — que naquela cidade, três anos após, suicidar-se-ia de modo tão estranho — traçava considerações sobre o Cubismo, a escola de pintura que, iniciada por artistas como Picasso, Braque e Léger, por volta de 1907, achava-se, já então, em sua fase final, denominada por Guillaume Apollinaire, o talvez mais importante teórico do movimento, de “Cubismo Sintético”. Achamos de bom alvitre aqui reproduzir o trecho que trata particularmente do Cubismo — trecho que se reveste, a nosso ver, de grande importância, não só por ser demonstrativo da alta inteligência de Sá-Carneiro, em um setor que não era, propriamente, o seu, como também por constituir o primeiro julgamento sério feito por um português sobre o Cubismo. E é o que passamos a fazer, seguindo o texto tal como aparece no livro do ensaísta João Gaspar Simões (1):

● “No entanto, confesso-lhe, meu caro Pessoa, que, sem estar doido, eu acredito no cubismo, mas não nos quadros cubistas até hoje executados. Mas não me podem deixar de ser simpáticos aqueles que, num esforço, tentam, em vez de reproduzir vaquinhas a pastar e caras de madamas mais ou menos más — antes interpretar um sonho, um som, um estado de alma, uma deslocação de ar, etc. Simplesmente, levado a exageros de escola, lutando com as dificuldades de uma ânsia que, se fosse satisfeita, seria genial, as suas obras derrotam, espantam, fazem rir os levianos. Entretanto, meu caro, tão estranhos e incompreensíveis são muitos dos admiráveis sonetos de Mallarmé. E nós compreendemo-los. Por que? Porque o artista foi genial e realizou sua intenção. Os cubistas talvez ainda não a realizassem. Eis tudo. Depois eu não posso crer que os artistas desta escola sejam pura e simplesmente blagueurs, falidos que deitam mão desse meio para esconderem o seu cretinismo. O mais célebre, o mais in-

compreensível destes pintores é o espanhol Picasso, de quem tenho visto imensos trabalhos e que é o fundador da escola. Pois bem, nos seus trabalhos antecubistas, esse homem realizou maravilhas — admiráveis desenhos e águas-fortes que nos causam, por vezes — com os meios mais simples — calafrios geniais de Edgar Poe. Eu não posso crer que este grande artista hoje se transformasse num simples blagueur que borra curvas picarescas e por baixo escreve: “O Violinista”. Não, isto não pode ser assim. É claro que entre os sinceros e valorosos, fumistas se podem introduzir. Como por exemplo aconteceu com o simbolismo na poesia (As deliquescências, de André Floeste, eram um pastiche e que ingênuos tomaram como um livro real). Resumindo: eu creio nas intenções dos cubistas; simplesmente os considero artistas que não realizaram aquilo que pretendem”.

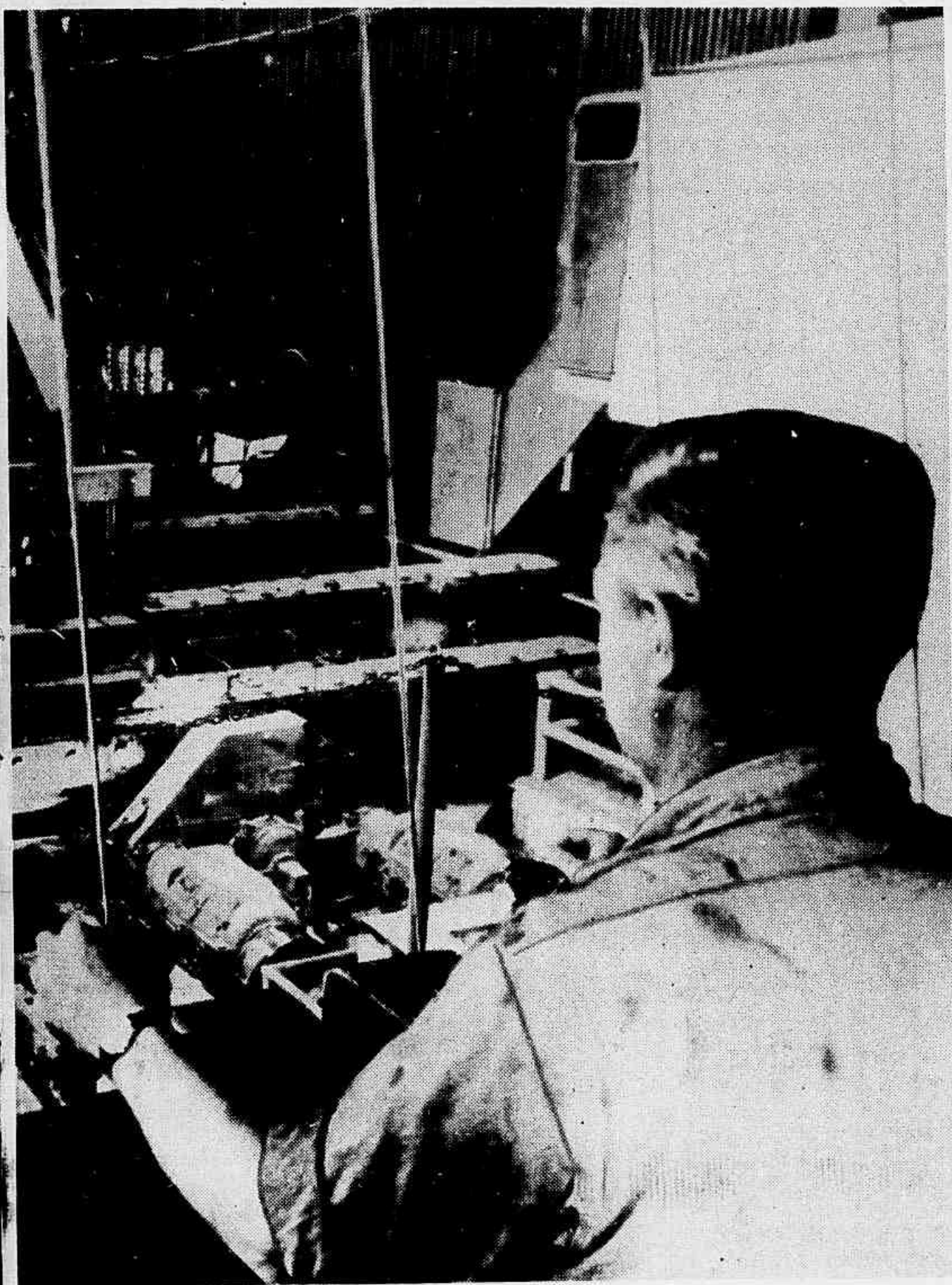
● Pelas linhas acima, podemos ver a que ponto de percepção artística atingira o raciocínio de Sá-Carneiro, o qual, no distante ano de 1913, chegara a conclusões idênticas àquelas a que só hoje estão chegando alguns dos melhores críticos contemporâneos. É verdade que o já citado Apollinaire, no mesmo ano de 1913, escrevera em seu “Les Peintres Cubistes”: “Ce qui différencie le cubisme de l'ancienne peinture, c'est qu'il n'est pas un art d'imitation, mais un art de conception qui tend à s'élever jusqu'à la création” (2).

O que, em suma, significava que o cubismo procurava ser uma Arte de Criação, mas que, no momento em que o grande poeta o examinava, não era senão uma concepção artística. Terá acaso lido Sá-Carneiro o livro de Apollinaire, ou por qualquer motivo se inteirou de suas reflexões? Eis aquilo que não podemos afirmar com segurança. O certo é que, em grande extensão, suas idéias a respeito da escola coincidem integralmente. O que não deixa de ser uma grande honra para o português.

NOTAS

(1) João Gaspar Simões, “Vida e Obra de Fernando Pessoa — História de Uma Geração”, primeiro volume, página 194.

(2) Segundo Leon Degand, “Guillaume Apollinaire et le Cubisme”, in *Art d'aujourd'hui*, número especial dedicado ao cubismo, página 71 e seguintes; Maurice Raynal, no verbete “Apollinaire” do “Dictionnaire de la Peinture Moderne”, Paris, 1954, página 7; Guillaume Janneau, “El Arte Cubista”, versão castelhana de M. Mir, Buenos Ayres, 1944, página 67.





UMA RECENTE fotografia de Greer Garson, tirada há pouco em Paris. A grande atriz aparece ao lado de Nina Garson, sua mãe, pouco antes de se apresentar em um programa de televisão levado ao ar pela «Radiodiffusion Française», em Paris.



ESSA MOÇA exhibe algumas peças da famosa coleção de jóias do marajá Bahadur: o colar termina por um diamante rosa, que é talvez o mais belo do mundo. O diadema possui sete gemas preciosíssimas, representando os cinco principais planetas, e ainda o sol e a lua.

POR ESSE MUNDO DE DEUS



ESSE TIPO estrambótico, com turbante encimado por um tufo de palha, charuto à boca e óculos dependurados no nariz, é o nosso conhecido ator Orson Welles, tal como se apresentou, não há muito tempo, na televisão americana, fazendo o papel de uma velha excêntrica.

KAZUO TOGO é um lutador nipônico de há muito radicado em San Francisco, Estados Unidos. Seu principal passatempo é partir, com uma pancada fulminante das mãos, em minúsculos fragmentos, uma pedra de tamanho considerável. Se vocês quiserem experimentar?...

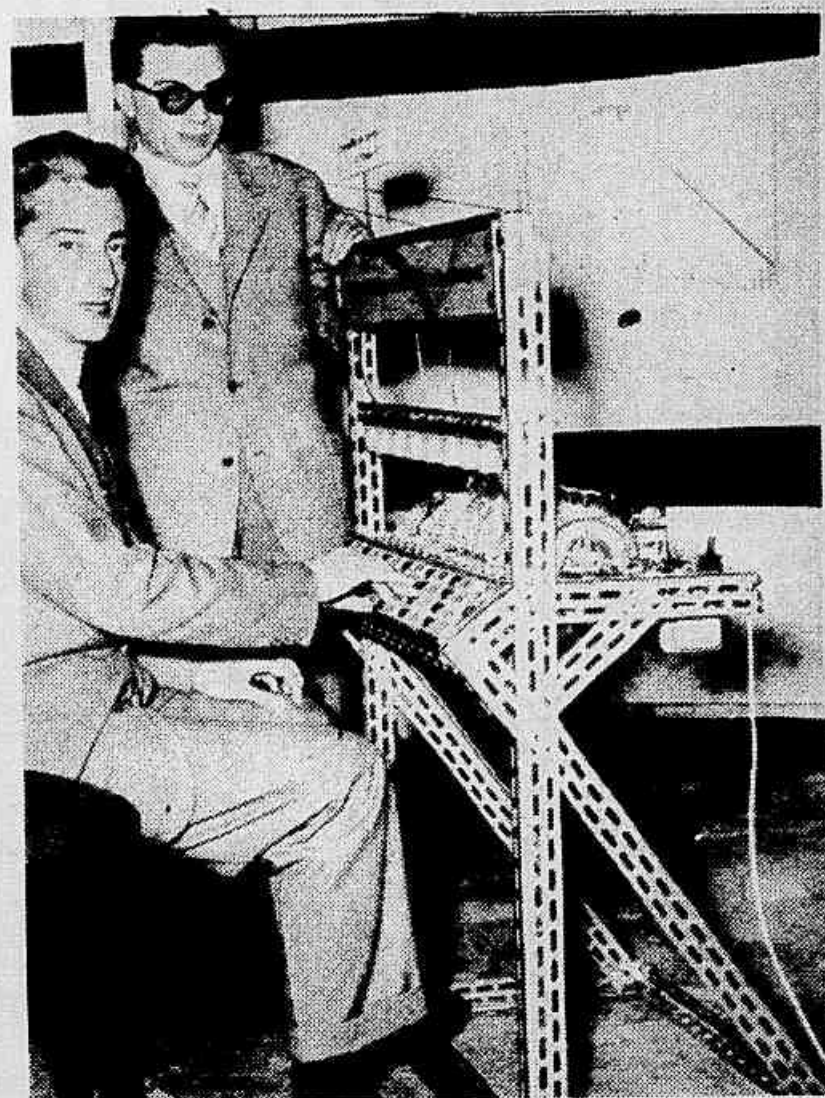




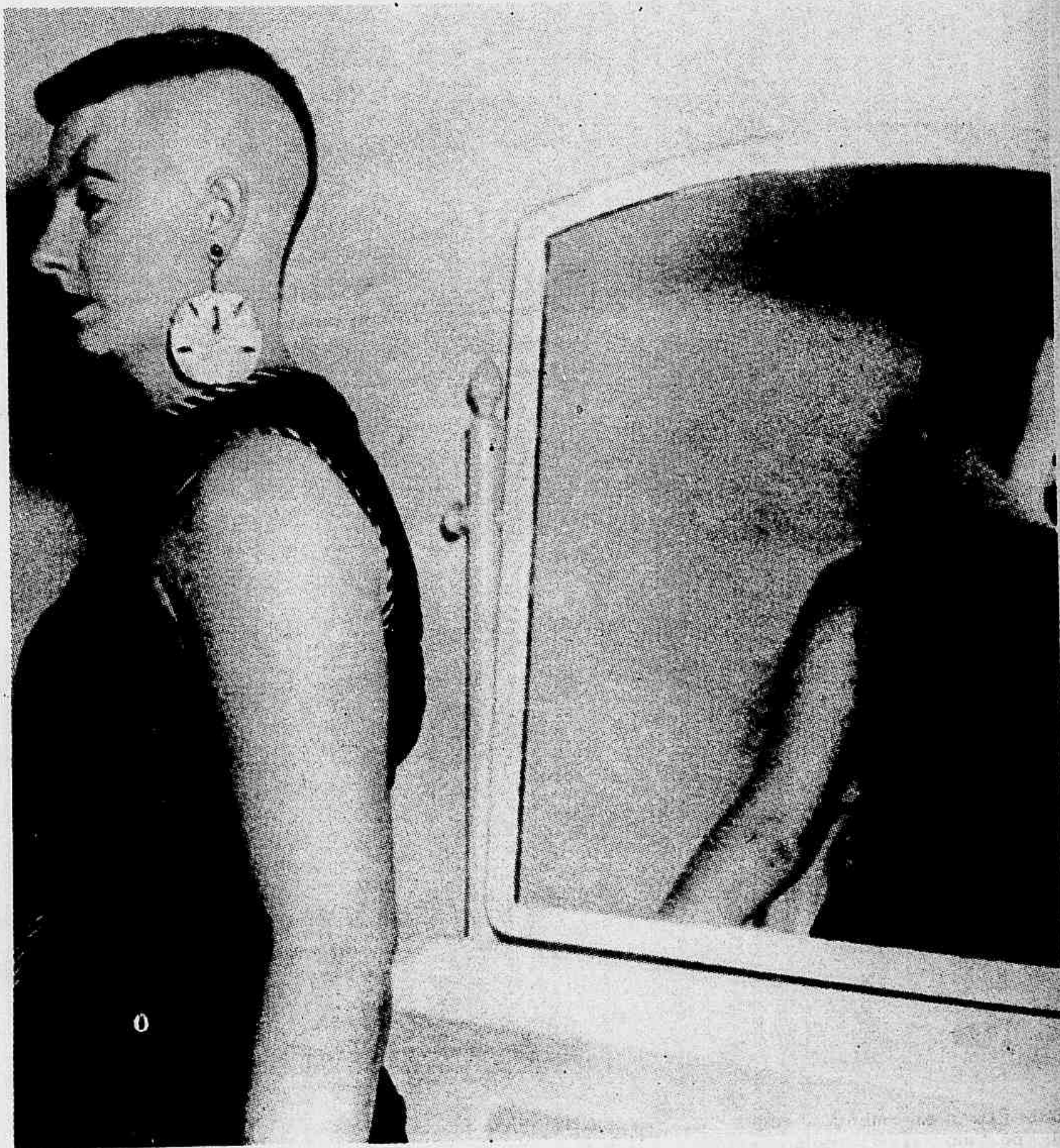
JERRY LEWIS, famoso e bôbo comediante norte-americano, é pai desde fevereiro. Aqui está o pimpolho, que se chama Scott Anthony, recebendo o beijo de Papai Lewis. Se as leis da hereditariedade ainda estiverem de pé, o menino, quando se tornar «alguém», estará frito.



ESSE MÁGICO britânico realizou uma façanha verdadeiramente admirável: aparou, com os dentes, uma bala disparada de um revólver a três metros de distância. Chama-se George Gammond, tem cinquenta e cinco anos, e realiza a proeza tôdas as semanas, na TV londrina.



UM FILÓSOFO (Silvio Ceccato, sentado) e um engenheiro, Enrico Maretti, foram os idealizadores dessa aparentemente simples «engenhoca», por eles denominada de «Cérebro de Adão II», e que conforme se anuncia é capaz de efetuar rapidamente cálculos julgados incríveis.



JOAN HEINRICH, estudante de pintura de Sarasota, Estados Unidos, inventou esse novo tipo de penteado, segundo ela, baseado na moda moicana de três séculos passados. Pode ser que as melindrosas venham a aderir à coisa. Nós, porém, duvidamos que tal «moda» chegue a vingar.

INOVAÇÃO

SPECTATOR

GRAU DEZ:

● Por diversas vezes temos assinalado nesta seção a necessidade de constantes inovações nos programas de televisão, necessidade essa comprovada pelo agrado que em geral conseguem alcançar as novidades, junto aos espectadores. Nada é mais perigoso do que a rotina, principalmente tratando-se de uma atividade que vise diretamente ao público e que, portanto, está muito sujeita a críticas.

A TV-Rio surpreendeu a todos, iniciando transmissões em conjunto com a TV-Record de São Paulo. Ligações dessa espécie, que em outros países foram conseguidas após longos anos de experiências no campo da TV, entre nós foram realizadas de maneira bastante auspiciosa, e com grande valor, considerando-se o curto período de vida que têm as apresentações televisionadas no Brasil. Tal cobertura, como se pode calcular, não foi feita senão a custo de grandes dificuldades, não só pela longa distância que separa Rio de São Paulo como também pelos obstáculos naturais e pela deficiência do material técnico adequado com que lutam as nossas emissoras. No entanto, todas as barreiras foram vencidas heróicamente e os paulistas puderam apreciar a primeira transmissão feita diretamente do Rio, ocasião em que foram televisionadas algumas vistas da cidade e um grande "show", ao qual compareceram artistas de destaque do rádio e TV carioca.

● A união das TV Rio e Record promete aos espectadores grandes surpresas e todos as aguardam com ansiedade, principalmente os cariocas que conhecem o progresso que tem alcançado a TV em São Paulo.

Por enquanto, cariocas e paulistas estarão em contato através do vídeo somente uma vez por semana, mas, dentro em breve já será possível multiplicar essas apresentações. A TV-Record, após transmissões feitas de Santos e Campinas em tripla-visual (simultaneamente dos estúdios do Jockey Club e do Pacaembu), alcançou mais uma vitória, entrando em contato com a TV-Rio.

Essa união dos Canais 13 e 7, veio não só animar em muito aos telespectadores, que dêse modo terão a programação de TV bastante ampliada, como também abriu novos horizontes para essas atividades no Brasil, uma vez que o sucesso dessa primeira tentativa, naturalmente irá incentivar a outras do mesmo gênero e, com tudo isso, sairá ganhando e em muito, o público. Parabéns, portanto, às TV-Rio e Record por haverem tomado a iniciativa de lançar-se ao mais arrojado espetáculo da história da televisão no Brasil.

VAMOS MELHORAR?

● Entre nós, os cartazes internacionais recebem por parte dos contratantes um acúmulo de atenções que nem sempre é explicável, uma vez que, em muitos casos, não correspondem à propaganda que os antecede.

Isso aconteceu, agora, relativamente às apresentações de Mexicanita, cantora de muito poucos recursos vocais. Entre as nossas cantoras temos elementos bem mais interessantes.

● A TV-Tupi teve por alguns dias as suas transmissões prejudicadas em virtude da greve em que se lançaram os músicos das emissoras de rádio e TV Associadas. Programas musicados como o de Virgínia Lane, perderam em muito o interesse. Virgínia, embora tivesse com antecedência gravado os números que deveria interpretar, no momento em que o disco era tocado, nem sempre conseguiu que o movimento de lábios que fazia coincidissem com as palavras da música e isso causou bastante aborrecimento aos espectadores.

Jorge Loredó teve, apesar da ausência dos músicos, oportunidade de exhibir-se em um dos seus ótimos números de mímica e agradou bastante.

Naturalmente a greve será resolvida em breve e, dêse modo, o público voltará a assistir à programação normal do Canal 6, sem ser privado de boas audições como as de Sivuca, impedido de tocar durante o período de protesto. Igualmente os telespectadores poderão acompanhar o funcionamento regular da «boite» comandada por Heloísa Helena, uma vez que a artista, durante algumas semanas, teve bastante trabalho em selecionar para o seu programa músicos, declamadores e elementos que não fôssem prejudicados pela falta da orquestra.

Para «Noites do Rio», Paulo Soledade, muito acertadamente, procurou modificar o seu programa, antes realizado apenas com entrevistas feitas com elementos que trabalham nos nossos teatros e «boites» e que agora, em cada audição, exhibe aos espectadores algum conjunto, músico ou cantor de sucesso no momento.

Em uma das últimas apresentações o público carioca teve oportunidade de conhecer o conjunto «Titulares do Ritmo», constituído por cégos e que tem alcançado grande sucesso na Rádio Bandeirantes. Os rapazes agradaram plenamente, cantando e dançando.

Para Murilo Neri, que de maneira bastante simpática e correta vem apresentando a «Grande Pergunta», através do Canal 6. O programa está inteiramente modificado, podendo agora, também, os participantes do auditório concorrer às perguntas que os candidatos previamente inscritos não acertarem. Essa inovação fez com que os prêmios alcançassem maior interesse junto ao público.

Para Madeleine Rosay que, além das diversas oportunidades em que aparece aos tevêdos do Canal 13, tem agora em «No Mundo do Ballet» ocasião de tratar de assuntos da sua especialidade. Agrada muito a maneira simples pela qual Madeleine comenta os acontecimentos artísticos ocorridos durante a semana.

Para «Parlamento em revista», dirigido por José Acrísio para o Canal 13. Entre as muitas apresentações do gênero através do vídeo, essa é das mais interessantes porque leva ao público um relato completo dos principais acontecimentos ocorridos no Parlamento durante a semana e traz ante às câmaras o parlamentar que teve atuação de maior destaque durante esse período, a fim de entrevistá-lo.

E' bastante oportuna a idéia de colocar o público em contacto com assuntos que lhe dizem respeito, bem como louvar os indivíduos que se destacam entre os seus companheiros na defesa dos interesses do povo e que, como sabemos, intelizmente são bem poucos.



Leny Eversong, uma das principais atrações das segundas-feiras, através do Canal 6.



Osvaldo Rodrigues, cantor que atua com sucesso na TV-Record de São Paulo

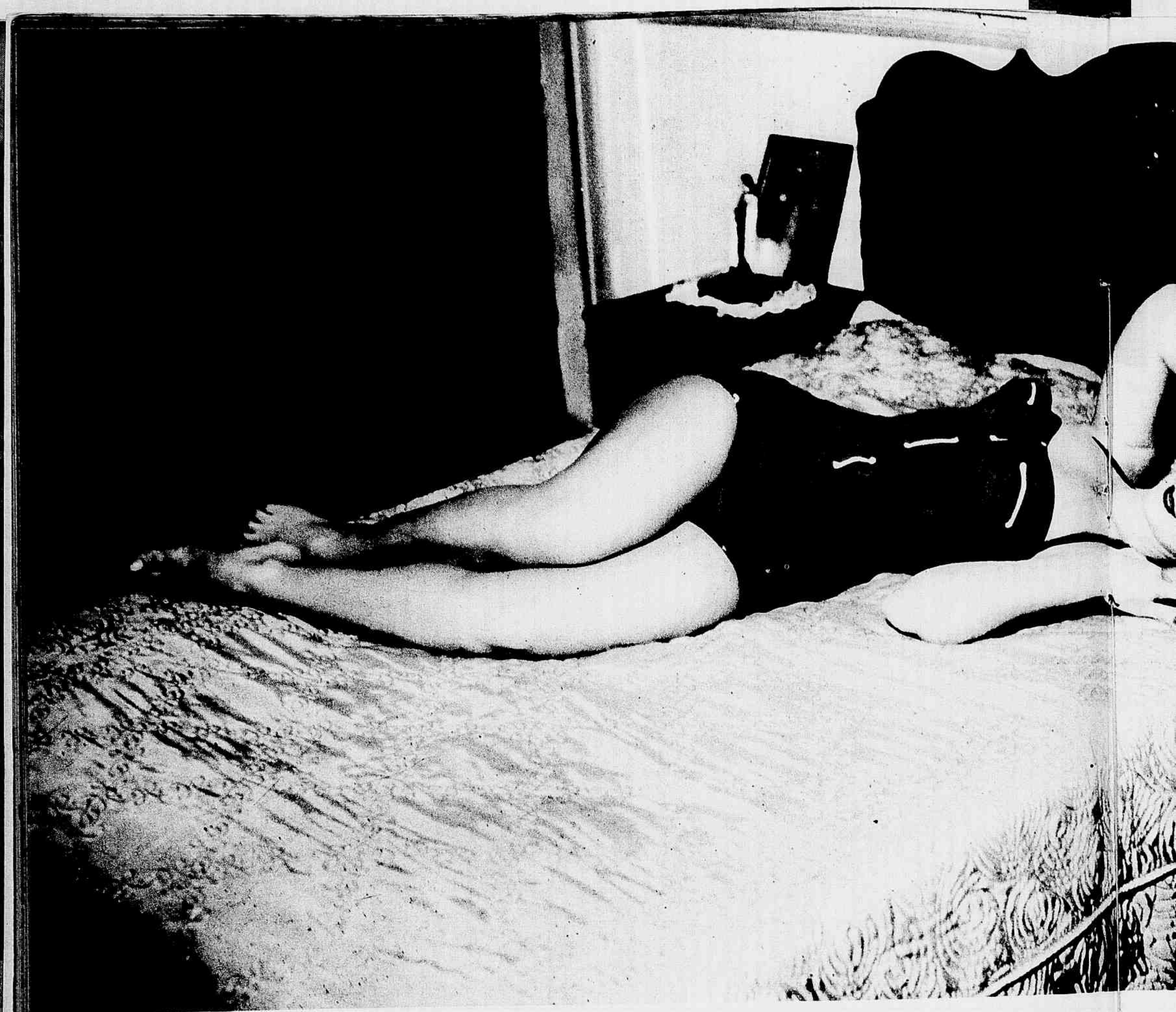


LEDA BRANDÃO RAU, Miss Distrito Federal 1956: 165 cms. de altura, 57 quilos, cintura 60, coxa 58, busto 90, quadris 93, tornozelo 21. E mais a simpatia.

LÊDA, A NAMORADA DO RIO

20 ANOS, SIMPÁTICA E DE PLÁSTICA INVEJÁVEL. DONA-DE-CASA PERFEITA, FALA INGLÊS E FOI NOIVA.

Etachromes de ARNALDO VIEIRA



DEitada em berço esplêndido. Lêda repousa das emoções do segundo. Em baixo, à esquerda, folheia um livro. Gostou da faixa de Miss Distrito Federal, que parece ter

Lêda, alma e corpo do Rio, será fami

LEDA BRANDÃO RAU, Miss Distrito Federal de 1944, para a edição da "REVISTA DA SEMANA", em Hermes, para onde se mudou, juntamente com os irmãos, e com os quatro irmãos (Sônia, de 13 anos, e os outros três, de 14, 15 e 16 anos). Antes morava em T. Forte, depois de ter nascido em Botafogo, em 21 de outubro de 1924. É uma menina bonita, esbelta, com uma expressão de beleza nacional, esbelta e bonita. Pudera não! É a primeira vez, no Brasil, que a Miss (a que Miss!) para o certame de beleza.

A primeira que se vê da família Rau é uma coisa idêntica, porém, bela em sua simplicidade. Leda não gosta de se destacar em meio a dezessete outras fantasias. Ela é a mais simples e se prepara para prosseguir a sua vida, embora já tenha sido oiva de uma "Miss" — um pequenino e até na ponta de



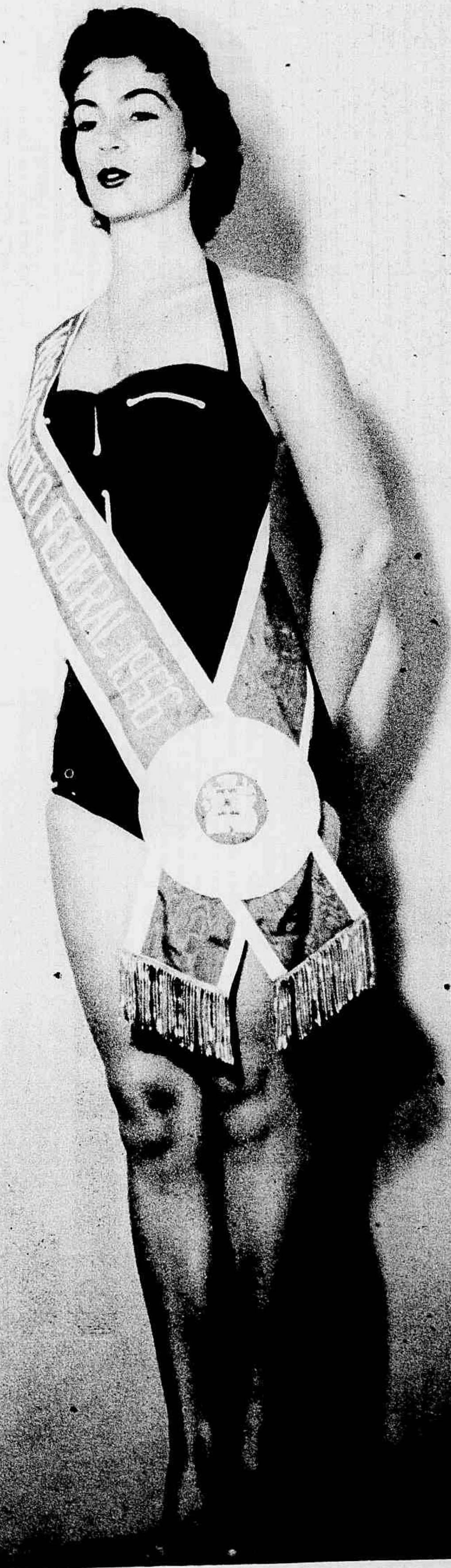


...a repouso das emoções do primeiro «round», e se prepara para
...leia um livro. Gosta de ler, principalmente Machado de Assis. A
...federal, que parece ter sido feita de encomenda para seu corpo.

Rio, será também corpo e alma do Brasil?

...trito Federal desde há algumas semanas, consorciu na proor
...A DA SEMANA, em sua residência, no bairro de Marechal
..., juntamente com os pais (João Benedito Rosa e Rosa Benedita
...os (Sônia, de 13 anos, Thais, de 17, João Sérgio, de 18, e Walter.
...Antes morara no Tijuca, e em vários outros bairros da zona
...em Botafogo, em 21 de abril de 1936. Em Marechal Hermes, Leda
...nacional, encadeia da admiração e da amizade de todos os marce
...primeira vez, se bem nos lembramos, que a Zona Norte contribui
...o certame de beleza Miss Brasil-Miss Universo.

Rou é uma casa idêntica a milhares de outras, por esse Rio a
...simplicidade. Leda nos recebe ainda emocionada com a vitória
...essete outras fortíssimas candidatas. Tem vinte anos, terminou não
...apara para prosseguir os estudos. Confessa-nos que não tem na-
...tenha sido «bela uma vez» há três anos atrás. Foi escolhida por
...te no ponto desenhado clube de Marechal Hermes — e por-





LÊDA já foi noiva, quando tinha dezesse-
te anos. Agora não tem
namorado. Quem se
candidata? A menina
mora em Marechal
Hermes. Em lá che-
gando, é só pergun-
tar pelo endereço...

O CAFÉ foi prepara-
do por suas próprias
mãos. Talvez por isso
tenha adquirido um
gosto tão bom. Lêda é
boa dona de casa,
gostando de cozinhar
e de lidar com uten-
sílios domésticos.

LÊDA, A NAMORADA DO RIO

correu, praticamente sem esperanças, ao título de Miss Distrito Federal. Desde o início, porém, o público a apontou como uma das favoritas. No dia do julgamento, a Comissão apenas fez confirmar o veredicto público.

O que talvez tenha concorrido poderosamente para que Lêda Brandão Rau se sagrasse vencedora na noite de 19 de maio, em Quitandinha, foi sua plástica verdadeiramente excepcional, aliada a um rosto oval harmônicamente belo, e a uma simpatia isenta de artifícios. Lêda é a típica garôta carioca, morena, de olhos castanhos, nem muito alta, nem muito baixa, que vai aos cinemas aos domingos, arranha o seu inglês e um dia casar-se-á com o rapaz de seus sonhos. Até que ele apareça (o que, certamente, não há de ser longe), Lêda continuará sua trajetória de jovem bonita e feliz, símbolo de tantas outras jovens cariocas, que reconhecem nela uma representante ideal, capaz de abiscoitar, pela primeira vez, para o Distrito Federal, o título precioso de Miss Brasil.



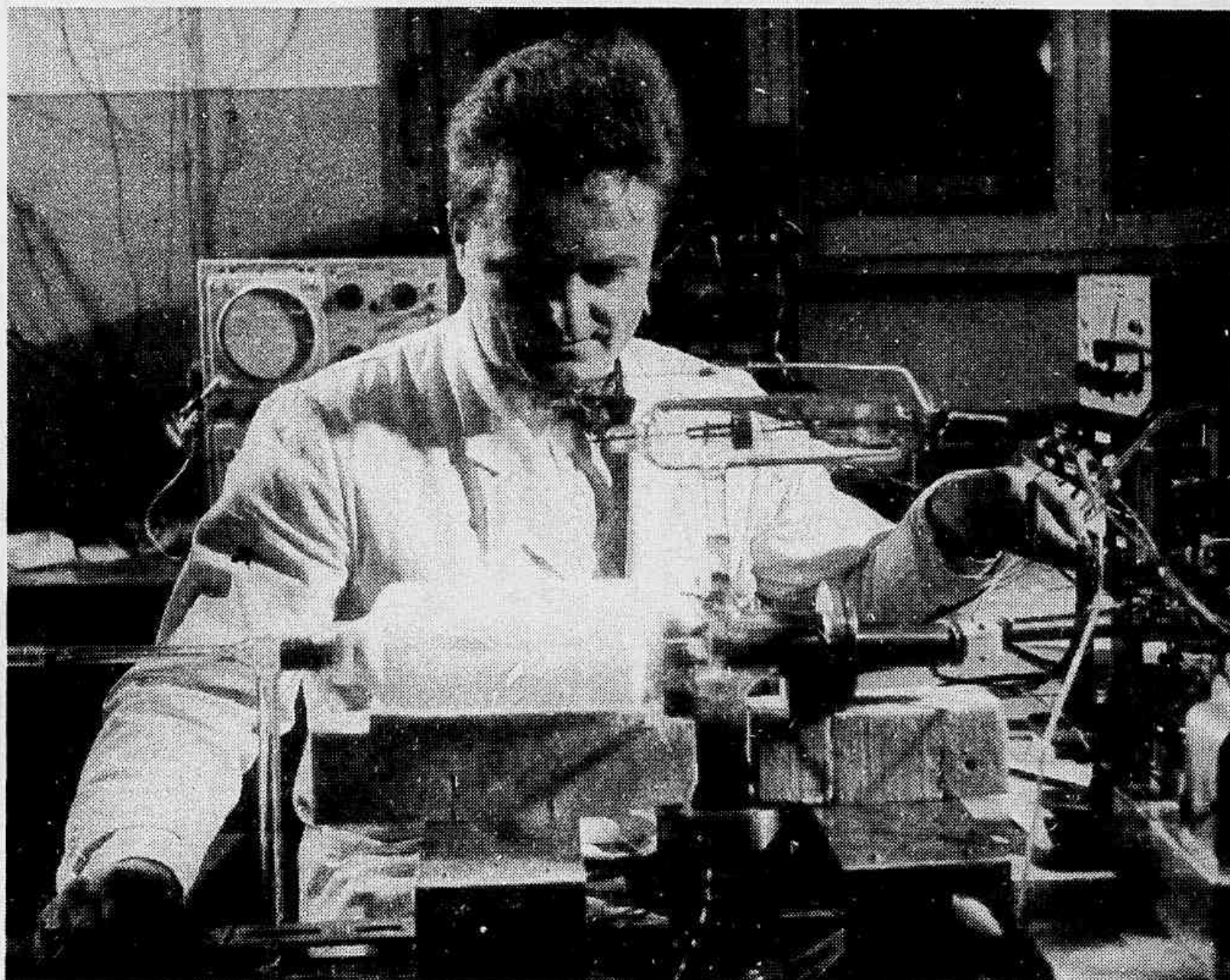
UM RELÓGIO ATÔMICO

AQUILO que pode ser descrito como o mais preciso instrumento do mundo para a exata medida do tempo, está sendo atualmente aperfeiçoado na Universidade de Neuchatel, pelos cientistas do Laboratório de Investigações Relojoeiras.

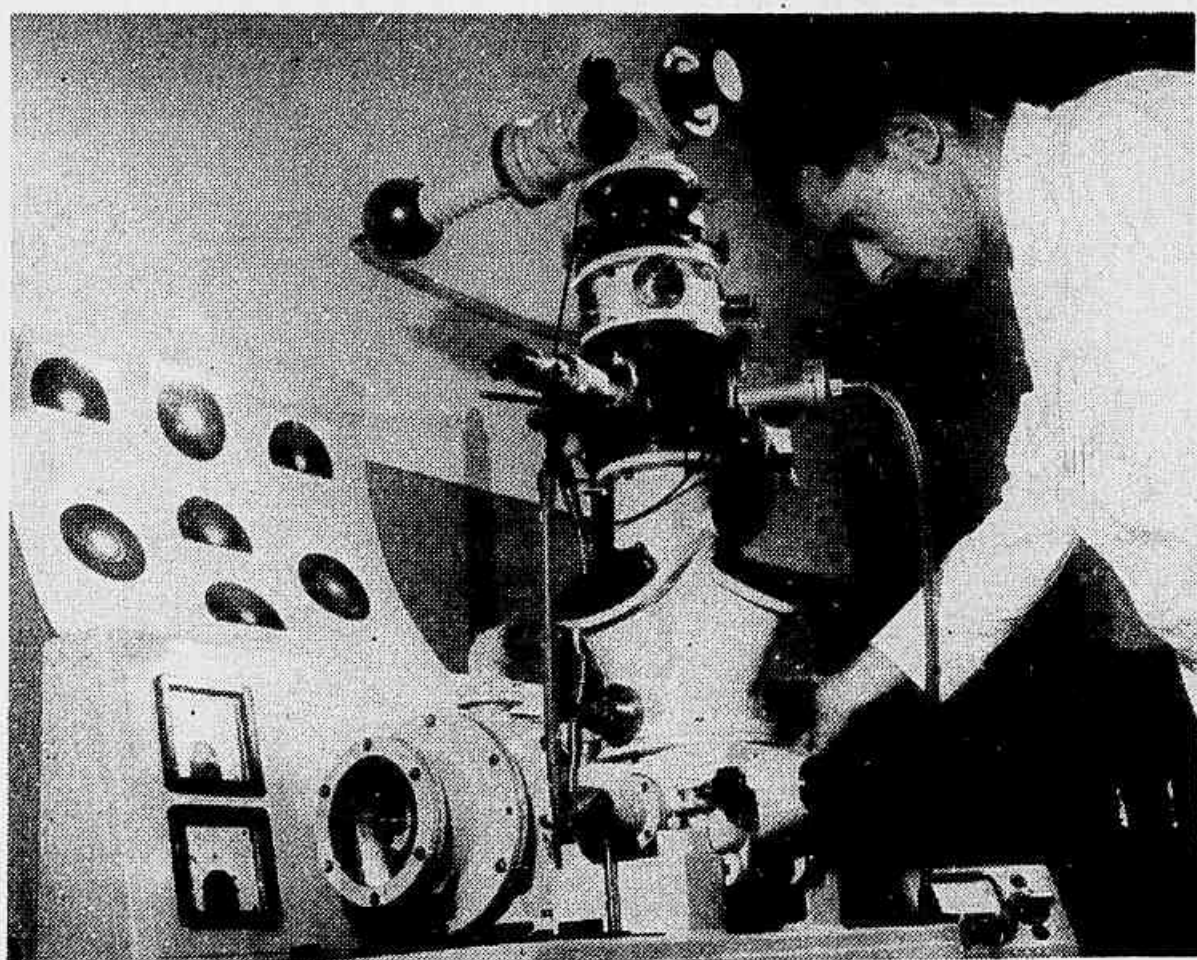
Trata-se, por estranho que pareça, de um relógio atômico. E só mesmo os suíços, tradicionais fabricantes dos melhores relógios do mundo, seriam capazes de empreender trabalho semelhante. O novo instrumento, que emprega oscilações atômicas para a divisão de segundos, se assemelha mais a uma série de aparelhos de prova do que a alguma coisa parecida com um relógio, mas é capaz de dividir um segundo em bilhões de partes. A exatidão do instrumento mais exato atualmente em uso para medir o tempo — o relógio eletrônico de cristal de quartzo — chega até a um décimo de milésimo de segundo por dia. O relógio atômico dos suíços reduz pelo menos dez vezes a margem de erro, e possivelmente cem vezes.

A PERFEIÇÃO NA MEDIDA DO TEMPO

Os esforços dos cientistas suíços para produzir instrumentos incrivelmente precisos, como o relógio atômico, são algo mais do que acadêmicos. Os fabricantes suíços dão ao



No amplificador molecular (centro) os átomos de nitrogênio, dentro das moléculas de amoníaco, oscilam a quase 24 bilhões de vezes por segundo. Tais oscilações são o «pêndulo» do relógio atômico que os suíços aperfeiçoam atualmente. Isto que está sendo operado pelo dr. Bonanomi (um dos grandes técnicos da moderna relojoaria) é, portanto, incrível como pareça, um relógio. O mostrador é o «écran» que se vê atrás, onde são registradas as oscilações.



Os segredos atômicos dos materiais também interessam à indústria relojoeira suíça, e é por meio do desintegrador que vemos na gravura que eles são observados. O aparelho emite um raio eletrônico de 50.000 volts, dirigido sobre o objeto que se submete a estudo no vácuo. O raio desintegra a superfície do objeto de acordo com a sua estrutura atômica. Depois da desintegração, o raio cai sobre uma chapa fotográfica e fixa uma imagem, por meio da qual a estrutura atômica pode ser determinada.

mercado mundial os relógios de qualidade mais perfeitos até hoje concebidos e fabricados. Nenhuma outra indústria relojoeira, em qualquer parte do mundo, atingiu a perfeição e a seriedade da indústria suíça, de modo que se justifica a sua ânsia pela perfeição na medida do tempo.

O relógio atômico é regulado por uma molécula de amoníaco com seus três átomos de hidrogênio e um de nitrogênio. Em tal molécula os átomos oscilam a uma velocidade tremenda (23.870,13 megaciclos por segundo, ou seja, umas 24.000 milhões de vezes por segundo), e esta oscilação é empregada pelos suíços como pêndulo do seu relógio atômico.

DEZ MINUTOS QUE VALEM TUDO

Esta verdadeira maravilha da época, o relógio atômico suíço, provavelmente, segundo pensam os cientistas, jamais será utilizado para a medição consecutiva do tempo. Só é pôsto a funcionar por períodos de dez minutos, mas isto é suficiente para medir a relativa exatidão de outros relógios. Assim, em apenas dez minutos, o relógio atômico cumpre a sua missão, acertando ao máximo possível todos os outros, que são, por sua natureza, mecanismos de alta precisão.

A indústria relojoeira alcança, desta maneira, novos níveis de técnica, verdadeiramente incríveis, mas que deixam entrever a sua pujança.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

♦ O rei Luís acreditava que a linha reta nem sempre fôsse a distância mais curta entre dois pontos. No caso de seu primo Carlos, Duque de Borgonha, sabia o rei que o melhor modo de acalmar a hostilidade reinante entre o mesmo e a sua augusta pessoa, consistia em dar-lhe alguma grande preocupação. O renegado Guilherme de la Marck oferecia a melhor solução para o problema. Se De La Marck tinha terras, fortalezas e súditos ao largo de um flanco da Borgonha, ele proporcionaria motivos sérios de preocupação para Carlos. Seu plano era dar conhecimento de Marck, através do cigano Hayraddin — cuja reputação como espião era bem conhecida — que Isabel estava prestes a partir com destino a Lieja e com o propósito de procurar refúgio em casa de seu padrinho, o bispo de Lieja. Hayraddin recebeu ainda instruções para dizer a De La Marck que Isabel, com todos seus súditos e suas possessões, estava destinada a ele, bastando ser raptada. Luís se encarregaria de que a única pequena escolta que acompanhara a condessa, favorecesse aos desígnios de De La Marck. A «escolta» que passou pelo pensamento do rei, estava composta de um só homem. Esse homem era Quintin, que primeiro sacrificaria a própria vida antes de recuar nos seus propósitos. A luta heróica que o escocês desenvolveria, iria redundar em benefício do rei Luís, já que tal circunstância faria desaparecer toda suspeita de sua intervenção no rapto da condessa. Sem conhecer os sinistros planos do rei, Isabel e Quintin se regozijaram ao saber que viajariam juntos.

Quintin decidiu que salvaria Isabel, mesmo que ela não acreditasse em suas boas intenções, pois já sentia forte inclinação amorosa por ela.

A COROA E A ESPADA

Já em caminho, em direção a Lieja, Quintin seguia fielmente o côche da Isabel, sentindo-se feliz e triste ao mesmo tempo. Porque cada vez era mais difícil para ele, conservar uma atitude inteiramente formalista na presença da condessa, bonita e atraente.

Durante a noite, os dois descansavam em algum albergue e cejavam juntos, nos aposentos destinados a Isabel.

— Durward, perguntou-lhe certa vez Isabel, conhece Lord Crawford?

Quintin deixou o garfo: — Bem... conheço... uma vez fui-lhe apresentado.

— Que espécie de homem é ele?

— A rigor, devo dizer-lhe que é um homem de bom caráter, com muitos méritos, sensibilidade e nobreza. Na realidade, é um grande homem.

— E certamente o mais velho de todos os grandes homens, respondeu Isabel num sorriso malicioso. Oh, como são divertidos vocês, os escoceses! E como são unidos...

Súbitamente, ficou séria:

— Talvez se surpreenda, mas se não fôsse esse homem tão cheio de qualidades... não estaríamos agora passeando em solo francês.

— Interessante! gemeu Quintin.

— Milord, o Duque de Borgonha, estava tentando de forçar-me a casar com esse ancião. Mas essas coisas devem resolver-se dentro do coração. Eis o motivo porque fugi da corte...

Agora parece que tudo se vai resolver em guerras... e muitas vezes acordo, durante a noite, perguntando-me: Serei louca? Faço mal em não ceder às pretensões desse homem, ou não? Deverei renunciar aos sentimentos de meu coração e casar-me com esse homem tão idoso?

Quintin não pôde mais suportar a angústia que os olhos da moça revelavam.

— Por um dever de honra, não me cabe falar mal de um escocês, respondeu. É verdade que Lord Crawford é um homem velho... mas tem muitas qualidades. Entre outras, é um homem sábio e de longa experiência. Não resta dúvida de que será um excelente marido.

Isabel pôs-se bruscamente de pé, jogando o guardanapo sobre a mesa.

— Durward! gritou. Estará por ocaso aos serviços de Borgonha?

— Oh, não, em hipótese alguma, protestou ele.

— Então quem o trouxe à França?

Isso é o que não posso esclarecer. Ao menos por enquanto.

Isabel retirou-se da mesa e Quintin sentiu ao vivo a dor de sua complicada e incerta posição começando a arrependê-se de ter assumido a delicada missão que lhe encomendara o tio.

— De resto, em minha juventude tenho prestado muitos juramentos, disse a Isabel. Com isso, minha vida tem se complicado bastante. Meu último juramento foi comprometendo-me a que a entregaria sã e salva ao bispo de Lieja... e estou resolvido a cumpri-lo.

O cérebro de Isabel começou a sombreado com algumas suspeitas. Se Durward era realmente inocente, nada tendo o que ocultar... por que, então, manobrava com tantos mistérios? Deixou que a cabeça e o coração discutissem o problema entre si e acabou por descobrir apenas isto: o coração mostrava-lhe que desde quando havia conhecido o jovem escocês, sua vida se fizera mais feliz e alegre.

No percurso, a carruagem sofreu um desarranjo. Enquanto os reparos eram feitos, Quintin surpreendeu-se ao notar que Hayraddin se aproximava misteriosamente.

— Oh, meu querido espião! exclamou o escocês. És então o guia que devia encontrar-me no caminho...

— E o senhor? E' porventura toda a «escorta» dessa senhorita? replicou o cigano com olhar aguçado.

— Por que não? Acaso não serei competente para dar conta da tarefa?

— Claro que sim! O mal é esse justamente, que seja o senhor tão corajoso! Eu não sabia que era ao senhor a quem teria que guiar!

— E eu nem sequer sabia que eras tu o guia... Agora estou satisfeito, por que sempre me deste boa sorte.

Quintin baixou os olhos para o homem que fazia o conserto do carro:

— Pelo que estou vendo, teremos que demorar bastante... limitou-se a dizer.

— Ele de nada sabe nem suspeita, pensou Hayraddin. O infeliz cairá como uma ovelha na armadilha do rei e será morto que nem mosquito! Pobre jovem! Tão valente e simpático... Que pena!

Hayraddin tratou de convencer a Quintin de que não devia permanecer no alberque em que

o rei Luís havia mandado preparar aposentos para ele, no percurso; mas Quintin insistiu em obedecer ao monarca rigorosamente.

Notando que Quintin e Hayraddin conversavam animadamente, Isabel suspeitou que algo estivesse conspirando contra ela. Levando consigo seu pequeno cofre de jóias, fugiu para um bosque vizinho. Quintin não tardou em dar conta da fuga e foi em sua perseguição.

Entre um ondulante oceano de trigo logrou por fim alcançá-la, mas Isabel escapuliu, gritando:

— Quem é o senhor, afinal? Não me toque... Não tenho nenhuma confiança no senhor...

— Isabel, por favor, escute-me! implorou Quintin, aproximando-se. Estou enamorado por si, Isabel! Mas é impossível contar-lhe os meus segredos, por enquanto! Espero até que cheguemos a Lieja e então lhe direi tudo o que quer saber a meu respeito!

A condessa não podia duvidar, embora o quisesse fazer, da sinceridade com que o jovem lhe falava.

— Quintin... murmurou ela, pondo a sua mão sobre o ombro do cavaleiro. Ele a olhou beninamente nos pupilas brilhantes e, sem dizer palavra, a abraçou e beijou ardentemente. Ela deixou-se beijar, em abandono, entregue por completo, como se sua paixão tivesse feito esquecer qualquer vestígio de suspeita.

No alberque ao qual o guia Hayraddin conduziu Quintin e Isabel, o espião cigano estava torturado por terríveis remorsos. Seu asqueroso ofício de espião não lhe causava repugnância alguma, porém, neste caso trata-se de um vil assassinato.

Essa mesma noite, os homens de De La Marck deveriam apoderar-se de Isabel e despachariam o escocês para o outro mundo. O cigano por fim resolveu não ser cúmplice de tão pérfido «complot». Estava disposto a devolver o dinheiro que o rei lhe havia dado e isso o deixaria em liberdade para revelar a Quintin o nefasto destino que o esperava.

QUINTIN DURWARD

CAPITULO III

Quintin Durward..... ROBERT TAYLOR
Isabel, Condessa de Marck..... KAY RENDALL
Rei Luís XI..... ROBERT MORLEY
Hayraddin..... GEORGE COLE
Carlos, Duque de Burgundy..... ALEC CLUNES
Conde Guilherme de La Marck..... DUNCAN LAMONT
Bailarina Cigana..... LAYA RAKI
Conde Felipe de Creville..... MARIUS GORING

«Screenplay» por ROBERT ARDREY —
Novelização por GEORGE FROESCHEL —
Direção de RICHARD THORPE —
Produção da Metro Goldwyn Mayer.

— Senhor Homem Doido... disse então. Esta mesma noite querem acabar com a sua vida...

Quintin, que nesse instante começava a cair no sono na outra extremidade da mesa, pôs-se imediatamente de pé e lançou mão da espada.

Isabel despertou com uma sensação de calafrio que lhe percorria toda a espinha dorsal. A sombra de um indivíduo aumentava cada vez mais na parede. Isabel soltou um grito agudo, voltando os olhos para uma janela de onde se podia ver a mão de um homem que procurava abri-la. Sem demora, ergueu-se e correu a fechar a janela, que bateu em cheio na mão do intruso. Depois correu em direção à porta, que tentou fechar com a mesma rapidez, quando descobriu que entre as sombras, estava um homem de grande estatura.

(Continua na página 50)



A moça compreendeu que o perigo era iminente e que só a coragem e a lealdade de Quintin poderia tirá-la daquela trágica aventura.

QUE É UM BATISTA?

Por WILLIAM LIPPARD

Especial para a REVISTA DA SEMANA — Copyright United Press

Redator-Chefe de «Missions Magazine»,
órgão oficial Batista.



♦ ESSE é o primeiro de uma série de dois artigos sobre a simples e bela religião Batista. Seu autor é William Lippard, redator-chefe do órgão oficial dos Batistas em todo o mundo, «Missions Magazine».

UM BATISTA é um fiel seguidor de Jesus Cristo, o qual sinceramente deseja seguir a Sua maneira de viver, o qual acredita piamente no histórico princípio Batista da liberdade de crença, foi batizado por imersão e faz parte de uma comunidade denominada de Igreja Batista.

Acreditam os Batistas que a religião é uma relação pessoal entre a alma do homem e Deus. Em seu âmago, nada ou ninguém pode interferir: nem um sistema eclesiástico, nem um regulamento governamental, nem sacramentos. A graça salvadora de Cristo, e a infinita misericórdia divina são suficientes para a salvação dos homens, dispensando perfeitamente a intervenção de qualquer intermediário, seja ele um padre ou um sistema completo. Os Batistas acreditam que todos os fiéis são sacerdotes de sua própria alma.

Quais são as bases do credo Batista?

Os Batistas não possuem nenhum sistema único de crença. De tempos em tempos, alguns fiéis mais conservadores tentam estabelecer, em bases firmes e bem delimitadas, as regras fundamentais do culto Batista. E, de tempos em tempos, suas tentativas vão por terra, por inúteis. A mais recente de tais tentativas ocorreu em 23 de maio de 1946, e é conhecida, entre os Batistas, pelo nome de «Declaração de Grand Rapids». Diz textualmente:

«FICA RESOLVIDO: Que reafirmamos nossa fé no Novo Testamento como um texto inspirado por obra e graça de Deus, e para todo o sempre o consideramos uma regra plena, competente e suficiente para nossa fé e nossas práticas. Dedicamo-nos novamente a Jesus Cristo, chamamo-Lo Senhor e Redentor, e às nossas igrejas apontamos a missão de pregar os Santos Evangelhos a todos os povos do mundo».

A despeito de três maneiras diversas de interpretar a teologia, estão os Batistas unidos em uma só comunidade, e perseguem um só fim. São movidos por um entranhado amor a Cristo, Senhor e Redentor. Para os Batistas, Jesus se chega à porta de cada coração humano, e nela toa

esperando ser admitido em seu interior para dêle tomar conta, e para fazer, da pessoa humana que o possui, um verdadeiro Cristo novamente encarnado.

Não disse o Apóstolo Paulo: «Vivo; não eu, vivo, porém Cristo, em mim». Em tal conceito, os Batistas do mundo inteiro acreditam de coração.

Quais são as características da religião Batista?

A resposta pode estar resumida em duas palavras apenas: liberdade religiosa.

Através de sua história, os Batistas sempre se bateram, com tôdas as forças a seu dispor, pela mais completa e irrestrita liberdade de crença. E a liberdade religiosa que buscam para si querem também os Batistas assegurar a todos os demais crentes, sejam eles católicos, muçulmanos, hindus ou israelitas, ou mesmo pagãos, ou ateus.

A muita gente parecerá estranho que um Batista reconheça aos ateus o direito de não terem religião. Mas a essas pessoas dirão os Batistas que um ateu tem tanto direito a defender seus pontos de vista relativos ao Ateísmo como um Católico os relativos ao Catolicismo, e assim por diante. O que é essencial é que ninguém, sob a alegação de estar a preparar o «caminho dos céus» para seus semelhantes, force a opinião desses mesmos semelhantes, oprimindo-os em nome de Deus, que não quer a opressão. Os Batistas acham que, em matéria de erro religioso, nem a Igreja, nem o Estado, poderão nunca fazer grande coisa.

É preciso notar que os Batistas não pregam a «tolerância», porém a Liberdade. Tolerância é sinônimo de concessão, de indulgência: liberdade significa direito inalienável. Dizia o filósofo inglês John Locke: «Os Batistas foram os pioneiros da absoluta liberdade, da verdadeira e justa liberdade, da liberdade imparcial e equânime».

Por que preferem os Batistas ser chamados de Comunidade, e não de uma «Igreja»?

Porque vários Batistas não querem constituir, de modo algum, uma «Igreja» — no sentido em que a palavra é utilizada, por exemplo, pelos Católicos, mas simplesmente desejam constituir-se em «igrejas» locais. A «igreja» local, na comunidade Batista, é a unidade máxima de poder. O termo «Igreja Batista», porém, é utilizado apenas por conveniência, por facilidade de expressão.

Os Batistas não possuem uma hierarquia religiosa, nem admitem qualquer controle centralizado da atividade religiosa. Não existem fiscais que lhes ensinem a rezar, a pedir a Deus.

A igreja local batista é uma unidade que fez a sua própria lei. Suas relações com as demais igrejas batistas, a aceitação de determinadas regras estabelecidas em convenções, são inteiramente voluntárias, sem que qualquer prepotência possa influir nas suas decisões.

Aceitam os Batistas a interpretação literal da Bíblia?

A resposta é sim, e não. Todos os Batistas acreditam na inspiração divina da Bíblia, porém unicamente os mais conservadores e extremados

acreditam, infalivelmente, em todos os seus textos, nos seus mínimos detalhes.

Todos os Batistas aceitam a Bíblia como infalível em matéria de ensinamentos religiosos, e como a verdadeira tradição da passagem de Cristo e de seus profetas sobre a terra. Porém, os Batistas progressistas e liberais sabem que muitas das passagens bíblicas são apenas alegorias, figuras legendárias, destinadas a facilitar o entendimento de certas passagens que seriam dificilmente explicadas aos homens do povo. Nem por isso, deixam de ser essas passagens verdades eternas.

Não existe, isso sim, qualquer espécie de regra fixa e rígida que ensine aos Batistas a ler de determinada maneira a Bíblia.

Por que são batizados os Batistas unicamente por imersão?

Por duas razões:

a) A Imersão era a maneira utilizada pelo Novo Testamento. João Batista imergia os convertidos no Jordão. O próprio Jesus foi assim batizado.

b) Os Batistas encaram o batismo como um ato de confissão pública de fé cristã, estatuída por Paulo em sua Epístola aos Colossianos, nem assim um símbolo da ressurreição de Jesus Cristo. Assim, os Batistas consideram a imersão como um ato de profundo simbolismo, através do qual a vida de pecado é abandonada, e a vida santificada principia.

Limita-se a imersão aos adultos, e às crianças que atingiram determinada idade, que lhes possibilita a compreensão do ato.

Por que os Batistas não batizam as crianças?

De vez que o Batismo é um ato voluntário de pública confissão, apenas pessoas que já possuem certo entendimento devem entregar-se a ele. Todavia, os Batistas deixam às próprias crianças o direito de decidir, por si mesmas, se já podem, ou não, ser batizadas. Tal decisão faz do batismo por imersão uma cerimônia de alto sentido religioso.

(Continua no próximo número)



PARA OS BATISTAS. o ato do Batismo está cheio de significação, baseada na mais pura tradição evangélica. João Batista batizou Jesus imergindo nas águas do tradicional Jordão.

MÚSICA

BOLIVAR COSTA

CONCERTO PARA A JUVENTUDE

● Realizou-se a 27 de maio último, no Teatro Municipal, o 4.º Concerto da Série para a Juventude Musical Brasileira. Infelizmente é o 4.º de uma série de dez concertos em vez de vinte, como sucedia nos anos anteriores. Mas é que o Ministro da Educação e Cultura, não sabemos a que propósito, achou por bem reduzir o número desses concertos, que por sinal são muito concorridos. Seria este o motivo? Será que também em assuntos culturais ocorre a lei da oferta e da procura? Como primeiro número do programa tivemos a pequena peça "Parajás", trecho pertencente à suite "Três Noturnos Tropicais" de Walter Schultz Portoalegre. Obra de pouco valor musical por excessivamente descritiva. E a interpretação não poderia ter tido maior saliência.

Ainda na primeira parte ouvimos o Concerto em Lá Menor de Schumann, numa intragável interpretação da pianista paranaense Regina Beiguelman que trabalhou o teclado com evidente primarismo e absoluta falta de maturidade para executar uma obra tão séria. O primeiro movimento, de forma livre e bela, sofreu um inconcebível desfiguramento quanto à parte do solo, dificultando mesmo, sob certos aspectos, a participação orquestral. O "Intermezzo", cujo tema principal é uma das mais expressivas concepções da literatura musical, recebeu um tratamento acabrunhado, amortecido, e não coubesse, nesta par-

te, a maior responsabilidade aos violoncelos que centralizam a ação melódica, teríamos que lamentar mais ainda. No movimento final tudo correu precisamente como nos anteriores: ausência de expressividade, precipitação, freqüentes elisões de trechos melódicos, confusão, etc. Quanto à Orquestra, embora não tivesse sido correspondida à altura nas dialogações, conduziu-se com discrição, sob a regência do excelente Maestro alemão Helmuth Thierfelder.

Na segunda parte tivemos a "Canzonetta" para clarinete e orquestra, de Gabriel Pierné, cujo solo esteve a cargo de Rodrigo Siqueira Gomes, que teve uma atuação satisfatória. Finalmente, ouvimos o Adágio da Sinfonia n.º 3 de Anton Bruckner e as Variações sobre um tema de Paganini de Boris Blacher. Obra de extraordinário valor, essa sinfonia de Bruckner representa uma tentativa de conciliação do estilo operístico wagneriano com a música essencialmente orquestral. Foi na execução do Adágio que o Maestro Thierfelder mostrou-se o notável regente que é. Penetrando nos mais sutis detalhes da complexa e livre estrutura do movimento, conduziu-nos ao âmago do verdadeiro mundo bruckneriano, sem qualquer preocupação pelo refinamento tão característico que sempre se procura impregnar nas obras do famoso sinfonista germânico.

DISCOS

O MORCEGO, de Johann Strauss, com Orquestra e Coro da Rádio de Zurich, regidos por Walter Goehr. Trata-se de um selo vermelho de 12 polegadas, que contém as mais famosas passagens dos três atos da conhecida opereta do compositor vienense. A parte de canto está a cargo do excelente conjunto de cantores suíços. Muitos dos quais de fama internacional. Em primeiro plano acham-se os sopranos Uta Graf e Hedda Heusser, os tenores Albert Kunz e Johannes Bartsch, o meio-soprano Nata Tuscher e o barítono Mathias Schmid. Dada a sua clareza e densidade, essa gravação merece a atenção dos discófilos. C.L.P. — 12026 (COPACABANA)

MÚSICAS CELEBRES. Arthur Fiedler dirigindo a Orquestra Boston "Pops" interpreta quatro obras de grande aceitação popular. Na face 1, que possui duas faixas, encontram-se "O Poeta e o Camponês", de Von Suppé e o famoso "Moto Perpétuo" de Nicolau Paganini, numa interpretação tão brilhante e expressiva que faz esquecer que se trata de uma adaptação. Na face 2, estão a conhecida abertura de "Orfeu no Inferno" de Offenbach e um arranjo para orquestra de "Hora Staccato". Esse disco de 10 polegadas (selo vermelho) apresenta uma boa disposição das peças, salientando-se ainda o virtuosismo da interpretação. B.R.L. — 3038 (RCA-VICTOR).

NOTICIÁRIO

● A ABC e PRO-ARTE apresentarão para os seus associados, no dia 14 de junho próximo, no Teatro Municipal, o grande pianista alemão Rudolf Firkusni. Este notável artista é bastante conhecido do nosso público e goza de fama internacional como uma das maiores expressões da pianística contemporânea. Aplaudimos daqui a iniciativa das conceituadas associações.



Domingo, 10 de junho de 1906

A EUROPA, O "MAROISMO" E NÓS

◆ De vez em quando as revistas diplomaticas da velha Europa fazem referencias ao programma da politica internacional da America do Norte, traçada, com grande energia de phrases e com verdadeiro despreendimento de qualquer consideração para com os melindres de todas as nações da America Latina, pelo presidente Roosevelt, em diversas occasiões e no livro Vida Intensa, de que acaba de ser publicada mais uma edição em lingua italiana.

CONVEM CRUZAR OS BRAÇOS?

Depois de tomar em consideração os protestos da nação argentina, conhecidos em França, por intermédio de dous artigos do jornal portenho «La Prensa», os politicos mais eminentes começaram a perguntar: se aos governos europeus se convem cruzar os braços diante das affirmações do imperialismo «yankee», ás quaes se attribue todo o caracter de um proteccionismo arbitrario, que, se de uma parte é humilhante para as Republicas Sul Americanas, de outra é um verdadeiro attentado ideal contra o direito mais sagrado da soberania das nações, base exclusiva da moderna organização internacional.

FIM DAS OCCUPAÇÕES ARMADAS

A tragedia de Queretaro e a guerra de Cuba deram cabo das pretenções armadas em territorios americanos, e o ideal da politica europeia para com o continente americano mudou profundamente, desde os ultimos dous annos do seculo XIX; não ha hoje em toda a Europa um estadista de mediocre intelligencia que pense ser possivel ou vantajosa a menor manifestação de poderio politico ou militar, de qualquer paiz europeu, no ultimo recanto da terra americana deserta, ainda que seja entre os recifes da Terra do Fogo.

ANACHRONISMO DA DOCTRINA

Não sabemos até que ponto o presidente da poderosa Republica do Norte julga opportuno revestir de um caracter de modalismo e anachronismo da sua doutrina, mas á sua esclarecida intelligencia não terá certamente escapado a consideração de que o caso da Venezuela não é sufficiente para galvanizar o cadaver de um programma da politica internacional, que poderia obrigar-o a tomar a attitudo de um caçador de phantasmas e de perigos imaginarios ou a tornar-se cobrador voluntario das dividas de uma republica insolvel, por conta dos seus credores.

PROVIDENCIAL PARA A POLITICA ALLEMA

Nas rodas politicas allemãs, onde o caso formou e forma ainda hoje assumpto de conversas e de discussões, e onde está arraigada a convicção de que é licito a um paiz forte occupar, temporariamente as alandegas de um devedor deshonesto e valioso, sem desrespeitar-lhe o principio da soberania territorial, é considerada providencial a intervenção do presidente Roosevelt, porque representará para a Alemanha uma economia consideravel, no caso que seja necessario liquidar pela força a questão venezuelana.

TIRO AO ALVO E GALLINHAS NO JARDIM ZOOLOGICO

◆ O Club Juvenil Sportivo deu inicio, domingo ultimo, aos festejos do seu 3º anniversario, com um grande concurso de tiro inter-clubs, no Jardim Zoologico. As 12.30 horas da tarde, partimos, em «bond» especial, para o jardim. Um calor de fazer a gente desesperar! Pelo caminho, moços fortes, afleitos ao «sport», bellos typos de homens, nos seus trajes leves, de carabina a tiracollo, iam embarcando.

As 2 horas, chegamos ao Jardim. Ainda poderemos chamar jardim ao velho logradouro, estragado pela jogatina em certo tempo, e agora abandonado? Não ha mais tratamento, cuidados para o jardim, para a parte propriamente jardim, quanto mais para os pobres animaes, os poucos que ainda restam alli. Faltam tantos animaes! Aquelle elephante philosopho, o tigre real que rangia os dentes, um dos ursos, a lhama... morreram todos. De que?

Por falta de adaptacao ao clima, talvez á fome, talvez á sede... Não

sabemos. Restam ainda algumas aves: uma garça, uma cegonha, uma siriema, um macuco, urubus, trez condores, gallinhas, muitas gallinhas! Tambem alguns exemplares de cobras, pequenos jacarés, lagartos, a hyena, a panthera, um urso, um lobo, coelhos, um guano, macacos, porcos. A galeria dos

macacos é o que resta de mais completo em meio do mattagal em que se transformou o nosso Jardim Zoologico.

Não nos podemos furtar a esta digressão. Aquillo exige uma reclamação da Prefeitura, e a gente fica com o protesto na garganta.

TECNICA PUBLICITARIA

SABÃO IRIS

Avisamos aos consumidores do inimitavel SABÃO IRIS que o verdadeiro só é encontrado nas seguintes casas:

Louis Hermann & C., Ramos Sobrinho & C. perfumaria Theatral, Casa Cirio, Perfumaria Nunes e perfumaria Beija-Flor a praça Tiradentes, 62.

AVISO — Este sabão dá como premio libras esterlinas, contidas no mesmo sabão.

QUASI DESEJADA PELA ITALIA E FRANÇA

Nas chancellarias de França e da Italia, que tem também interesses de subditos das respectivas nações a proteger contra as violencias do presidente Castro, que se julga autorizado a desacatar as sentenças do Tribunal de Haya, depois de tel-as invocada, a cooperação dos Estados Unidos é quasi desejada, porque, geralmente, convem ás nações europeas explorar em todos os sentidos o monroismo, quer para allastar de si as antigas suspeitas de expansão armada que tornariam difficil a existencia de seus subditos entre as populações do continente americano, quer para impopularisar, sem esforço algum, a influencia dos Estados Unidos entre os governos da America Latina.

LUCTA DE CAPITAES

E', pois, natural o ressentimento de alguns paizes Sul-Americanos contra as repetidas affirmações do presidente Roosevelt, a respeito da incapacidade e da pouca honradez de alguns governos americanos, que, não nomeia, mas devem a esta hora todos estar convencidos de que não ha perigo proximo ou longinquo de invasão e de influencia militar europeia, em parte alguma do territorio americano, e que o reaparecimento da doutrina monroista pode indicar apenas um nova luta de interesses economicos, que vão travar na America Latina os capitaes «yankees» e os europeus.

NADA A RECEIAR PARA O BRASIL

Essa luta está já iniciada na Republica Argentina e no Brasil, embora todos tenham o interesse de encobri-la e nós não temos nada a receiar das consequencias que poderá acarretar, mas temos a obrigação de sabel-la aproveitar para dar mais vida a todas as nossas energias productoras, inertes até hoje, por causa do nosso inconcebivel retrahimento do contacto dos grandes exploradores das riquezas naturaes do mundo.

NADA DE ILLUSÕES, POREM

Nada de illusões, porem, sobre as intenções reaes dos nossos amigos do Norte; nada de credulidade sobre a «generosidade» com que isentaram de qualquer imposto o nosso café, nada de phantasias sobre a missão do monroismo do sr. Roosevelt; e dos interesses do americanismo que não existem na politica «yankee», a não ser em puro e absoluto proveito dos Estados Unidos.

ABRAMOS AS PORTAS A TODOS OS CAPITAES

A nossa é terra de trabalho e de grandes empreendimentos: abramos as portas a todos os capitaes, a todos os trabalhadores e a todas as cusadias do espirito humano, mas aproveitemos tudo, sem illusões e sem paixões de qualquer especie, se não quizermos ser explorados ou ludibriados pelos que estão dispostos a aproveitar as nossas susceptibilidades, para reduzir-nos a uma impotencia economica, peor que a franqueza militar e a incerteza politica dos nossos estadistas.

A SIMPLICIDADE DO REI INGLEZ

Em um dos dias do mez de abril deste anno, um cavalheiro muito simples entrava no hotel Ritz, sentava-se junto da duqueza de Manchester e da grã-duqueza de Vladimir, de M.G. Keppel, de miss Isnaga, de Reginald Lister, João Beraud, d'Etter e Seymour Fortescue, merendava, passeava no jardim, ali tomava seu café e retirava-se trez horas e meia depois, tão simplesmente como havia entrado.

Era Eduardo VII. Rei da Inglaterra.

EXPANDE-SE O JAPÃO

Pouco se falla do que os japonezes vão fazendo na Coréa, e mesmo na China; mas estamos certos de que o formigueiro nipponico não estria nas suas actividades, cuidando de alastrar por todos os modos, e por onde pode, a sua influencia e affirmação do seu prestigio.

VEN DO MUNDO



Um legítimo «far-west», com as suas figuras clássicas mas em «clima» genuinamente brasileiro, virá breve, de S. Paulo.

O PRIMEIRO FILME NACIONAL DE “MOCINHO”

QUE SE PODE VER

CUSTOU dois milhões de cruzeiros, apenas, e foi feito em trinta e três dias — outros consomem meses e anos — o primeiro «far-west» nacional que nos dizem ser capaz de não envergonhar o espectador. Dizemos o espectador, porque, via de regra, os produtores de certas indígenas torpezas, não usam tal coisa.

O filme chama-se «A Lei do Sertão» e foi rodado no município de Campinas, São Paulo, com onze cenários interiores e seis exteriores. Tem quinhentos e sessenta e cinco diálogos e quatro canções de au-

tores pouco ou nada conhecidos. Está dirigido por Antoninho Hossri, também autor da adaptação, dos diálogos e do roteiro, e sua ficha técnica é esta:

Diretor de produção — Walter Paulo Vieira.

Diretor de fotografia e câmara — Ferenc Feket.

Direção musical — Bernhard Comado.

Maquiador — José Pisani.

Assistente técnico e supervisor do argumento — Osvaldo Mariano.

O PRIMEIRO FILME



Gracinha Fernandes é a «mocinha» da história; Belinha, afilhada do facinora «Trovoada». Dois olhos e um sorriso bem bonitos.

Maurício Morey é o Tonico, que ingressa no bando de «Trovoada» para vingar a morte injusta de seu pai e se apaixona por Belinha.



Os intérpretes reúnem alguns conhecidos* e já acreditados, Milton Ribeiro («O Cangaceiro»), Maurício Morey, Gracinha Fernandes, e outros desconhecidos, num total de dezenove figuras, entre elas o próprio diretor, que faz também sua «pontinha».

Tudo isso não teria a menor importância se o filme acabasse por ser medíocre, mas não é: dizem-no pessoas insuspeitas que já o viram, projetado ou em «moviola», assegurando que «A Lei do Sertão», sobre ter magníficos som e imagem, conta uma história com propriedade, boa ação e desenvolvida em «clima» rigorosamente brasileiro. O tema gira em torno de elementos que revoltados com perseguições e injustiças impostas pelos seus inimigos, voltam-se contra a lei, visando na vingança a revanche. Querem fazer justiça pelas próprias mãos. E com isso há um desfile de bandidos, bandoleiros sanguinários e fascínoras, pelo autêntico sertão bandeirante. Lembram-se, dentro do enredo, crimes que marcaram época e os fatores políticos, inclusive a posse de terras pelos que chegavam primeiro, contribuem para o desencadear de autênticas e prolongadas calamidades sociais.

— E' talvez o mais forte e violento filme já realizado no Brasil, assegura o jornalista Osvaldo Mariano que animado pelo empreendimento também lhe deu a sua colaboração. E esclarece:

— Gente, coisas e fatos do interior do país, refletem-se poderosamente nessa história que narra a vida de um fazendeiro abastado e um povo sem recursos. Há vinganças políticas, a eliminação dos inimigos pelos correligionários dos chefetes, bandos de capangas, e tudo isso, é claro, ten-



NO INTERVALO DAS JORNADAS, SERTÃO A DENTRO, OS HOMENS DE

do como «background» uma autêntica novela de amor. Milton Ribeiro voltará em outro famoso facinora, o «Trovoada». O filme poderá ser um fiel retrato de acontecimentos ocorridos em épocas passadas, na terra em que nascemos.

Mas o que o recomenda é também a economia com que foi feito: Quando se assegura que nenhum filme de certa categoria poderia realizar-se, no Brasil, por menos de oito ou dez milhões, esse custou quatro a cinco vezes menos. E ficou mais em conta porque foi terminado num tempo recorde, em menos de cinco semanas, sem com isso ver prejudicado o seu merecimento técnico.

Sente-se que a iniciativa particular está começando a imprimir à cinematografia nacional, um vigor novo e maior. Sem cogitar de subvenções, dispensando a importação de sumidades artísticas ou de ordem técnica, vão esses elementos avulsos, encorajados pela própria força, levando adiante o seu propósito. Já não se trata de dar uma indústria regular de cinema ao nosso país, mas, ao menos, de impedir que o colapso prolongado em que o vemos mergulhar, não persista. Enquanto no setor teatral vemos um renascimento por todos os títulos louvável, no cinematográfico o inverso se faz registrar. Oxalá «A Lei do Sertão» siga a esteira de «Rio, 40 graus», «A Estrada» e outras películas produzidas nestes últimos tempos, e por sua vez abrindo horizontes mais amplos às que hão de vir.



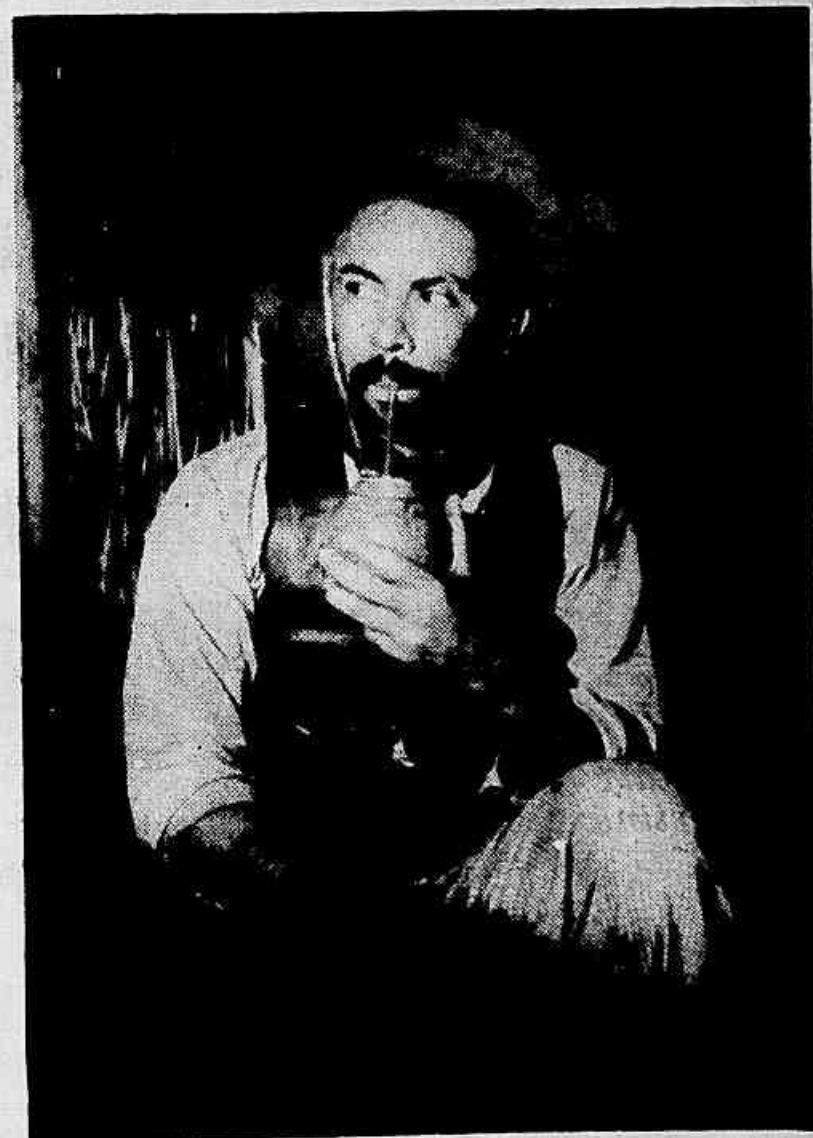
«TROVOADA» DESCANSAVAM E ENTOAVAM CANÇÕES SERTANEJAS.



Maurício do Vale, numa cena culminante do filme, com suspense e imprevisto: Aí vem os homens de «Trovoada», muita cautela, amigos!



E' preciso acabar com as prepotências do cel. Euzébio, fazendeiro sem escrúpulos, homem vingativo e de muito maus bofes...



A volta de Milton Ribeiro faz-se com outro papel de alta envergadura dramática: E' ele o «Trovoada», terror dos sertões de Campinas!

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS Cr\$ 174.486.055,30

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Telefone 43-8968

End. Telegr. «BANCOCIO» — Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGÊNCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 1355 — AGÊNCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9 — AGÊNCIA S. CRISTÓVÃO: Rua S. Luiz Gonzaga, 173 — AGÊNCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367 — AGÊNCIA URUGUAIANA: Rua Uruguaiana, 7 — AGÊNCIA COPACABANA: Avenida N. S. Copacabana, 1155 — AGÊNCIA MADUREIRA: Estrada da Portela, 44.

AGÊNCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO:
Rua Álvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON n.º 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON n.º 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 708 Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Rembolsa Postal um vidro de «BÉL-HORMON» N.º

NOME
RUA N.º
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00

Academia de Acordeon MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli



RUA SENADOR DANTAS,
N.º 7-A - 12.º ANDAR
TELS.: 42-4615 e 22-5443
São Paulo — Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 16 E 22 DE JUNHO DE 1956 (HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — No lar ou fora dele, seja tão moderado e discreto como possível. A semana será propícia às violências, atritos de idéias, discussões, podendo, mesmo, provocar luta corporal. Os piores dias serão 18, 20 e 22.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — O novo período favorecerá muito as atividades profissionais, proporcionando, ao trabalho normal, um grande rendimento. Os negócios estranhos à profissão não se recomendarão de modo nenhum. É bom evitá-los.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Os três primeiros dias da semana proporcionarão bons negócios, casos de solução rápida e fácil. Os dias restantes da semana em causa serão de influxo inoperante, sem ação no caso do leitor.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Os dias 18, 20 e 22 não servirão para o início de negócio, para mudanças ou para viagens, aéreas, especialmente. A semana será propícia aos negócios oficiais ou legais e à assinatura de documentos, emissão de títulos, etc.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — As aspirações e os objetivos já em via de realização poderão ser concretizados no curso da semana em pauta. O setor dos concursos estará bem influenciado durante os sete dias da semana. Não cruze os braços, porém. Diligencie alguma coisa.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Tenha muito cuidado com as próprias atitudes. Seja discreto e moderado nas ações. É que sua liberdade de ir e vir, como se diz na Constituição, está ameaçada. Os piores dias, em relação a essa ameaça, serão 18 e 20.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Não assumo compromissos, não firme contratos, não faça promessa nem compre a crédito, na vigência da semana entrante. Os encargos assumidos, então, serão onerosos em demasia, na época do respectivo vencimento. Não se comprometa.

★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — A traição o espreita, aguardando o momento oportuno e seguro para feri-lo. Desconfie de tudo e de todos, durante a semana, principalmente nos dias pares. Limite-se às ocupações costumeiras e seja tão discreto quanto possível.

★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — Sua posição poderá ser melhorada durante a semana. A décima casa do seu horóscopo registrará as mais favoráveis previtalizações, abrindo-se, assim, um período altamente propício ao leitor. Não deixe passar a oportunidade.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Não inicie viagem para o exterior, na vigência da semana entrante. Se o fizer correrá o risco de intermináveis complicações de ordem legal ou fiscal, no exterior. Os aborrecimentos e os prejuízos serão enormes.

★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — Os astros lhe prepararam uma boa semana, um período no qual o leitor poderá até, conseguir uma melhoria de posição, no que diz respeito aos vencimentos. Seu salário poderá ser aumentado, além das vantagens outras que os planetas lhe vão dar.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Não trate de papéis nas repartições do governo. Na justiça, igualmente, sua posição não será melhor. Os negócios, porém, profissionais ou domésticos, correrão favoravelmente. O novo período será de chance, nesse particular.

OS NOMES DA SEMANA

Junho, 16	—	Júlio	—	Júlia.
" 17	—	Jacinto	—	Tereza.
" 18	—	Custódio	—	Helena.
" 19	—	Antônio	—	Delbora.
" 20	—	Atílio	—	Anita.
" 21	—	Rubens	—	Eunice.
" 22	—	Salústio	—	Virgínia.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Junho, 16	25° 17' 34"	(Signo dos Gêmeos)
" 17	26° 14' 50"	" " "
" 18	27° 12' 6"	" " "
" 19	28° 9' 21"	" " "
" 20	29° 6' 35"	" " "
" 21	00° 3' 48"	(Signo do Câncer)
" 22	1° 1' 2"	" " "

NOTA — As efemérides e as tábuas astrológicas de que nos servimos são preparadas para o hemisfério norte. Nas previsões para o hemisfério sul, temos de invertê-las para que os prognósticos correspondam à realidade, como acontece em relação aos fenômenos cósmicos. Observamos, neste particular, a doutrina e a técnica do Colégio Astrológico de França, único centro, em todo o mundo, de astrologia verdadeiramente RACIONAL E CIENTÍFICA.

O FATO LITERÁRIO

Traduções inglesas de Machado de Assis

J. R. TEIXEIRA LEITE

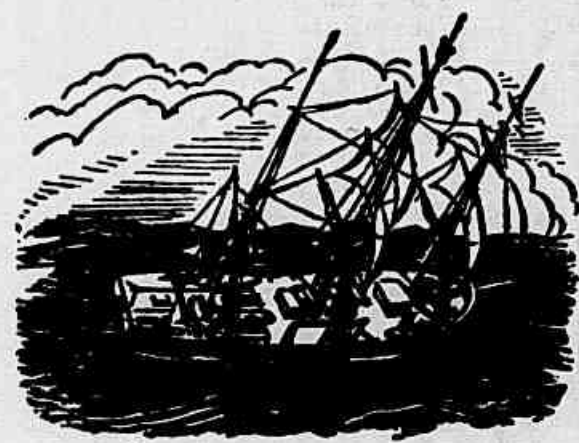


● MACHADO DE ASSIS, nosso maior escritor, está recebendo agora, finalmente, a consagração que verdadeiramente merecia. Já não nos referimos ao seu prestígio dentro das fronteiras do Brasil e de Portugal: agora, é a severa Inglaterra quem, com a sua incontestável e propalada autoridade em matéria literária, reconhece o valor do mulato do morro do Livramento, traduzindo-lhe, em poucos meses, três dos seus melhores romances: "Memórias Póstumas de Brás Cubas", "Quincas Borba" e "Don Casmurro". Os mais severos críticos de Londres e das principais cidades do Reino Unido foram unânimes em reconhecer, em Machado, um romancista seguro de sua arte, senhor dos personagens e de toda a trama que os une. Os mais atilados deles proclamaram Machado de Assis um legítimo clássico do romance, capaz de ombrear com vultos como Anatole France e Stern; um chegou a falar no tom chauceriano com que Machado narra, num estilo

de autógrafos da São José, com a presença de Cecília Meirelles, Ascenso Ferreira, Guilherme de Almeida e outros poetas, assinando seus discos de poesia. ★ O velho livreiro Castilho, decano de sua classe no Brasil, completou 50 anos de atividades entre os livros, e foi justamente homenageado em uma série de artigos e de solenidades. ★ Mário da Silva Brito está escrevendo a "História do Movimento Modernista". ★ O embaixador Alves de Souza está descontente com seus funcionários Vinicius de Moraes e Cícero Dias, porque eles têm, em Paris, uma projeção que o velho diplomata jamais alcançará. ★ Também as Obras Completas de Tolstói serão editadas, talvez ainda esse ano, pela José Olympio, em doze volumes. ★ O Luso-Tropicalismo de Gilberto Freyre, arquitetado por encomenda de Salazar em 1950, foi rudemente atacado, em "Para todos", pelo jovem sociólogo Buanga Fele, de Angola. ★ Prestes a entrar no prelo "Infinito Sul", poemas de Sílvio Castro, com ilustrações de Adir Botelho.

POESIA

Um poema do século XV



Na excelente antologia que organizou a José Olympio, sob o título "Roteiro Literário do Brasil e de Portugal", inseriram Alvaro Lins e Aurélio Buarque de Holanda a seguinte "Cantiga Sua, Partindo-se", de autoria do poeta português Joam Rodrigues de Castelo Branco, que, segundo pensa J. J. Nunes, talvez tenha frequentado a Corte de Dom João II:

Senhora, parten tã tristes
meus olhos por vos, meu be,
que nunca tam tristes vistes
outros nenhus por ninguém.

Tam tristes, tam saudosos,
tam doentes de partida,
tam cansados, tam chorosos,
da morte may's desejosos,
cem mil vezes que da vida.
Partem tam tristes os tristes,
tam fora d'esperar bem,
que nunca tam tristes vistes
outros nenhus por ninguém.

(Foi respeitada a ortografia original, tal como aparece no "Cancioneiro Geral" de Garcia de Rezende).

LIVROS

GUSTAVO BARROSO escreveu, por incumbência do Ministério das Relações Exteriores, a "História do Palácio Itamaraty", que vem de ser publicada pelo Museu Histórico e Diplomático do Itamaraty. O texto, vazado em estilo fluente, vem acrescido de inúmeras ilustrações, permitindo ao leitor um contato bastante amplo com o vasto prédio em que funciona a Chancelaria de Estado (Rio, 1956 — 186 páginas + ilustr.).

MÁRIO M. MEIRELES, da Academia Maranhense de Letras, acaba de publicar, pela Biblioteca da citada associação, seu "Panorama da Literatura Maranhense", pelo qual desfilam os grandes vultos com que o Maranhão contribuiu para a Literatura Brasileira, ao lado de muitos outros, de menor valor, e até sem valor algum. É obra honesta e de grande valia, embora nela se notem algumas falhas, a principal das quais, a ausência das fontes consultadas pelo autor. (São Luís, Maranhão, Imprensa Oficial, 1955 — 255 páginas)

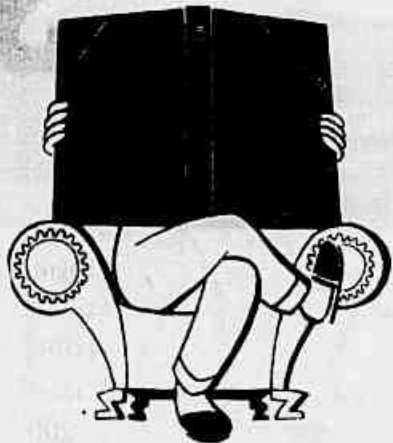
SIMAS SARAIVA é um poeta baiano de certo prestígio em seu Estado. Seu último livro, há pouco publicado, é "Transformação", onde, a por com muitas velharias, vêem-se algumas belas imagens, como a contida no princípio do poema "Uma Vez": "Uma vez, doeram-me tanto as mãos / Que os mergulhei nas águas do mar. / Demoradamente... / Era profunda a noite. E as estrelas / Pareciam lágrimas do meu pranto universal". Tais instantes, porém, são raros na arte de Simas Saraiva. Além do que, seu

livro está ilustrado por um desenhista bisonho, o que muito o prejudica. (Salvador, Bahia, Progresso Editora, 1955 — 99 páginas, ilustrações de Luís Freitas).

ARNALDO VOYGT, ainda muito jovem, é já autor de nada menos de seis peças infantis e de um livro de poesias. Agora, vem de ser publicado o segundo livro de poemas, "Ouvindo o Ontono". Nada nos faz supor exista, em Arnaldo Voygt, uma sensibilidade poética. O livro é fraguinho, tanto, ou mais ainda, do que "Vão de Sétimo Mês", com que estreou na poesia. É preciso maior experiência poética, um mais íntimo contato com vocábulos e sentimentos, sem o que qualquer tentativa nos campos da poesia não passará de um esforço frustrado. A Arnaldo Voygt está faltando muito, ainda. Até a gramática, deficiente e mal dominada em muitos de seus — digamos: poemas. (Rio de Janeiro, edição do autor, 1956 — 120 páginas).

TERRIVEL LIBELO é a sociedade que permite a existência de menores desamparados, ou que os trancafiar na escola de mau exemplo e de imoralidade que infelizmente é o S.A.M., eis a que nos parece ser esse "Sangue, Corrupção e Vergonha", que Paulo Noqueira Filho — diretor do Serviço de Assistência a Menores até novembro de 1955 — escreveu, mais com a pena da indignação que com o do literato, num estilo objetivo, duro, direto, até brutal. (São Paulo, Organização Libertas, 1956 — 391 páginas).

NOTAS



poema desentranhada de um texto ou crônica de Stefan Bacia. O último "acórdão" se deve a

● A SEÇÃO literária da "Tribuna da Imprensa" está muito interessante, e mantém um curso permanente de contatos que vem revelando vários elementos jovens, e de valor. Uma coisa, porém, está se tornando enojativa aos que a leem: em quase todos os números, aparece um

Lélia Coelho Frota, autora de um poema sobre uma crônica internacional de Bacia, acerca da questão de Chipre. Será que o homem é assim mesmo tão poético, a ponto de transformar uma luta política em matéria-prima para poesia alheia?... ★ Marcel Brion, romancista e autor de várias monografias sobre grandes pintores, entre essas uma sobre Bosch que não vale absolutamente coisa alguma, acaba de ser contemplado com o Prix Mônaco. ★ A José Olympio editará, em belo volume, as poesias do grande e esquecido poeta José Albano. ★ Na Biblioteca Nacional, uma exposição sobre o poeta polonês Adam Mickiewicz. ★ Recomendamos as tardes

QUANDO a Providência Divina distribuiu seus bens, o homem recebeu um nariz embotado e o mais vagaroso par de pernas disponíveis; o cão, o humilde cão, foi aquinhado com um nariz quase capaz de profetizar e dois pares de pernas que podem competir com o vento. A Polícia Metropolitana, na sua incessante luta contra o crime, requisitou há algum tempo o auxílio desses narizes e pernas, e o Estabelecimento para Treinamento de Cães da Polícia Metropolitana em Keston, Kent, treina os cães a tal ponto de inteligência e obediência que são levados a crer terem os cães um senso de dever e de trabalho tão apurado quanto os próprios policiais. Os cães empregados são Alsacianos, Doberman Pinschers e Labradores, sendo dada preferência aos Alsacianos. Os cães ingressam no estabelecimento aos 7 ou 9 meses de idade, e o curso tem duração de 14 semanas. O curso, compreenda-se, destina-se tanto ao homem quanto ao cão, pois tanto o primeiro quanto o segundo necessitam de treinamento. Chicotes, varas, espancamentos ou qualquer espécie de violência, são absolutamente proibidos. O treinamento é feito inteiramente por meio de um puxão ocasional na coleira, como corretivo; pelo comando verbal que, à medida que o treino prossegue, torna-se mais calmo e também por sinais. Os próprios animais gostam de ser ensinados; após o curso, cada cão permanece definitivamente com o seu treinador.

As qualidades de um bom treinador são tão difíceis de definir quanto as de um bom músico, e são tão impossíveis de adquirir quanto o dom de beatificar a água. Um homem as possui ou não. Se tanto o homem como o cão não apresentam essas qualidades, será inútil continuar o treinamento. Os canis de Keston possuem acomodações para 36 animais. As turmas consistem de 6 a 12 cães, cada um com o seu treina-

Este cão Alsaciano tem dons inatos para a carreira policial: fidelidade, argúcia e obediência.



NO COMBATE AO CRIME NARIZES E PERNAS

dor, sob a supervisão de policiais com longa experiência de treinamento. Não poderia haver melhor atestado da correção dos métodos empregados do que as caudas que se agitam sem cessar e o grau verdadeiramente estarecedor de obediência que é conseguido ao fim de apenas quatro semanas de treinamento. Obediência, agilidade para vencer os obstáculos, trilhar em qualquer terreno, procurar, definir e farejar os odores do ar — isto é, encontrar um homem que pode estar oculto na copa de uma árvore — fazem parte do programa de treinamento.

Cães treinados podem ser vistos nos distritos policiais em toda a área metropolitana e

também em várias localidades da província, e estão demonstrando o seu grande valor. Um malfetor que seja perseguido por um Alsaciano pesando 56 quilos, capaz de correr 48 quilômetros por hora e treinado a usar os maxilares para agarrar e não para morder, tem tão poucas probabilidades de escapar que agiria muito acertadamente se permanecesse imóvel. Podem ser citados numerosos casos de sagacidade e valor dos cães da polícia, treinados em Keston. Recentemente, um homem que vagava pelas ruas em circunstâncias suspeitas foi levado ao distrito policial, onde, entretanto, não puderam ser descobertas razões suficientes para uma acusação. Os serviços de Edward, um enorme Alsaciano de um ano e treinado em Keston,

foram requisitados. Edward fez o mesmo percurso do suspeito numa distância de duas milhas, através de ruas e calçadas até chegar a um escritório que fora assaltado, uma fábrica arrombada e um campo onde havia sido oculta uma quantidade de bronze fosforoso no valor de 200 libras. Edward só não foi capaz de dactilografar a tríplice acusação.

Outro Alsaciano proveniente do mesmo canil auxiliou um membro da força policial que fora ameaçado por uma quadrilha suburbana conhecida como «Teddy Boys», devido ao cabelo artificialmente ondulado de seus componentes, às suas calças de bôca estreita e gravatas peculiares. Membros da quadrilha que haviam tido um

Cursos de treinamento na Polícia Metropolitana britânica Eles agarram mas não mordem E os malfeitores, apavorados, metem o pé no mundo...

Por ROBERT HARTMAN



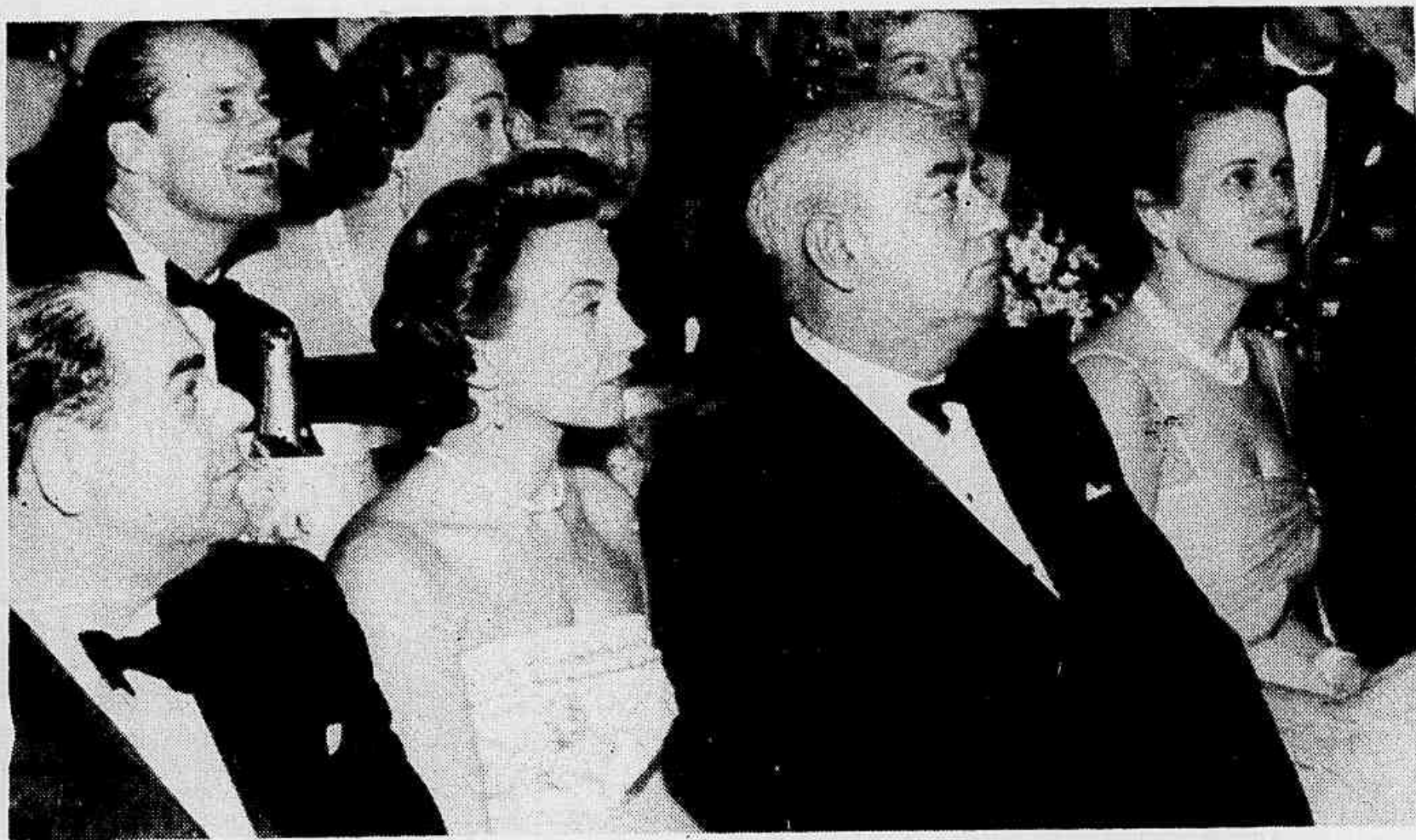
S (CANINOS)

infeliz encontro com o oficial e o seu cão, estavam a espera de uma oportunidade para se vingarem quando encontrassem o policial a sós. A oportunidade desejada não tardou; o oficial deixou-se cair na armadilha que lhe fôra preparada. Sendo sete contra um, os «Teddy Boys», bastante armados, avançaram para o adversário, mas para sua surpresa, este deu um assobio agudo e da sombra de um portal, onde havia sido deixado, surgiu o Alsaciano atacando, rápido e silenciosamente como uma flecha. Em poucos minutos o valeroso cão conduzia os sete malfeitores ao distrito policial.

«Nada como um bom amigo», disse o oficial de polícia ao trancar a porta da cela.

O treinador (ao alto) conseguiu amestrar esse cão da Polícia Metropolitana (West Wickham) sem qualquer ameaça física. Dick 1º, a mascote e o amigo n° 1 da corporação.





Jeff Thomas aponta a noite de gala de Givenchy como o acontecimento social mais importante do mês de maio.

Sr. Ricardo Jafet, sr. e sra. Antenor Mayrink Veiga e sra. Deise Queintel.

GIVENCHY

"soirée-snob" no

Reportagem de JEFF THOMAS

FOI no Golden-Room do Copa que o jovem (29 anos) e já famoso costureiro parisiense Hubert Givenchy exibiu para o «high-society» carioca, numa diferente e impressionante noite de gala, à maneira «snob», a silhueta da mulher de 1956, apresentada por cinco de seus manequins mais famosos, como: Peggy, Jackie, Denise (muito bonita), Pia e Francine. Givenchy começou sua carreira como desenhista aos 17 anos,

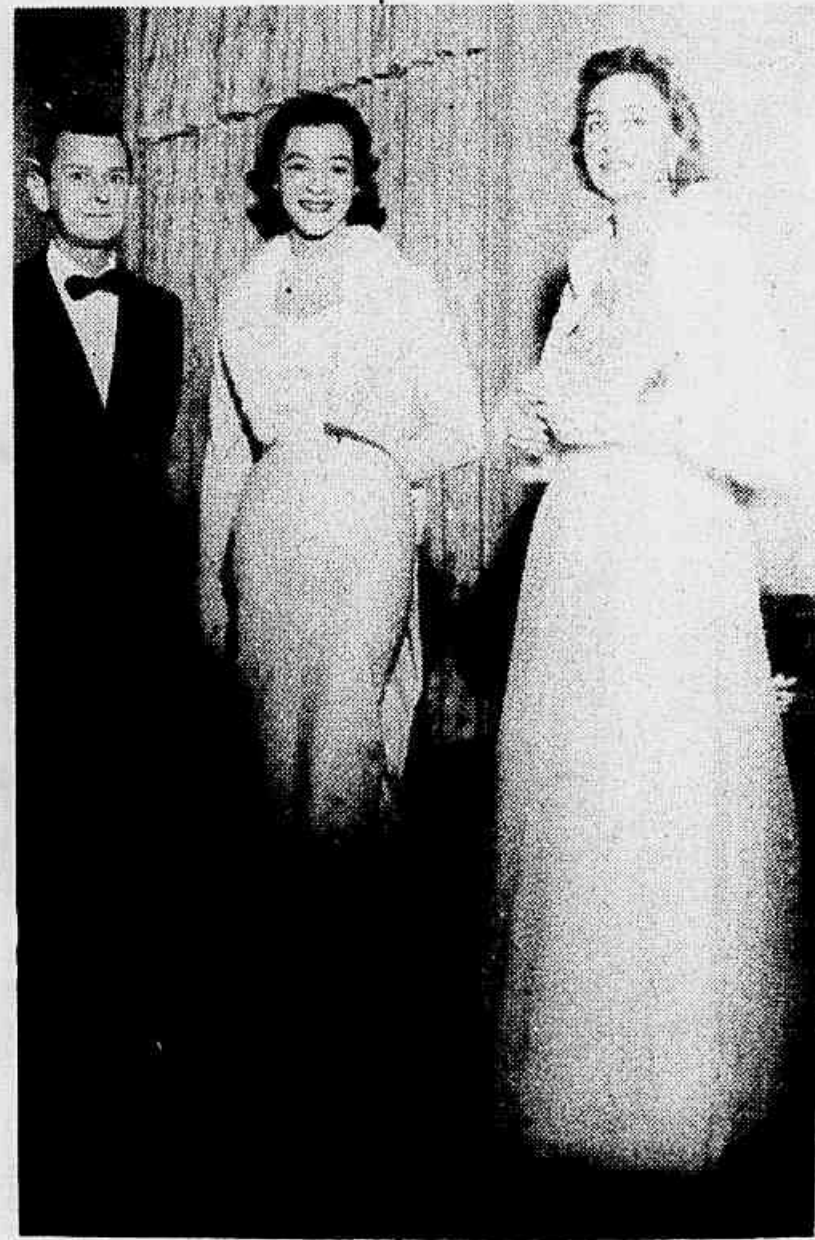
no atelier de Jacques Fath. Quando em 1952 instalou sua própria casa, teve como manequim principal a conhecida Betina, que, como vocês sabem, é atualmente o romance do príncipe Ali Khan. Nessa elegante noite Givenchy apresentou para as elegantes cariocas suas criações de maior sucesso deste ano, da coleção primavera-verão, cujos vestidos não possuem cintura. Pude observar que a maioria dos modelos apresenta-

dos foram «costumes», que parece ser a parte mais importante da coleção. E os chapéus, com seu já muito comentado desenho revolucionário. Funcionando pelo salão (muita mulher bonita), vi muita gente conhecida de nosso «society», aplaudindo os modelos de Givenchy no vaivém da passarela. Lá estavam: o sr. e sra. Arnaldo Brilha (Heleninha cada vez mais bonita), sr. e sra. Alfredo Thomé, sr. e sra. Otacilio Gualberto (ela chegou recentemente de Paris), o sr. e sra. Ernest Waler, sr. e sra. Samuel Wainer, sr. e sra. Fritz Alencastro Guimarães, sr. e sra. Mário Tomborindquy (Alice como sempre muito simpática), sr. e sra. Heron Domingues, sr. e sra. Adolfo Graça Couto, sr. e sra. Alvaro Cação (Lourdes estava reaparecendo com um bonito vestido verde, depois de eleita a «mãe mais elegante do ano»), sr. e sra. Antenor Mayrink

COPA



Um aspecto da pista do golden-room na elegante noite.



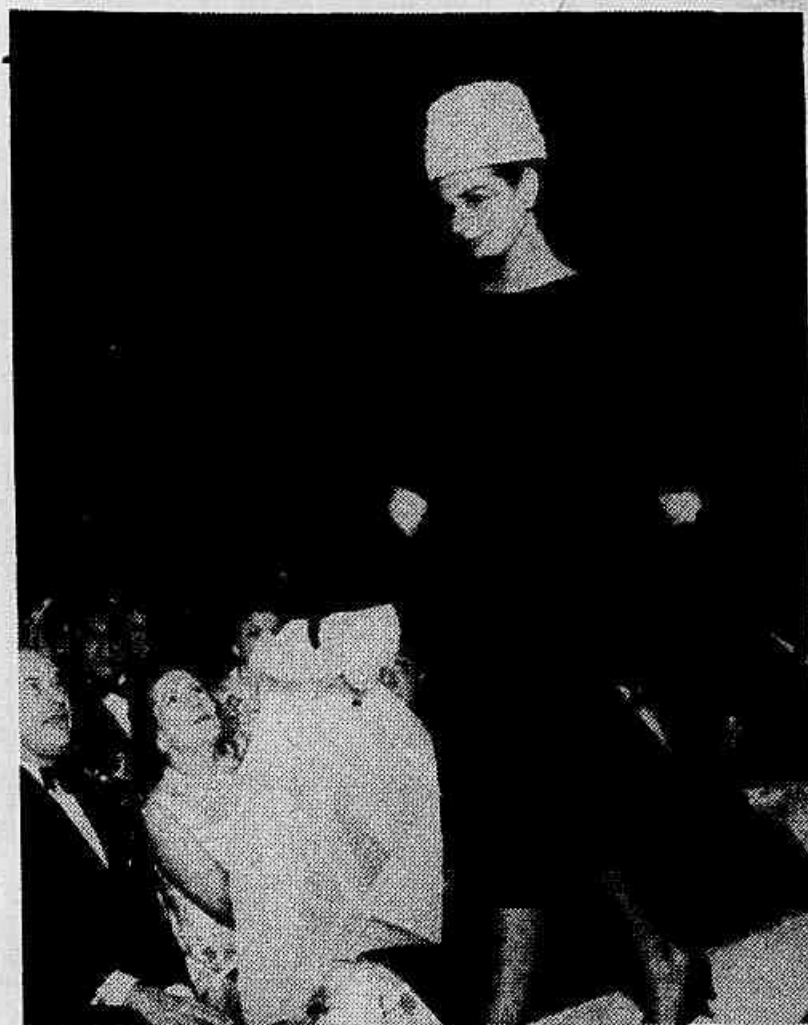
O sr. e sra. Silvio Schiller com a elegante sra. Marize Graça Couto.



Francine apresenta um bonito vestido branco para noite.



Denise, o mais bonito modelo de Givenchy, apresenta um de seus revolucionários chapéus.



Jacky, bonita e morena. Reparem sua classe na passarela.



O galante sr. Adolfo Graça Couto dança com a bonita sra. Eunice Modesto Leal.

Vaiga, sr. e sra. Roberto Singery, sr. e sra. Osvaldo Stuback, os srs. Ricardinho Fazanello, Carlos Alfredo Maia, Aluisio Muniz Freire, Mário Zinho de Oliveira, Otávio Bonfim, senador Alencastro Guimarães, as sras. Raquel dos Santos Jacinto, Irene Dellinghausen, Zaida Saldanha e a colunista social Cecília Dulce, que vestia um bonito modelo verde-claro devidamente comprido. O sr. Oscar Ornstein, o grande organizador desta super-perfeita noite, estava sorridente com o grande sucesso. Os «maitres» (de casaca) Ferry e Rocha em grande atividade pelos quatro cantos do salão. Com as mesas tôdas ocupadas o serviço funcionou como sempre perfeito, e o «whisky» (legítimo) servido em boas doses, completou a noite que foi super-elegante. Foi assim que o Copacabana Palace apresentou a «preview» de Givenchy.

—o—

Givenchy ainda teve mais três apresentações durante sua tão comentada temporada no Copa. Sendo a última um «chá» de caridade patrocinado pela senhora Otávio Guinle em benefício da «Pequena obra de N.S. Auxiliadora».



O embaixador da França com a sra. Flora Snell.



A senhora Fritz Alencastro Guimarães, à esquerda, esteve presente.



A embaixatriz da França chega com a sra. Flora Snell.



As elegantíssimas sras. Elisinha Moreira Sales e Ivone Monteiro chegam ao golden-room.

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias. Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, ele o substituirá. Quem possui um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e solidamente encadernado Cr\$ 150,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconil, 40 — Caixa Postal 258
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

Aprenda facilmente HARMÔNICA

Pelo método do prof. A. SCHMOLL, prático, teórico, recreativo. Adaptação para harmônica do célebre método de piano do mesmo autor, adotado nos principais conservatórios de mais de 50 países, inclusive o Brasil. O mais eficiente auxiliar do professor. A venda nas boas casas de música em todo o Brasil, ou diretamente com os distribuidores, pelo serviço de reembolso postal. MÉTODOS, ESTUDOS, MÚSICAS, LIVROS TÉCNICOS, DIDÁTICOS, EDUCAÇÃO SEXUAL etc. Revendedores da Edição Saleciana «LES». A Pedido enviamos listas.

Pedidos a «P R A T O» Distribuidora Littero Musical Ltda.
Caixa Postal 1037 — Rua Sud Menucci 234 — S. Paulo

Cabelo branco?

Orf-Léne

TINGE MELHOR

Cremoso — Espumoso
de fácil aplicação

ÓLEO DE VIOLETAS

POR SI SÓ!!
Limpa, amacia
e renova a cutis

Marca registrada. A venda
nas Farmácias e Perfumarias
AMÉRICO — 25-2837

CALÇADO



Máximo conforto
garantia absoluta

LEIAM

ESPORTE ILUSTRADO

*
TODAS AS
QUARTAS-FEIRAS

PREÇO CR\$ 5,00



COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editora
Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa

A COROA E A ESPADA

(Continuação da página 37)

Ali mesmo, dentro do quarto, procurou alguma arma para defender-se. Junto à chaminé viu um tridente de aço, que segurou com as duas mãos, e, sem proferir palavra, levantou o instrumento, desferindo com ele tremendo golpe nas espáduas do homem. Depois, levada pelo pavor, pulou por outra janela e procurou escapar.

Descobriu então uma cena de enorme confusão no pátio da pousada. Quintin lutava, destemido, contra meia dúzia de atacantes, procurando defender-se de seus golpes, e viu que esses homens obedeciam às ordens de De La Marck. A espada do jovem escocês, pelas suas grandes dimensões, proporcionava-lhe uma boa vantagem sobre os sabres curtos manejados pelos assaltantes. Contudo, a superioridade numérica dos bandidos, fez Quintin retroceder pouco a pouco contra a parede. Depois, descobrindo um estábulo a pequena distância, correu em sua direção, tendo o cuidado de fechar a porta por onde passou. Ao voltar o rosto, descobriu Gluckmeister, o segundo de De La Marck, brandindo em uma das mãos enorme espadação de aço, cuja extremidade, aquecida nas brasas, procurava encostar no rosto do escocês.

Gluckmeister aproximou-se passo a passo até ele, brandindo de quando em vez sua arma com toda a fúria, desejoso de ferir mortalmente o seu adversário. Quintin livrou-se da melhor maneira, até chegar ao carro, em o qual se meteu de um salto. Descobrindo à mão o chicote do cocheiro, com ele voltou a defender-se de Gluckmeister, que ainda o perseguia. Este vacilou e esteve a ponto de cair, arrasado pelo súbito ataque. Quintin desceu do veículo e continuou a chicotear o bandido até que este ensanguentado e quase cego pelos látigos violentos, fugiu cambaleando.

Hayraddin, que havia presenciado a luta, sentiu-se galvanizado para entrar em ação, mau grado a sua covardia. Preferiu então ajudar a Isabel, para que se escapasse. Levando-a, apressado, até onde estavam as montarias, desatou um dos cavalos com extraordinária rapidez. A moça montou nele, e já então Hayraddin havia feito o mesmo com dois outros animais. Isabel galopou com vontade, seguida de perto pelo cigano, que levava pelo cabresto o terceiro cavalo, e, ao passarem junto a Quintin, deu-lhe oportunidade para que galgasse de um salto o lombo da montaria. E os três rumaram, a todo galope, desaparecendo na floresta.

(Continua no próximo número)

KAPITZA

(Cont. da página 13)

— Está certo. Então, amanhã vou procurá-lo, a fim de tratar da situação de Dorfmann e de Kourtchatov.

— Ah! sim, é deles que se trata. Bem, então venha comigo.

O homem corpulento tem seu próprio carro, que é aquele mesmo que vinha seguindo, discretamente, o de Kapitza, havia pouco. Senta-se, cheio de gravidade ao lado do físico. (Cont. no próximo número)

SOLIDÃO

(Cont. da pág. 51)

Um sopro gelado escancarou a janela. Uma rajada de chuva alcançou Luísa. Ela ergueu-se para prender o trinco, depois voltou ao mesmo lugar.

Pensou na tia Ana. Ah, essa nunca teria semelhantes angústias. Era uma criatura «adequada». Ocupações? Lavar, passar, fazer doces, dar toques de aperfeiçoamento ao que a natureza arrumara ao acaso nos traços do seu rosto. Preocupações? Não engordar para não ficar matrona. Desejos? Um vestido novo, um anel de brilhantes, um veraneio em Poços de Caldas. Dúvidas? Nenhuma. Só esperava o dia do juízo final para apresentar a Ele sua conta limpa de funcionária assídua. Estava com o pagamento em dia. Esperava serenamente os juros que essa pontualidade lhe assegurava.

Luísa deu de ombros. Ela não queria ter conta corrente no céu. A pobreza era imensamente digna. Não dava nada. Não queria nada. E as barreiras iam-se formando cada vez mais espessas e altas.

Piscou os olhos doloridos, estendeu as pernas e entrelaçou os dedos. Quem mais vivia perto dela? A quem recorrer?

Lá fora — a noite, o nevoeiro, as luzes amortecidas, a chuva...

Ali dentro — a presença silenciosa dos objetos maciços.

Pedro dormia com as mãos de cirio, cruzadas no peito arfante.

Pensou em Álvaro, no objeto do seu amor mais exigente. Mas, naquele instante, aquela figura de olhos cálidos estava do outro lado da margem. De permeio, uma montanha de gelo.

Foi aí que viu os próprios dedos entrelaçados. Estremeceu. Viu-se à frente de uma certeza odiosa e maravilhosa, que atraía e repugnava. Mas que era, acima de tudo, uma certeza: ela não tinha ninguém por si. Aquelas mãos geladas, mas firmes, que se uniam, eram o único que não faltaria, o único fiel. Servindo desse apoio como degrau, ela subiria porque queria subir. Não para gozar da fama. Mas para respirar ar puro em meio à mediocridade geral. Não para que os outros a admirassem. Mas para que ela pudesse admirar os outros, não para encontrar glórias seculares. Mas para encontrar somente a si própria.

E se, porventura, outras mãos se acercassem daquelas (lembrou-se de Álvaro), seriam formadoras apenas de frouxos nós, de cadeias passíveis de rutura, de algemas de cristal.

A Humanidade brincava de Ciranda com as mãos entrelaçadas. E a cadência era tão vertiginosa que, nos frequentes impactos, saía-se de mãos dadas com outros companheiros.

E os de antigamente? E os de um minuto atrás? Onde ficaram? Lá? Além? Perdidos?

Luísa sorriu com melancolia olhando as próprias mãos.

Compreendia a triste verdade de tudo aquilo.

E sentia a Eternidade inteira condensada na lucidez daquele único instante.

SOLIDÃO

Conto de VILMA SANT'ANNA ARÉAS

Desenho de ORLANDO DA SILVA

COTOVELOs apoiados na mesa. Cabelos em desordem. Olhos perdidos. Que via através do vidro polido da janela? A noite cheia de névoa. As luzes amortecidas dos carros lá embaixo. O seio arfante da baía, nu e negro, debruado de postes acesos como um longo colar. Mas contra tudo isso, refletida na vidraça, Luísa via a própria imagem. Como se ela fôra o resumo da vida que pululava na noite. Como se fôra a personificação da própria natureza onipresente. Ou — quem sabe? — como se fôra a reflexiva companheira do velho Tempo olhando silenciosamente a corrida louca do homem, desde a sua caverna e o seu tacape, ao seu arranha-céu e ao seu automóvel. Que evolução! Mas seria boa ou perniciososa? Desejável ou passível de combate?

Dar de ombros. Indiferença. Frio.

Evolução! No seu pensamento uma paisagem desenhou-se: a lagoa de mercúrio. O céu de opala. A areia grossa. E a sua preguiça, o calor, o desânimo. Depois a sua voz cheia de tédio.

— Ah, quisera ser uma pedra! Não sofrer... Não pensar... Não duvidar.

E os olhos dementes de Pedro, dardejando uma luz furiosa. Os dedos brancos e longos, como cirios. Exatamente como cirios. A boca espumosa, torcida num ricto de ódio. Depois aquela voz que cortou o ar morno como um estilete de gelo.

— Hereje! Perdida! Deus tenha compaixão da tua pobre alma! Querer ser uma pedra!

Aqui sua alta figura se retorceu como açoitada por um vendaval.

— Desconheces a lei evolutiva do espírito! Mulher! — pausa. O dedo de cirio. O estilete de gelo, cada vez mais penetrante. E, por fim, o grito de vitória — Mulher, tu também já fôste pedra!

O quadro apagou-se. Luísa estremeceu. Com quem estava a verdade? Vida!... Um acidente natural sem qualquer finalidade? Ou um trampolim para um salto no Infinito?

Apalpou-se. Quem sou eu? Existi antes? Existirei depois?

Olhou a jarra de cristal à sua frente. O pensamento oscilou desvairado e depois apareceu seguro pelos dedos brancos de Pedro. Dedos de cirio. Por fim, a indagação foi expelida do pensamento escravo. Que será esse objeto? Apenas e indefinidamente um bocado de matéria compacta? Ou encerrará em si, em estado primário, um condensado vital passível de evolução?

Pedro fez um sinal afirmativo com sua cabeça soberba. Os dedos brancos fecharam-se como pássaros feridos, como conchas de marfim que encerrassem um grande segredo, um maravilhoso segredo envolvido de mistério. Passados segundos, as mãos abriram-se devagar. Luísa olhou com uma sensação de loucura. Numa das palmas, plantado e seguro, erguia-se o cipreste do seu jardim, verde e dourado, em tamanho muito pequeno. Na outra, movia-se uma minúscula criatura humana.

— Os dois restantes degraus, sibilou a voz penetrante.

Luísa tapou os ouvidos com as mãos, fechou os olhos com uma sensação de desmaio. Estava ficando louca, completamente louca, não havia remédio.

Mas quando reabriu os olhos não viu mais nada e serenou. Fôra uma pequena vertigem sem nenhuma consequência. Um dia ainda libertar-se-ia de Pedro e de suas idéias.

Suspirou. E, de repente, com uma intensidade, percebeu que estava sôzinha em casa, sôzinha no mundo, perdida no espaço. E aquele silêncio profundo que parecia encher a sala de algodões fofos. E aquele vazio...

Começou a chover. Os pingos rápidos esmagavam-se contra a vidraça indifferente.

Luísa olhou. A calma foi voltando. Procurou analisar-se. Tudo era fruto dum cérebro perturbado. Frequentemente dera para confundir o real com o imaginário, o acontecido com o que estava para acontecer. Isso porque examinava tanto os prováveis fatos por vir que, quando estes afinal chegavam, ela indagava num misto de dúvida e terror: — mas isso não já aconteceu? Está se repetindo? Lembro-me de tudo tão direitinho!...

A chuva aumentava. Tudo lá fora se desmanchava.

Luísa passou as mãos pelos cabelos. Seria bom se pudesse contar a alguém tudo o que pensava, todos os volteios de sua imaginação. Seria bom se ela encarasse com naturalidade a estupidez das criaturas em geral, que viviam se enganando todo o tempo sobre uma infinidade de coisas. Às vezes ela olhava a humanidade como naufragos tontos, desesperados que no fim de um certo tempo jogados na imensidão de um oceano sem limites, confundiam os elementos e mergulhavam as cabeças na água na louca esperança dum salvamento impossível. Pois se o ar ficava acima!

Luísa mexeu-se inquieta. Ah, conhecer as causas primárias das coisas! Conhecer o resultado definitivo! Não fazer como os pobres naufragos!

Mas a consciência de sua solidão cresceu de novo. Nada adiantava nada.

Lembrou-se de Álvaro, do objeto de seu amor da sua inquietação. Nem mesmo ele era o pórtio, pela simples razão de serem um homem e uma mulher. Não podia haver um uníssono perfeito. Interesses diversos. Sensibilidades vulneráveis em pontos diferentes. O próprio centro de gravidade vital deslocado em cada um, naturalmente deslocado.

Pedro quis falar do fundo da sua consciência mas Luísa abafou aquela voz com um gesto definitivo. Não queria ouvir. Sabia de antemão o que ele lhe diria.

— «Mulher, olha as cordas da lira. Vibrar com a mesma música. E estão separadas.»

Pedro era estúpido. Ela desejava um amolamento perfeito, senão absolutamente nada. Certo um com sua própria sombra. Cada um encerrado dentro do próprio espírito.

Estremeceu.

Por isso era que, às vezes, ficava tão muda ao lado de Álvaro. Via a distância intransponível. Tinha vontade de mergulhar num poço de águas geladas e ficar perfeitamente imóvel no fundo. Como morta. Mas não morta.

E depois viver assim comprimida! Entre as recordações indesejáveis do passado e as interrogações irrespondíveis do amanhã; enquanto que no centro, onde estava, localizava-se a inquietação de um presente que não satisfazia. Para que lado fugir? Como romper uma brecha? Sabia ser impotente. Daí vinha o seu desejo frequente de viver sem ninguém, dar forma real à sua solidão disfarçada.

Mas outro quadro ganhou formas em sua cabeça. Era outono. As árvores despiam-se despidoradamente no meio da rua, mostravam o segredo dos seus membros retorcidos. Dançarinhas imóveis de uma dança macabra. Algumas metiam ninhos nos seios num vestígio de recato. Mas a maioria só se cobria mesmo de sol, respingando-se de mel. E aquele sol de outono morno e cúmplice, tinha uma claridade amortecida, avermelhada, como uma lâmpada velada dalguma alcova escondida.



Luísa não pôde conter isso tudo. Os olhos enormes dilatados de mistério. Um livro à mão, aberto ao acaso. Ela só tinha um desejo. Partir. Partir o mais depressa possível. Libertar-se de tudo que a prendia. Esmagar o passado. Partir completamente sem deixar traço.

Álvaro não ocupava naquele instante o menor dos seus pensamentos. Tudo desaparecia.

Foi quando baixou os olhos e percorreu com eles duas linhas de verso.

«Pensei em ti: eis que fluíram lágrimas após lágrimas... Sim, eu te amo!»

Horror. Dúvida. Desespêro. Tudo apagava-se para dar lugar à figura dominante de Álvaro.

Luísa levou as mãos ao rosto. Soluçou com a alma a rebentar-lhe nos lábios feridos. Não podia ser como um pássaro. Não podia despir-se como as árvores, às carícias de um sol febril. Não podia partir. Havia Álvaro. Havia aquela outra parte de si mesmo. Havia a conspiração da própria vida. Que revelação! «Eu te amo!» Sim, amava-o desesperadamente. Era a algema que lhe prendia o pé.

(Cont. na página 50)

FORTUNA (correndo na frente) APRESENTA — PEGA LADRÃO!



SEM PALAVRAS



SEM PALAVRAS



— Bom, quem estava assaltando quem?



— Não foi ninguém que ensinou não, querido... acho que é hereditariedade.



— Por aqui! Por aqui! O punquista deve ter ido por aqui!

Nossa melhor piada
de ladrão



SEM PALAVRAS

— Socorro! Roubaram a piada!



CONVERSA DE MULHER

LÍGIA JUNQUEIRA

Desenho de JAIRO

COMO ESCOLHER SEUS VESTIDOS

◆ Para ser elegante, não basta você vestir a última criação do melhor costureiro, ainda que seja ele um dos melhores da costura francesa. Um vestido bellissimo, talhado segundo os mais recentes ditames da moda, pode aparentar um vestidinho qualquer num corpo para o qual não foi idealizado. O melhor conselheiro nesse sentido será uma modista inteligente que aconselhe-a a vestir exatamente aquilo que oculte ou disfarce os defeitos de seu corpo e realce o que ele tem de perfeito e belo. Resumimos, em linhas gerais, alguns conselhos que hão de ajudá-la na escolha de seu novo vestido para este inverno:

★ Uma mulher pequenina, e magrinha deve preferir os modelos ricos, de pregas, enfeites e drapeados, em que o tecido possa suprir a falta de formas.

★ Ao contrário, as silhuetas pequeninas, porém cheias, exigem criações sem pregas e franzidos, ou talhes muito recortados. Fica-lhes melhor a linha ligeiramente em forma, a cintura baixa. O mais possível deve procurar alongar a silhueta o que não será muito difícil, sabendo escolher.

★ A mulher alta e magra preferirá os saias rodadas e as blusas trabalhadas, ou com «jobôs».

★ Se, porém, alta e forte, ficam-lhe bem as criações na linha «chemisier» e os blusões longos sem marcação na cintura.

★ Aquelas que têm a boa sorte de possuir um corpo com medidas normais (manequins 44 e 46), raramente errarão na escolha de um vestido, pois quase tudo lhes vai bem. Ainda assim é bom conhecer detalhadamente a própria silhueta, pois o «cem por cento perfeito» raramente existe.

Esses princípios são gerais, e aplicam-se aos quatro tipos principais em que se pode classificar o corpo feminino quanto a forma. Além disso, também a qualidade do tecido e as cores devem ser levadas em consideração. Por exemplo, as mulheres altas e fortes evitarão as cores berrantes, os tecidos espessos, e, principalmente, as listras horizontais.

Sua beleza

★ Os cravos negros, que as vezes aparecem junto ao nariz ou em outros pontos do rosto nada mais são que particulas de pó retidas em poros muito dilatados. Para retirá-los, faz-se uma boa massagem local com azeite de oliveira e depois aperta-se o cravo com uma leve pressão dos dedos (não com as unhas!). Logo que o cravo tiver saído é bom passar no local um pouco de éter, ou suco de limão.

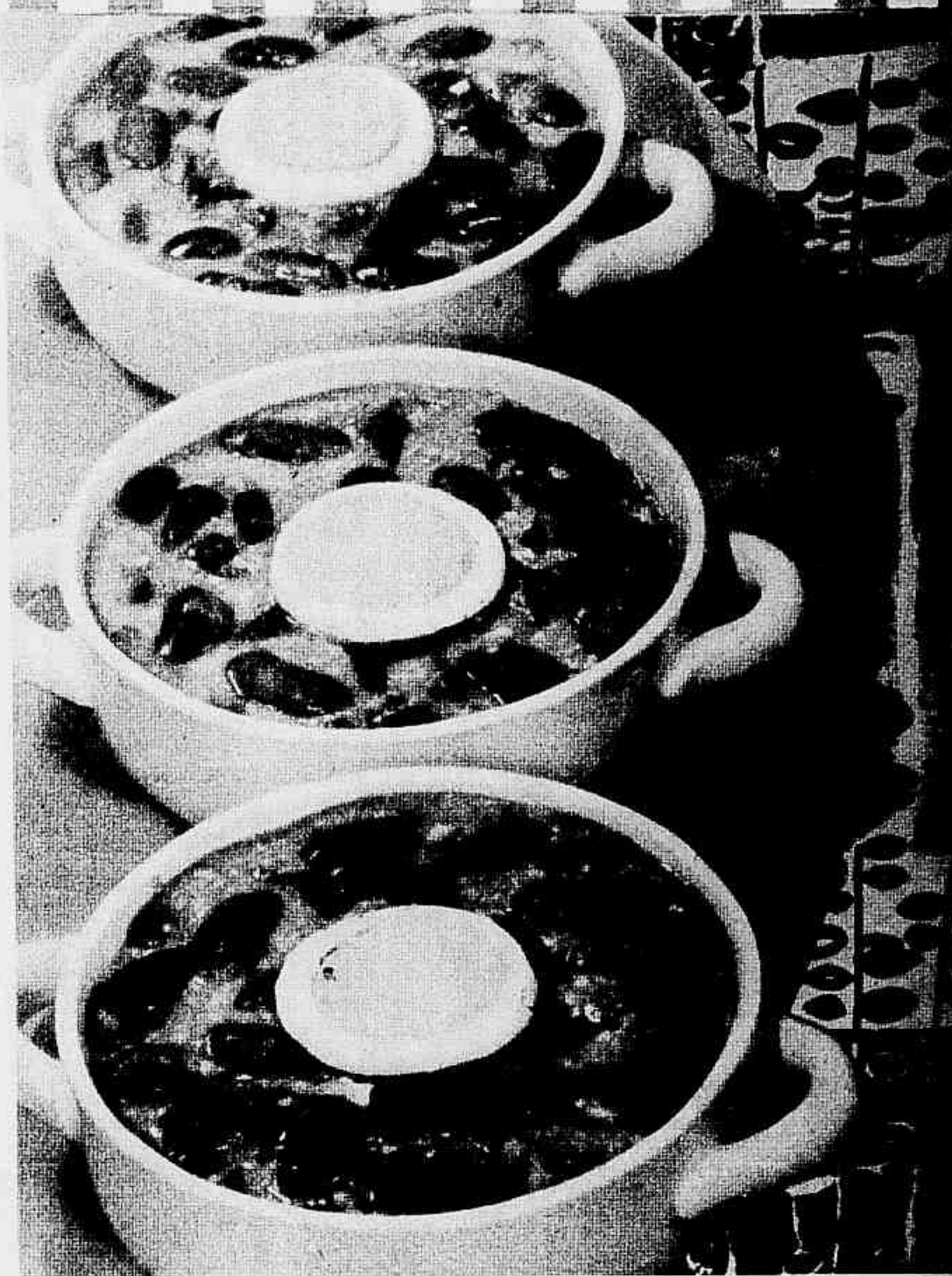
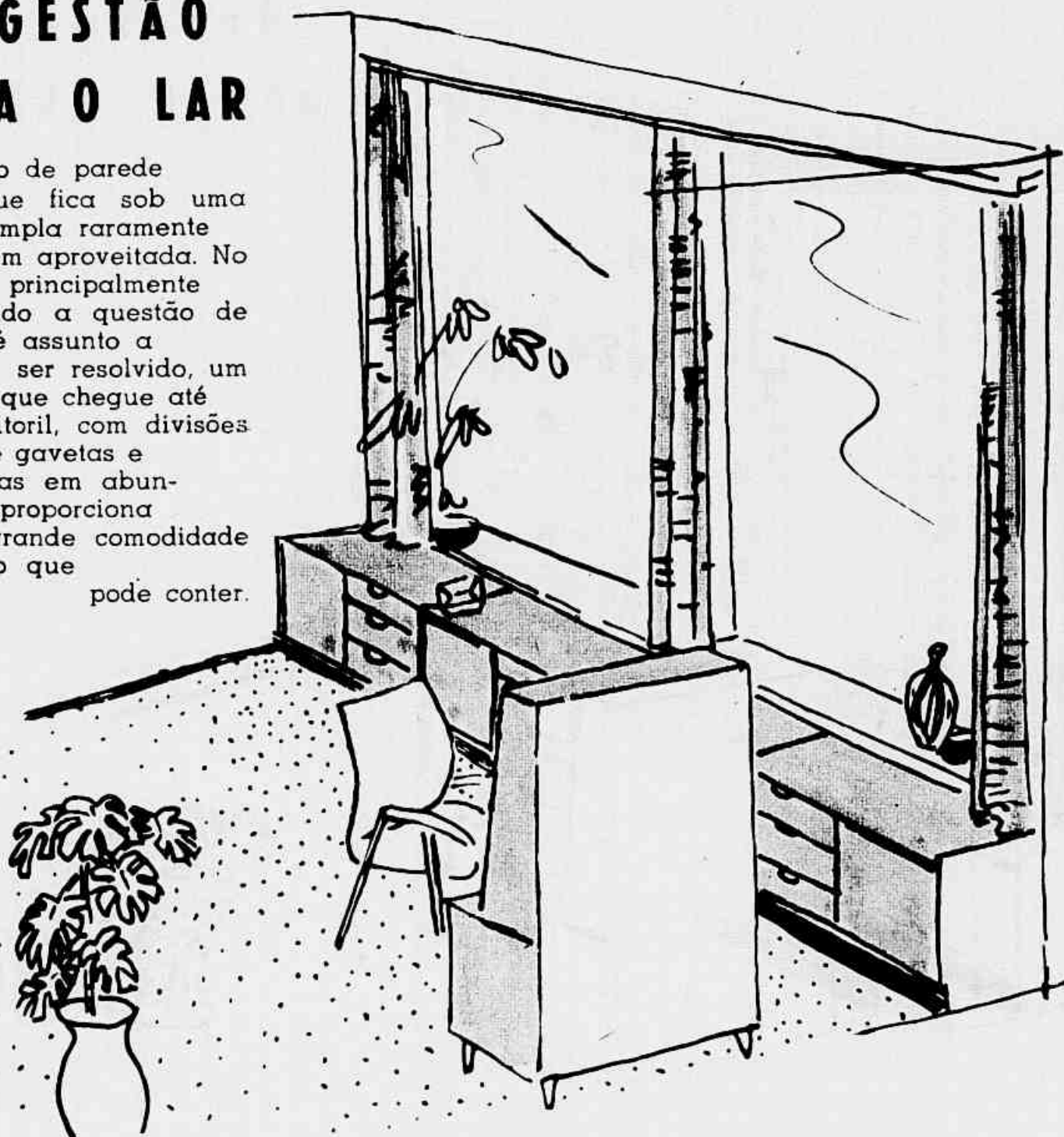
★ Muitas meninas-moças têm o hábito pouco elegante de roer as unhas. Sômente a força de vontade pode corrigi-lo. Pintar as unhas na manicure também ajuda. Quando em casa, o uso de luvas pode servir para evitar que a mão vá à boca devido a impaciência ou nervosismos.

★ Um bom fixador para o penteado pode ser preparado em casa (faça dose dupla, para seu marido também): Em 100 gramas de água quente misture: 6 gramas de bórax, 0,15 gr. de goma arábica, e 5 de álcool canforado. Agite bem. Acrescente algumas gotas de seu perfume preferido.

★ Se suas mãos estão ásperas e encardidas, o melhor tratamento consiste no seguinte:
— à noite antes de deitar, lave-as muito bem, com sabão e escôva, em água quente.
— enxugue-as e passe em seguida um creme especial para as mãos. Ponha luvas para dormir. Faça êsse tratamento durante uma semana, que suas mãos voltarão a ficar claras e macias.

SUGESTÃO PARA O LAR

A porção de parede que fica sob uma janela ampla raramente é bem aproveitada. No entanto, principalmente quando a questão de espaço é assunto a ser resolvido, um armário que chegue até o peitoril, com divisões várias, e gavetas e prateleiras em abundância, proporciona grande comodidade por tudo que pode conter.



Week-end na cozinha

Você já experimentou feijão com maçã? Pois constitui a base de um prato gostosíssimo que, além de tudo, é muito substancial. Com uma carne assada quente ou fria constitui refeição completa.

★ Lave e cate muito bem 250 gramas de feijão manteiga. É preferível fazer isso de véspera, e deixar o feijão de molho durante toda uma noite, pois assim cozinhará mais depressa. No dia seguinte lave mais um pouco, junte uma folha de louro e cozinhe.

★ Quando bem macio e quase sem água relogue uma boa concha desse feijão, em azeite e cebola picadinha. Junte ao restante, e misture bem. Tempere com sal e pimenta.

★ Numa frigideirinha à parte, cozinhe fatias de 2 maçãs num pouco d'água, com uma colher das de sobremesa de manteiga. Deixe ferver uns cinco minutos e junto ao feijão. Misture tudo, e sirva bem quente, em tijelinhas, enfeitando com rodela de ovo cozido.



COCK-TAIL NA «BOUTIQUE» — Com um elegante e muito concorrido «cock-tail», Cássio Muniz inaugurou sua «boutique». Destacadas figuras da sociedade, além de Givenchy e seus cinco manequins, compareceram. Os principais colunistas sociais da cidade estiveram presentes: Fernando Augusto, José Álvaro, Jean Pouchard, Gilberto Trompowski, João Rezende, Pomona Politis, Peter, Diana e João da Ega. Notei a ausência do meu amigo colunista Ibraim Sued, que naquele dia estava chegando de Paris. Especialmente convidado (contra a vontade de certo colunista), compareci.

Grand Monde internacional



KIM NOVAK, a loura atriz do cinema americano, virá próximamente ao Rio.

◆ Há bem poucos dias noticiei para vocês que eu não acreditava na realização do casamento da irrequieta Zsa Zsa Gabor com o milionário Hal Hayes. Agora, acabo de receber de Nova York a confirmação do meu furo internacional. Pois bem, ambos já se pronunciaram dizendo que não haverá mais casamento. — Ainda sobre Zsa Zsa Gabor, acho que ela não esqueceu ainda o célebre Porfírio (Don Juan) Rubirosa. Não duvido muito de sua provável reconciliação com Ruby. Vocês aguardem essa minha previsão! — No próximo dia 20 a srta. Mara Clark Rockefeller vai fazer seu solene «debut» no «society» de Nova York. Mara, que é filha do casal Nelson Rockefeller, será a debutante mais rica do ano em todo o mundo. Muitos «boys» nessa noite vão lhe fazer com certeza a devida corte. — A atriz Anita Ekberg, que se casou há poucos dias na Itália com Anthony Steel, usava um vestido branco super-decotado na cerimônia. Depois ainda reclamou do «zum-zum» que aconteceu. Também pudera! — O meu quase homônimo Jeff Chandler, vai filmar «Drango» ao lado de Linda Darnell. Esta será a primeira produção independente do Jeff. Well! — Cyd Charisse vai filmar o musical «Silk Stockings» de Cole Porter, ao lado do veterano e famoso Fred Astaire. Muito jazz nessa produção de Cole Porter. — Já se encontra em Nova York a figura internacional do brasileiro Jorge Guinle. O jovem Guinle fez recentemente muito sucesso na sociedade parisiense com o colunista Ibraim Sued, que já está de volta na pista carioca. O Ibraim promete trazer muito breve ao Rio a bonita loura Kim Novak, que tanto sucesso fez no último festival cinematográfico, realizado em Cannes. Bola na rede, com Kim Novak na pista. — Marilyn Monroe não vai casar com Arthur Miller, foi o que declarou ela mesma ao chegar a Londres, dizendo que eram apenas bons amigos. Aliás os colunistas de Nova York vinham noticiando esse casamento há bastante tempo.



Ilde Garavaglia não vai ficar noiva. Furo da semana para «gossips»

Gossips

◆ Estive outra noite com Ilde Garavaglia no «Foyer» do Municipal e perguntei se ela ia realmente ficar noiva (agora) do paulista João Batista Amaral Filho. Ilde, surpreendida com minha pergunta, disse: «Jeff, conheço o João Batista há apenas dois meses, portanto pode noticiar em sua coluna de «gossips» que não é verdade a notícia sobre nosso noivado. Pelo menos agora, somos apenas namorados». — Continua frio o romance entre Ricardinho Fazanello e Raquel dos Santos Jacinto. — A loura Baby Vignoli viajou para Paris, onde ficará quatro meses. Voltará casada? — Fui informado de que o deputado (elegância britânica, só falta o chapéu «gélot») Augusto Viana está se desquitando. Essa notícia está sendo publicada em primeira mão por esta coluna. Aliás, esse desquite está acontecendo na Bahia, terra natal do elegante deputado. — Estive no Rio a muito bonita Maria Helena (Bi) Crisóstomo. Bi está sem namorado. Até quando? — Já identifiquei a bonita loura que estava no Sacha's com o jovem Luís Carlos Peixoto. Trata-se de Lima Castro Neves. Lima foi vista almoçando na Pérgola em companhia do elegante paulista Geraldo (bom partido) Nóbrega e da sra. Suzana Pôrto Correia Leite. — Parece que a colunista Pomona Politis acabou seu romance carioca. Ao que tudo indica, o coração da colunista (cabelos louros e mais bonita) está voltado para Paris. — O casamento do ano será o de minha bonita amiga Carmem Teresinha Solbiati com o galante Tony Mayrink Veiga. — Continua aconselhando Zaida Saldanha a «snobar» determinadas pessoas. — O romance da colunista Cecília Dulce parece que vai ter um lançamento bomba no «O Cruzeiro». — Ricardinho Fazanello no bar do «Bife de Ouro» com os dois mais bonitos manequins de Givenchy: Denise e Jackie. Raquel não estava... — Fernando Setembrino e Nôno Seve continuam de par constante. — Não compreendo porque a bonita loura Ludmila Pompov, «charm-girl» de 55, não tem namorado. Ludmila mora em Niterói, e aconselho a vir ao Rio com muita frequência.

Pequenos Flashes

◆ **FESTA JUNINA NO LAGOINHA** — Vai ser no próximo dia 22 no Lagoinha Country Club devidamente a caráter com barraquinhas e tudo. Esta noite está sendo organizada pelo grupo jovem que comanda o Clube de Santa Tereza, tendo à frente o sr. Roberto Maia Monteiro. São patronesses dessa programada e com certeza movimentada noite, as seguintes senhoritas: Glorinha Capanema, Flávia Pacheco, Vera e Ticiane Saboia, Maria Dolabela Mamana, Sônia Gadelha, Regina Goulart de Andrade, Regina Malta Campos, Lew Cobre, Zaida Saldanha, Denise Leyraud, Solange Haouche, Regina de Davide, Mônica França, Mônica Coimbra Castro, Nícia Santos e Maria Manuela de Abreu. Esta coluna está patrocinando com absoluta exclusividade essa «festa junina», que será sem dúvida o maior acontecimento social deste mês. «Bola na rede». — O moderno restaurante do Clube Comercial continua movimentado e «bem» frequentado. Seu diretor social Alvaro Cardoso Feio está programando grandes festas para a «saison». Temos no Clube Comercial o sr. Boris que é o mais elétrico «public relations» que eu já vi. O homem está sempre circulando com muita rapidez pelos quatro cantos do salão. — Encontrei o jovem Lúcio Kovarik no Sacha's com Maria Helena (Bi) Crisóstomo, que estava chegando de New York, Washington e Cuba. Lúcio partia no dia seguinte para Londres, onde vai estudar durante dois anos na Universidade de Oxford. Felicidades, rapaz, e «Bola na rede». — Não foi surpresa para o colunista a vitória da chapa Mário de Azevedo Ribeiro e Francisco Eduardo de Paula Machado no Jockey Club Brasileiro. O meu amigo Celmar Padilha foi eleito para membro da nova Diretoria. — O novo «public relations» geral da VARIG é o eficiente e dinâmico Coelho. A escolha não podia ser melhor. — Agradeço ao sr. Luis Alves de Melo, pre-

sidente do Eldorado Country Club, de São Paulo, o convite que me enviou para o churrasco do dia vinte do mês passado. Infelizmente não pude comparecer porque o convite chegou às minhas mãos com atraso de 13 dias. Cada vez pior o serviço do nosso correio. — Dia 8 os novos Embaixadores da Índia receberam o «society» carioca para uma elegante recepção. — A cantora de fados Ester de Abreu e seus guitarristas, estão atuando com sucesso no «Mid-Night» do Copa. Na noite de sua estreia o deputado gaúcho Victor Issler chegou a ficar de pé para aplaudir a portuguesa cantora. — O galã do cinema nacional Cyl Farney disse-me que está filmando «Colégio de Brotos» para a Atlântida. — Quero complimentar este grande presidente que é o sr. Herbert Moses, o maior jornalista do Brasil, pelo seu jubileu na ABI, comemorado dia primeiro deste mês. Parabéns, Presidente. — Jorge Green está cantando no «Scotch», que é o bar mais bem frequentado de Copacabana. O «Le Bistro» que é o restaurante muito francês, seu «maitre» chama-se Robert. — Bem recebida a escolha da srta. Solange Haouche como «Rainha das Rosas» de 56. A menina é loura e bonita, além de desfilar com classe. A sra. Elza Haouche (sua genitora) está eufórica em ser Solange «Rainha das Rosas».



Solange Haouche «Rainha das Rosas» de 56 posa para esta coluna.



O casal Eurico Amado chegando ao Teatro Municipal.



Os senhores Arnaldo Brenha e Luís Henrique Lira conversam.



A elegante senhora Marize Graça Couto com o diplomata Luís Carlos Thedim.

Social Set

GALA NO MUNICIPAL — Foi na noite do dia primeiro, organizada pela jovem e dinâmica senhora Marize Graça Couto, com a apresentação da peça «O ANJO», de Agostinho Olavo, levada pelo Movimento Brasileiro de Arte. Apesar da noite ser de gala, muita gente teve a coragem de comparecer em traje de passeio. Aliás, isso é muito usado no Municipal, cujo êrro está na direção do Teatro que não toma providências, apesar das críticas (inclusive minhas) feitas para essa devida proibição. A casa não estava cheia, mas em compensação muita gente conhecida da sociedade carioca compareceu para prestigiar a noite promovida por Marize, que foi em benefício da Pequena Cruzada. Entre os presentes anotei: sr. e sra. Leopoldo Modesto Leal (Eunice estava bonita e elegantíssima), sr. e sra. Antenor Mayrink Veiga, sr. e sra. Alberto Bianchi (Olga estava com um bonito vestido vermelho devidamente comprido), sr. e sra. Fritz Alecastro Guimarães, sr. e sra. Eurico Amado, sr. e sra. Antônio Garavaglia, sr. e sra. Arnaldo Brenha (Arnaldo e Heleninha formam uma dupla elegante além de simpática), sr. e sra. Joaquim Xavier da Silveira, sr. e sra. Paulino Limpo de Abreu, sr. e sra. Silvío Schiller, srs. Aluizio Muniz Freire (Terezinha encontra-se em Londres, onde deverá ficar ainda dois meses), Fernando Setembrino, Luís Henrique Lira, Jackson Flores (que já voltou para Nova York onde reside), srtas. Ilde Garavaglia, Nêno Seve, Silvina Vidal, Glorinha Capanema, Clio Politis, Raquel dos Santos Jacinto e os cronistas Pomona Politis, Fernando Augusto e Gilberto Trompowski. «Merci», Marize.



Sr. e sra. Joaquim Xavier da Silveira, sr. Antenor Mayrink Veiga e o sr. e sra. Leopoldo Modesto Leal.



O casal Arnaldo Brenha combina um «cocktail» com o colunista.



Murilinho de Almeida durante o intervalo conversa com a bonita sra. Nicole Hime.



O muito simpático casal Alberto Bianchy esteve presente.

NA PALAVRA DE MONTEIRO DE CASTRO:

FOI TENÓRIO QUEM "COBRIU" A RETIRADA PARA O "TAMANDARÉ"

REVELAÇÕES E PORMENORES AINDA DESCONHECIDOS ★ OS BASTIDORES DO CATETE NA MADRUGADA DE 11 DE NOVEMBRO ERAM SOMBRIOS ★ QUANDO OS TELEFONES ESTÃO DESLIGADOS, O GOVÉRNO ACABOU ★ LOTT DE «CARA FEIA» E FIUZA TRANQUILIZADOR ★ «REVIRAVOLTA» NO PÔRTO DE SANTOS ★ O CHEFE DA CASA CIVIL DE CAFÉ E CARLOS LUZ DESCOBRIU O CINEMASCOPE



Reportagem de W. GUARNIERI

RELUTANDO em atender à solicitação de uma «entrevista-depoimento», sob a alegação de que «sempre viveu seus dias de homem público em trabalho modesto e despretencioso, na penumbra dos acontecimentos», acedeu por fim o Dr. Monteiro de Castro, ex-Chefe da Casa Civil dos governos Café Filho e Carlos Luz, em rememorar para a REVISTA DA SEMANA a sua participação nos eventos políticos de novembro último; «apenas num relato frio», conforme fez questão de frisar. Assim, foi-nos possível recolher a narrativa de episódios ainda inéditos na palavra daquele que pela sua condição de amigo e, em algumas vezes, prudente conselheiro de ambos os governantes, viveu aqueles dias históricos de nossa III República.

Procurado inicialmente pela reportagem no cartório de que é titular, numa das varas que funcionam no Supremo Tribunal Federal, concordou S.S. em atender-nos em seu apartamento do Leblon.

da envidraçada, trai a sua condição de mineiro. É o cumprimento franco e agradável das pessoas simples e sinceras. Recebe-nos, cordialmente, em mangas de camisas (que por sinal apresenta indícios de «restauração», em trabalho paciente que só mesmo mãos femininas são capazes de proporcionar). O recinto esvazia-se, rapidamente, de um grupo de moças que se distribuía pelo grupo estofado em alarido juvenil. O nosso entrevistado encolhe os ombros sorrindo e providencia a volta de iôdas para os cumprimentos de praxe.

Forma-se a fila e o dr. Monteiro faz as apresentações:

— Minhas filhas — Maria Flora, Maria Cristina, Maria Sílvia e Anna Maria...

— ... ainda faltam José Augusto e Antônio Carlos que estão no colégio... — emenda a mais moça.

— E a mamãe, naturalmente, que foi à feira — lembra o nosso anfitrião.

JULGANDO CAFÉ FILHO

Desaparecem as mocinhas e volta a calma ao ambiente. Sentamo-nos numa poltrona e o dr. Monteiro de Castro toma lugar ao nosso lado. Antes de entrar

própriamente no assunto, faz-nos um retrospecto do que foi a sua atuação como Chefe da Casa Civil, «um posto extremamente delicado que procurou exercer de modo discreto e impessoal».

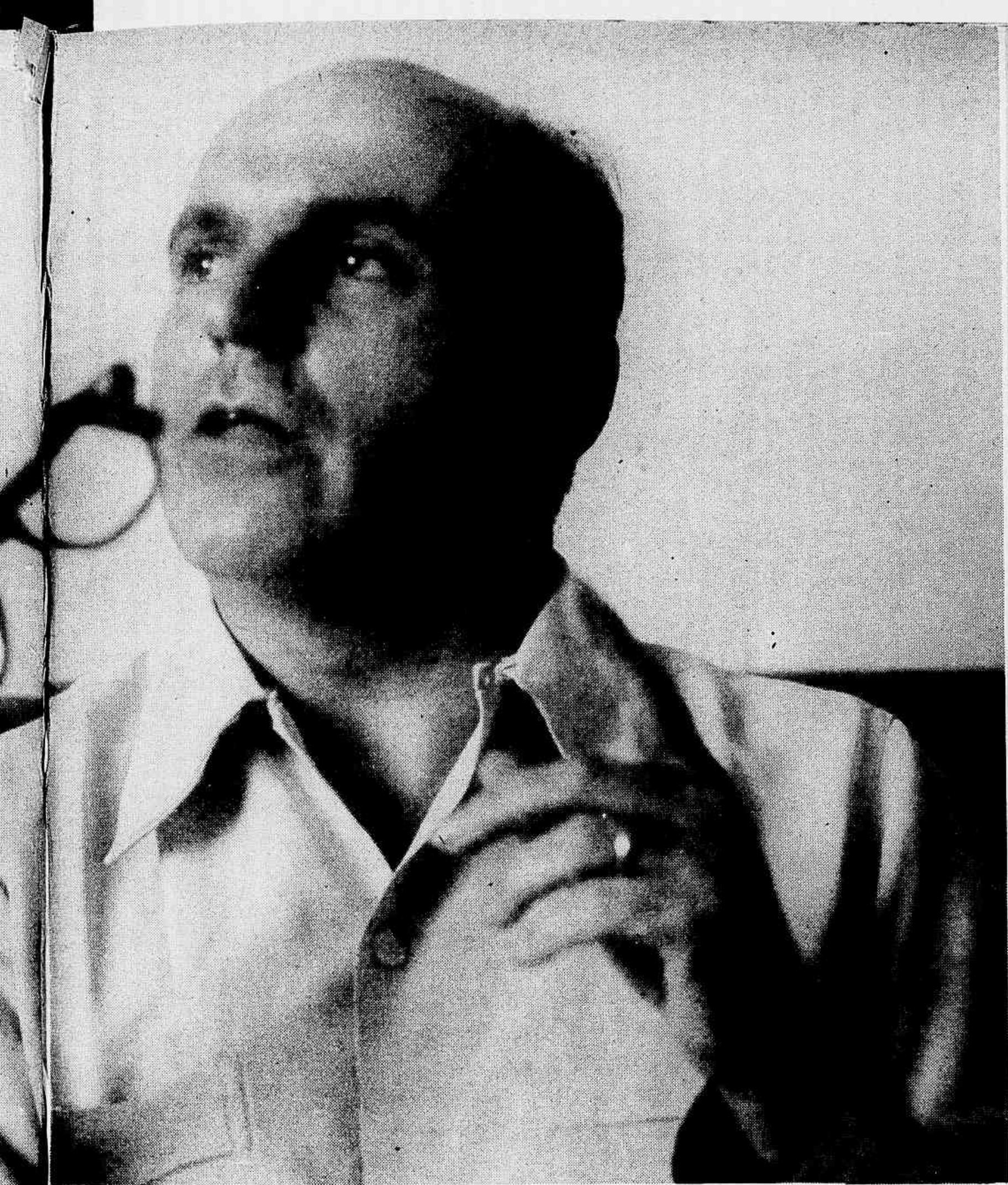
Do convívio com Café Filho guarda a lembrança da «consciência de suas prerrogativas e, o alto sentido da dignidade do Poder que no ex-presidente foram preocupações constantes» e acentua:

— A meu ver, a grandeza maior de seu Governo residia na resistência à tentação das realizações fáceis. Ao Governo (efêmero como era) seria fácil emitir para realizar e portanto — **brilhar**, sem sequer receber o impacto da inflação determinada por isso. Seria fácil, mas não patriótico. A minha modesta experiência como homem de governo me diz que as duas maiores virtudes de um governante são — a humildade e o equilíbrio. Foram essas justamente as duas maiores qualidades do sr. Café Filho.

Fala pausadamente, e em tom baixo, sem se preocupar muito com o rebuscar de termos. Analisando a política do ex-presidente, explana com convicção e serenidade:

«— O presidente Café Filho viveu o drama de ter de

A afabilidade com que nos recebe, no amplo «living» iluminado pelo sol que escoa através da enorme varan-



♦ Mineiro de Sabará e descendente do Barão de Congonhas do Campo, José Monteiro de Castro pertence a tradicional ramo de uma família de políticos. Os Monteiro de Castro e os Monteiro de Barros confundem-se, entrelaçados pelo parentesco e pelo ardor das contendas partidárias. Do «Ginásio Mineiro», em Belo Horizonte, à Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais (de passagem pelo Salesiano Santa Rosa, em Niterói) advoga por 12 anos na capital montanhosa e a predestinação se faz cumprir quando se une ao «movimento de Minas contra a Ditadura», em 1945. Ocupando a sua primeira função pública como secretário de Cristiano Machado, ao tempo da Secretaria de Educação, chega à Constituinte pela legenda da U.D.N., sendo reeleito em 54 já como secretário-geral do seu partido. No Parlamento, trava conhecimento com seu colega Café Filho e uma sólida amizade se faz.

♦ Homem calmo, de gestos e atitudes sóbrios, grande acuidade, aliada à viva inteligência e cultura, justificam plenamente o chamamento para o posto «extremamente delicado» que lhe destinou o ex-presidente — a Casa Civil da Presidência da República.

Afasta-se Café, entra Carlos Luz e não pode prescindir de seu concurso. «Discreto e impessoal», assim qualifica Monteiro de Castro a sua atuação à frente dos governos que viu constituir-se e também derrocar.

O relato «frio» que nos faz é bem uma «educa» nas efervescentes paixões de pronunciamentos «quentes» de tanta gente responsável nesses dias agitados.

É um relato também «discreto e impessoal» dos sucessos políticos que determinaram a DERROCADA DE UM GOVERNO EFÊMERO.

executar duas políticas, aparentemente contraditórias: a de se manter fiel ao espírito de 24 de agosto, expulsando da vida pública a todos os que a conspurcaram; e a de estancar o sangue das numerosas feridas que cobriam a Nação brasileira.

«Conseguiu, a meu ver, superar essas dificuldades; pois realizou um governo que se alinava às razões morais do movimento de agosto e o fez sem sacudir o País com movimentos de ódio ou de força, que pareciam ser os remates naturais àquela conjuntura política.»

LUZ RESOLVE DEMITIR LOTT

Nesse momento a palestra é interrompida pela entrada intempestiva de dois guris que chegam emocionados, falando atropeladamente. O menor deles se aproxima e diz aos gritos:

«— Papai, tá tudo em greve. Não «tem» aula... «nós» vamos parar os bondes da Rua Visconde de Pirajá...»

Intervém o mais velho:

«— Você é do «jardim de infância» e «jardim de infância» não está em «greve» coisa nenhuma... Nós, sim...»

Mas, o papai corta os arroubos de Antônio Carlos e José Augusto, que se retiram sob protestos.

Dando início ao seu relato, conta o ex-chefe da Casa Civil:

«— Por volta das 12 horas do dia 10 de novembro, afofando com o sr. Carlos Luz, no próprio Palácio do Catete, confidenciou-me S. Excia.: «Dr. Monteiro: Estou resolvido a convidar oficialmente o general Fiuza de Castro para assumir o cargo de ministro da Guerra. Desejo que o senhor me faça o favor de comunicar tal decisão ao presidente Café Filho ainda hoje.»

«A tardinha, partia eu para o hospital do IPASE, onde entrei em contacto com o ex-presidente, transmi-

tindo-lhe a comunicação do sr. Carlos Luz. O sr. Café Filho ouviu-me em silêncio e formulou um breve comentário, informando-me que, a seu ver, o ato poderia despertar reação inesperada. E nada mais acrescentou, terminando eu por me despedir de sua excelência, retornando ao Catete, onde cheguei por volta das 17 horas.

CHEGA LOTT «DE CARA FEIA»

Depois de esclarecer que os despachos presidenciais daquele dia vinham sofrendo sucessivos retardamentos, continua:

«— Quando o general Lott chegou em Palácio (mais ou menos às 17 e 20 minutos) acabavam de entrar no gabinete, para conferenciarem com o presidente, os srs. Mário Câmara (ministro da Fazenda) e Arthur Santos (vice-presidente da U.D.N.)

S. Excia. sentou-se na ante-sala de despachos e, logo após, fui até lá cumprimentá-lo. Achei-o muito sisudo. Estava mesmo de «cara feia». Cortêsmente, excusei-me em face de meus afazeres e deixei-o em palestra com o coronel Canavarro, sub-chefe da Casa Militar, tendo entrado, minutos após, o jornalista Elmano Cardim.»

QUARENTA MINUTOS DE ESPERA

«— O lapso de tempo que decorreu desde a chegada do general Lott até o momento de ser atendido pelo presidente Carlos Luz, talvez não tenha excedido de uns 40 minutos, pois, eu mesmo tomei a iniciativa de fazer uma ligação para o gabinete do presidente e entendi-me diretamente com o sr. Arthur Santos, a quem pedi — sem declarar-lhe o motivo — que fizesse o possível para abreviar a entrevista.»

«Pouco depois — acrescenta — foi o ministro da Guerra admitido no gabinete do sr. Carlos Luz.»

«TUDO CALMO NO CATETE»

Esclarece ainda o dr. Monteiro de Castro que nenhuma anormalidade foi notada no Palácio do Catete, após a saída do general Teixeira Lott, até o jantar que foi servido às 20 horas:

«— Mesmo porque — afirma — o ministro da Guerra, falando aos jornalistas ao sair, nada acrescentara que pudesse gerar inquietação.

«Depois do jantar, em companhia de membros do gabinete militar e do sr. Carlos Luz, houve uma sessão de cinema, como sempre acontecia, às quintas-feiras, no Palácio, que foi assistida pelo presidente e membros de sua família.

«Voltei, terminado o espetáculo, ao meu gabinete, a fim de despachar alguns papéis, e em seguida, rumei para minha residência, onde cheguei cerca de 22 horas.»

TENÓRIO AO TELEFONE

Depois de frisar que os temas políticos não tinham sido tratados durante a noite em Palácio, frisa S.S. que já se preparava para recolher-se, em sua casa, quando o telefone tocou:

«— Eram mais ou menos 11 e meia e o deputado Tenório Cavalcanti do outro lado do fio falava em tom grave, informando-me de que «sabia com segurança» que havia certos preparativos e rumores de movimentação de tropas, além de «reuniões de altas patentes militares», terminando por acrescentar «que a situação não estava boa, não...»

«Mal refeito da surpresa — prossegue — imediatamente procurei contacto com a residência do sr. Prado Kelly, e, posteriormente, com o presidente Luz, que, aliás, parecia não ter tido ainda nenhuma informação

MONTEIRO DE CASTRO



Mineirão patriarcal, a família de Monteiro de Castro é assim na hora da refeição. «Um garoto pendurado em cada braço» e mais: Maria Silvia (18 anos), Ana Maria (17), Maria Cristina (14 anos), Maria Flora (13 anos) e dona Maria de Lourdes «eternamente na casa dos vinte para mim» na opinião do chefe.

dos acontecimentos que vinham se desenrolando. Pediu-me ele, todavia, que passasse por sua casa, a fim de irmos para o Catete.

FIUZA TRANQUILIZA

Informa o nosso entrevistado que voltou então a comunicar-se com o ministro Prado Kelly, juntos rumaram para a residência do sr. Luz, e continuou:

«— Estávamos de acordo que, no Catete, evidentemente, haveria maior possibilidade de contactos e também de recolher informações. Para lá seguimos, no carro que servia à Casa Civil, o presidente Luz, o Kelly e eu.

«No Catete, procuramos pelo telefone obter confirmação através do general Fiuza de Castro, S. Ex.^a teve, no entanto, palavras tranquilizadoras para todos nós, pois acabava de comunicar-se com o general Lott e

dele tivera a informação de que «nada de novo estava acontecendo». Determinou, então, o presidente que o seu novo ministro comparecesse também ao Catete.

«Muitas outras pessoas estavam chegando, quando entrou o general Fiuza, em companhia do general Etcheagoyen e mais 3 outros oficiais.»

QUANDO FALHA O TELEFONE...

Prossegue o dr. Monteiro de Castro informando que com a chegada do deputado Tenório Cavalcanti, que fazia um relato mais pormenorizado da situação, as coisas começaram a se complicar um pouco. E acrescenta:

«— Tentando restabelecer a ordem e procurando contacto com os postos de comando, manteve o general Etcheagoyen conversações telefônicas com várias unidades do Exército e também com o coronel Ururahy da Polícia Militar. Sem êxito, porém.

«Era um verdadeiro apêlo no sentido de que se solidarizassem com o presidente da República e sustentassem o regime. Mas as notícias que nos chegavam através desses contactos eram desanimadoras, confirmadas por outras que deixavam antever a precária situação militar do governo legal. A comunicação de que a Chefatura de Polícia tinha sido tomada, e de

que forças regulares se movimentavam, bem dirigidas e bem controladas, para o palácio do Catete, não deixava mais dúvida quanto à nossa real situação.»

«TENÓRIO GARANTE A «RETIRADA»...

«O fim mesmo, que se aproximava inexorável, foi o total desligamento dos telefones do Palácio — frisa o nosso entrevistado, e junta:

«— Ai, nada mais restava fazer no Catete. Deliberou o presidente Luz, então, que nos transferíssemos para o Ministério da Marinha. E aqui cabe uma referência à conduta do sr. Carlos Luz, que sempre se mostrou enérgico, lúcido e viril em todos os momentos de decisão.

«Descemos as escadas e nos dirigimos para a calçada fronteiriça ao prédio, onde nos esperavam dois automóveis. No primeiro, seguimos o Kelly, o Marcondes Ferraz, o Luz e eu. No outro mais atrás, iriam membros do Gabinete Militar da Presidência. No Catete ficavam o general Etcheagoyen e mais alguns oficiais.

«Antes de ocuparmos os lugares no veículo, houve, como era natural, especulações em torno de uma provável interceptação de nossos passos, que terminou pela nota iracônica dada pelo deputado Tenório Cavalcanti.



«— Podem seguir, que eu «garanto a mão» lá atrás, no meu carro...»

«E de fato, seguiu o parlamentar alagoano com a caravana, «cobrindo nossa retirada».

«Todavia, percorremos o itinerário comum, com as ruas desertas. Notamos, apenas, forças dispersas, mas nosso trajeto não foi interrompido até àquele ministério.»

«PENA BOTO DECIDE»

Novamente nossa palestra é interrompida. Desta vez, por uma voz feminina que assoma a porta de entrada. É dona Maria de Lourdes, a esposa que chega, sobrando emburlos. Cumprimenta-nos amavelmente e vem fazer uma «reclamação» ao marido:

«— Pela primeira vez me acontece isto. Quando fui apanhar o carro na volta o pedal de «embreagem» deixou de funcionar... O que é que você «têz» com o carro para ele «enguiçar»?

O dr. Monteiro de Castro sorri condescendente. Pilheira com a cara-metade, e reinicia o seu relato:

«— No Ministério da Marinha encontramos, além da oficialidade do gabinete do Ministro Amorim do Vale, muitas outras patentes da aeronáutica e do exército, e ainda vários parlamentares. Presentes, estavam o coronel Mamede, os ministros Alencastro Guimarães, Munhoz

da Rocha, o deputado Carlos Lacerda e muitos outros correligionários.

Prossegue o secretário-geral da U.D.N. informando que com a chegada do presidente Luz, várias reuniões não formais tiveram então lugar no gabinete do ministro. O objetivo era fixar o itinerário para onde deslocar o governo. E frisa:

«— Por influência decisiva do almirante Pena Boto, e de acordo com a opinião da maioria da oficialidade ali reunida, verificou o sr. Carlos Luz que o melhor mesmo seria o embarque num vaso de guerra, mormente quando animadoras notícias nos chegavam de São Paulo, sobre a possibilidade de ali se instalar a nova sede do Executivo.»

A MENSAGEM DE LUZ

Depois de explicar que vários outros contactos telefônicos teve oportunidade de fazer então daquele Ministério, informa o dr. Monteiro de Castro:

«— Lembro-me, por exemplo, do chamado do líder Afonso Arinos em busca de notícias precisas. Nessa ocasião, comentando a situação, e informando-me da decisão do presidente Luz, fiz-lhe ver que achava extremamente útil que ele, Afonso Arinos, se deixasse ficar na cidade, a fim de procurar manter unidos os demais membros de sua agremiação partidária, e dar maior vigor às resistências que porventura se pudessem fazer no parlamento.

«Depois da decisão firmada — continua — enviou o sr. Carlos Luz uma comunicação escrita ao brigadeiro Eduardo Gomes, de que foi portador o chefe do gabinete do ministro Marcondes Ferraz. (Foi a mensagem interceptada pelo sr. Afonso Arinos, conforme depoimento do líder udenista publicado na edição anterior da REVISTA DA SEMANA).

«Antes de embarcar, também eu enviei um bilhete à minha esposa, comunicando-lhe a resolução tomada, entregue ao mesmo senhor, que por sua vez o transferiu a um motorista de carro oficial. Bilhete este, aliás, que nunca chegou a seu destino...»

A BORDO DO «TAMANDARÉ»

Conta o ex-chefe da Casa Civil que o transporte para o «Tamandaré» foi feito por uma lancha especial, mas que ele, atrasando-se, foi de automóvel, contornando o cais do Arsenal de Marinha, até onde se achava ancorada a belonave. De certo modo pitoresco, foi o seu embarque.

«— Chegando sozinho ao portão, e antes mesmo de identificar-me, falei ao único oficial nas proximidades «Eu desejaria embarcar...» O homem, numa mesura discreta, acrescentou simplesmente: «Pode entrar...» e fez um gesto de resignação com a mão. Pouco depois reunia-me ao nosso grupo na «Praça d'Armas» do «Tamandaré» (local destinado à oficialidade do navio).

«Ali ficamos, isolados — continua — sem saber exatamente o que estava acontecendo ao barco, que já levantara ferros. O ambiente era de certa expectativa, evidentemente. Mas, em nenhum momento vislumbrei inquietação ou temor.»

QUASE O TIRO FATAL...

Conta-nos o dr. Monteiro de Castro que, naquelas circunstâncias, qualquer um que vivesse aqueles momentos, tornar-se-ia fatalista como os demais. E narra:

«— Pouco tempo depois, quando o navio singrava a Guanabara em demanda à entrada da Barra, ouvimos os primeiros tiros de canhão. Alguns oficiais-médicos, que ficaram com nosso grupo de civis, forneciam detalhes, deduzindo a presumível posição do navio: «Deve ser a Fortaleza tal atirando... Agora, é o Forte tal...»

«Durante algum tempo, mantivemo-nos em silêncio, aguardando que a qualquer momento o pior acontecesse... Frases soltas e silêncio.

«Cerca de 25 minutos depois de iniciado o bombardeio, assomou à porta do recinto o almirante Pena Boto. E só então tivemos conhecimento exato do que se passara até aquele momento. Fomos informados de que por uma hábil manobra do comandante Heck (guinada em tempo oportuno) livramo-nos do tiro fatal...

«Soube, também, de que o aludido comandante, após a execução da manobra salvadora, tivera ímpetos de romper o fogo para responder ao ataque, só não o fazendo dado a firme determinação do almirante Pena Boto.»

«MESMO ATINGIDO, NÃO REVIDARIA»

«— Aliás, o próprio almirante Pena Boto, condescendo-me, mais tarde, teve palavras de gratidão e reconhecimento à brava guarnição do «Tamandaré» — aduzindo: «Só uma guarnição extremamente preparada, como é a nossa; suportaria, sem movimentos descontrolados e sem reação, a dura prova porque acaba de passar. Ainda mesmo que atingido, não ati-

raria em revide, dado à potencialidade de fogo deste barco. Até mesmo um tiro de ricochete poderia provocar sérios danos à população da orla marítima.»

SANTOS NÃO GARANTIA MAIS

Informa o dr. Monteiro de Castro que passados os momentos de perigo, e quando o «Tamandaré» já se punha ao rumo de Santos, notícias desanimadoras vinham através do sem fio.

«— A pior delas era a de que as fortalezas de Santos não mais estavam em condições de garantir um desembarque com êxito, pois que já nas proximidades de toda a orla do mar, as tropas do Exército tomavam posição.

«O presidente Luz reunindo-se com os oficiais e civis, e depois de breves considerações, decidiu que não havendo «um mínimo de condições militares para resistência em São Paulo», o navio deveria regressar ao Rio. E ordenou que uma comunicação urgente fosse passada à Esquadra (de fornos acesos na Guanabara) para que não tentasse mais romper o cerco da baía.

DESEMBARQUE

Finalizando seu depoimento, «friso», diz-nos o dr. Monteiro de Castro:

«— Do que foi o nosso desembarque e as gestões do emissário-oficial, dr. Ovídio de Abreu, muita coisa já se disse, e não creio que tenha nada mais a acrescentar.»

E conclui:

«— A não ser que chegando em casa (onde ninguém ficou alarmado, graças a Deus) meu filho menor José Augusto «estava zangado comigo porque o «Tamandaré» não atirou...»

«Café viveu o drama de ter de executar duas políticas aparentemente contraditórias: manter-se fiel ao 24 de agosto (expulsando da vida pública os que a conspurcaram) e estancar o sangue das feridas que cobriam a Nação Brasileira. Superou, a meu ver, essas dificuldades.»



ÚLTIMO FLASH

BULGANIN, KRUSHEV E O AMIGO URSO

NA COMITIVA soviética que visitou, há pouco, a Inglaterra, tomou parte destacada o jovem ursinho que o leitor pode apreciar na foto, enlevado a cheirar flores, como se se tratasse de algum Ferdinando camuflado. Pela mão dos ursos mais idosos Bulganin e Krushev, o ursinho foi levado como presente, até ao Palácio de Buckingham, onde o Príncipe Charles o recebeu de olhos arregalados e de braços abertos. Dizem os britânicos que esse ursinho foi a prova mais flagrante de que russos e ingleses desejam, efetivamente, conservar sua amizade, que de quando em quando sofre alguns arranhões. E' verdade que, no vaivém da visita soviética, uma rã desapareceu... Em todo o caso, sempre sobrou um ursinho. O caso é saber se se pode confiar numa amizade que possui, como símbolo, um urso — bichinho que não é lá dado a manifestações profundas de afeto...

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
DISTRIBUIÇÃO:
AGÊNCIA POLANO
Rua João Bricola, 46

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — N° 24 — Rio de Janeiro — 16-6-56

Propriedade da
Companhia Editora Americana
Diretor-Presidente.....**Gratiliano Brito**
Diretor-Comercial.....**Ivan Guimarães**
Diretor-Gerente.....**Wenceslau Quintais**
Diretor de Publicidade.....**J. M. Costa Júnior**
Redatores e corretores.....**S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna**
ENDEREÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 600,00
Seis meses.....	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 800,00
Seis meses.....	Cr\$ 400,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.
Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

CADA VEZ MELHOR!

O ANUÁRIO do

1956 ESPORTE 1956

ilustrado

**TUDO
SÔBRE O
FUTEBOL
CARIOCA**

(CARLOS ARÊAS)

**TODOS
OS
ESPORTES
AMADORISTAS**

**TUDO
SÔBRE O
FUTEBOL
PAULISTA**

(OLIMPICUS)

**Em
CÔRES**

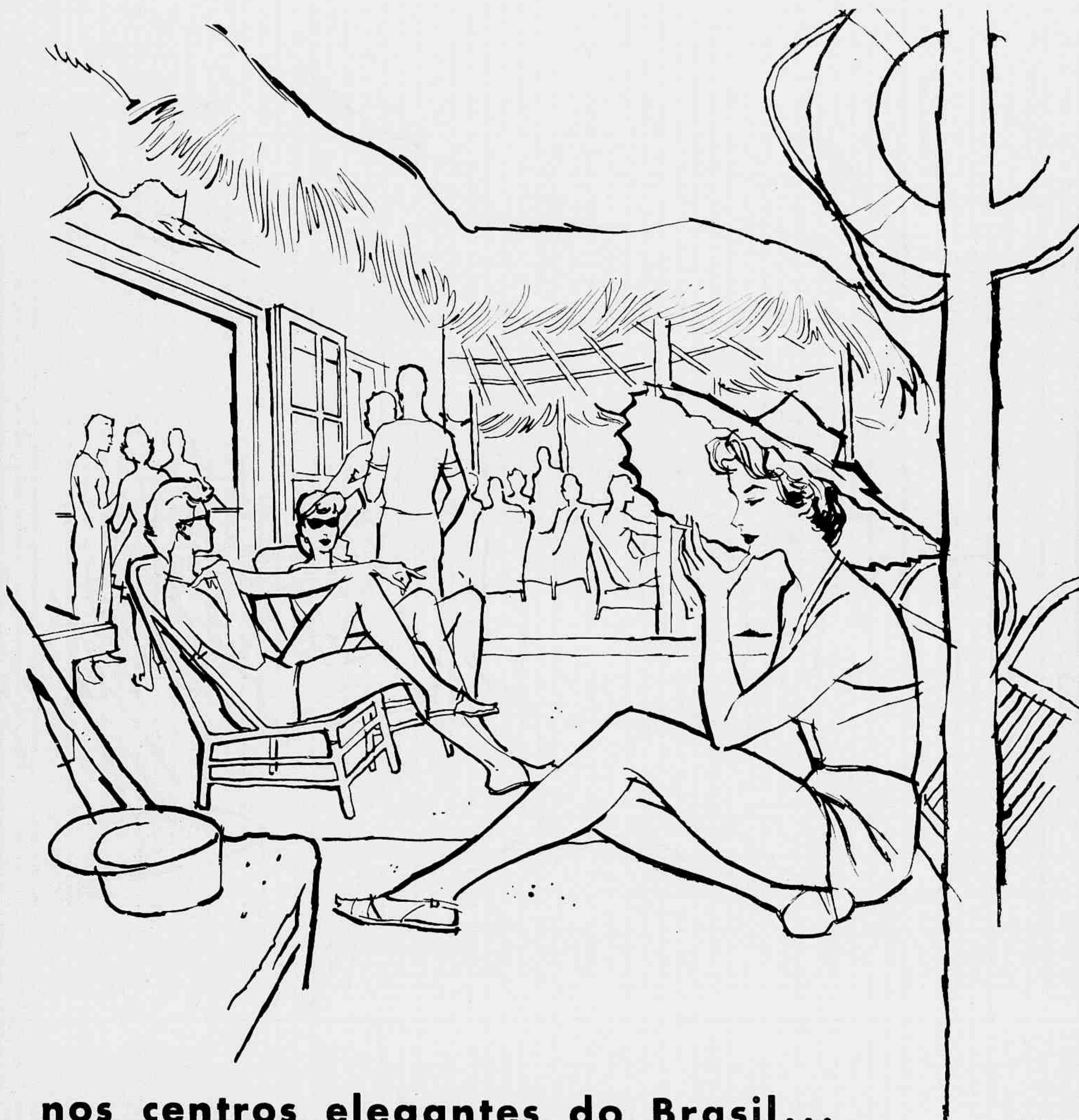
12 TIMES DO FUTEBOL CARIOCA
4 PRIMEIROS TIMES DO FUTEBOL PAULISTA

BREVE

EM TODO
BRASIL

BREVE

REDAÇÃO: RUA MARANGUAPE, 15 • RIO DE JANEIRO



nos centros elegantes do Brasil...

Em Jequití-Mar, famoso clube da praia de Guarujá,
em São Paulo, o ambiente agradável é um convite à reu-
nião de pessoas de bom gosto...

E na elegância de todos sempre se destaca o hábito de fumar...

hollywood
uma tradição de bom gosto

